

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Educação Financeira e Preparo Para o Consumo

**Opiniões e vivências de alunos, pais e professores envolvidos num
projeto em contexto escolar**

LÍVIA MACIEL SENA

Coimbra

2011

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

LÍVIA MACIEL SENA

Educação Financeira e Preparo para o Consumo

**Opiniões e vivências de alunos, pais e professores envolvidos num
projeto em contexto escolar**

Dissertação de Mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional, especialização em Gestão da Formação, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro e do Professor Doutor Joaquim Luís Medeiros Alcoforado.

Coimbra

2011

Pelo amor, por tudo...

Para os meus queridos pais

Wallace e Nina

Agradecimentos

No momento de vida em que tudo parece certo, surgem os questionamentos, dúvidas e incertezas que nos impulsionam a descobrir, investigar, querer mudar o que já foi mudado e viver o novo. Nesse momento interno em que me encontrava, me propus, em 2009, vivenciar e empreender este trabalho sobre um tema que sempre me interessou. Este estudo ofereceu-me a oportunidade de levar à investigação os fundamentos básicos sobre Educação Financeira e Preparo para o Consumo em um ambiente privilegiado para isso: a escola. Inspirada por minha querida mãe e amiga Nina, cumpri com o anelo de realizar o estudo nessa temática. Chegar ao final desses esforços possibilita comprovar que somos autores do nosso próprio destino, podemos mudar o nosso futuro e podemos fazer o que acreditamos movidos e pautados pelo conhecimento. Os agradecimentos que quero manifestar são para todos aqueles que me impulsionaram nessa busca pelo saber e possibilitaram que eu me sentisse capaz de concretizar um ideal que elegi como importante e necessário.

- A Deus pela energia e pela vontade de contribuir também para uma ampla corrente de bem que promova a ampliação de nossa consciência em todos os campos e a irmanação de esforços em prol de uma humanidade melhor.
- Aos meus queridos pais Nina e Wallace, meus verdadeiros amigos e companheiros, que me incentivaram nesse percurso desde o início, sempre presentes, dando exemplos de bem, de amor, de superação, dando suavidade e alegria à minha vida. Sinto que a educação que recebi repleta desse amor tão forte e especial, de amizade, da verdade e segurança são os pilares do ser humano que sou hoje e retribuo tanto amor com o compromisso de ser a filha de bem, capaz, determinada e valente que vocês me ensinaram a ser. Hoje mais do que nunca sinto com vocês a alegria de culminar este estudo, sinto que esse amor que nos une me faz ser valente e forte para conquistar tudo aquilo a que eu me propuser. A vocês, meus verdadeiros amores, meu muito obrigada!
- Aos meus queridos irmãos Bruno e Taís, amigos, pessoas de bem que me inspiram, com quem compartilhei as maiores alegrias na infância, na adolescência e agora jovem em nossa família e se configuram no meu porto seguro. Pelo amor, companheirismo, amizade, cuidado e confiança.
- Aos meus familiares Vovó Joana, Vovô João, Vovó Zezé, Vovô Egídio, Tia Bela, Tio Gustavo, Vovó Marlene, Tia Suzana, Tio Léo, Tia Meyre, Tio Wagner, Vovô Geraldo

e meus primos Enzo, Davi, Lucas, Rafael, Virgínia, Henrique, Júlia e Mariana que confirmam que a família é a base da nossa vida, é nela que experimentamos o verdadeiro amor e ensaiamos nossos primeiros passos aprendendo a ser e a querer superar a nós mesmos e colaborar para uma humanidade melhor.

- Aos meus queridos, sempre presentes e incentivadores amigos que são parte da família que escolhi Ludimila Martins, Ana Gabriela Lemos, Cláudia Murta, Marina Miranda, Flávia Vitorino, Mariana Alves, Maria Lúcia Silveira, Anita Lima, Adriana Rezende, Luciene Araújo, Mariana Araújo, Lúcia Nagem, Alana Lessa, Daniella Lessa, Maria Celeste, Fellippe Antoniazzi, Diogo Lemos, Verônica Rodrigues e Corina Pitella.
- Ao querido Frederico que com tanto carinho, amor, paciência, amizade e companheirismo se fez presente, com estímulos verdadeiros e colaboração nesse percurso, sempre com palavras suaves e seguras. E a sua família tão especial Cristina, Luís, Daniel e Sílvia que me receberam e acolheram em Portugal, possibilitando conhecer uma cultura tão encantadora e vivenciar experiências ímpares. Com o aconchego do lar verdadeiramente português, me senti um pouco em casa. A vocês, muito obrigada!
- Aos amigos de Portugal que se tornaram especiais em muito pouco tempo, com quem pude aprender e compartilhar, Paloma Moura, Daniela Fontana, Beatriz Gottardo, Elayne Alves, Sarah Oliveira, André Vilaça, Márcia Pinheiro, Ana Raquel e Márcia João. A todos vocês obrigada pela constante alegria.
- A todos os meus queridos amigos que não citei, mas que com respeito e carinho foram base de apoio em diferentes momentos da minha vida.
- À minha orientadora professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro que desde o primeiro contato manifestou uma alegria e energia admiráveis. Pela confiança e amabilidade com que sempre me recebeu ao realizar intercâmbios ricos e de muito incentivo. Pelo seu exemplo, dedicação e pela oportunidade de partilhar de verdadeiros momentos de aprendizagem.
- Ao meu orientador professor Doutor Joaquim Luís Medeiros Alcoforado que me recebeu sempre de forma muito afetuosa, proporcionou verdadeiras trocas de saber. Pela disponibilidade em acompanhar-me, pela paciência e generosidade demonstradas ao oferecer-me sua experiência e conhecimentos. Com o exemplo, incentivo, apoio, possibilitou que este trabalho se concretizasse.

- A todos os meus professores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em especial ao professor Doutor António Ferreira, coordenador do meu curso na Universidade, pelas inúmeras trocas que colaboraram na construção desse estudo, pelo interesse, atenção, amabilidade e pelo exemplo de dedicação e compromisso. E a todos aqueles que colaboraram de alguma forma para a minha formação e que compartilham comigo a certeza da missão altruísta destes que, como formadores de opinião são além de tudo colaboradores na formação de destinos.
- A todos os funcionários e colegas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação pelo incentivo e apoio, em especial à Teresa Urbano que foi meu primeiro contato na Universidade e tanto colaborou, em todos os momentos.
- Aos meus queridos alunos que me incentivam a querer ser melhor, que com tanto carinho transformam minhas manhãs em dias coloridos e para quem quero ser uma profissional mais capaz.
- Ao Colégio Logosófico González Pecotche e a Fundação Logosófica, criados pelo pensamento de bem de González Pecotche. Escola de que fiz parte como aluna e em que, posteriormente, vim a me dedicar profissionalmente como educadora e que me possibilitou capacitar, aprender, descobrir, conhecer e principalmente querer ser melhor. Agradeço ao Sr. Francisco Liberato e à Sra. Liara Salles, diretores da instituição, sempre colaboradores e amáveis, à vice-diretora Sra. Mayra Araújo que tanto me auxiliou e colaborou com seu exemplo de seriedade, dedicação e amizade, acreditando no meu ideal, à professora Tatiana Latorre responsável pelo projeto, docente que ama a profissão, com quem sempre com alegria e animados intercâmbios aprendi muito. E a todos do corpo docente, funcionários, alunos e pais envolvidos no projeto, enfim, a todos que fazem parte da comunidade escolar do Colégio Logosófico, obrigada. Sem vocês este estudo não seria possível.

"Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado até que seja enfrentado".

Albert Einstein

Resumo

As questões sobre Educação Financeira e Preparo para o Consumo têm ocupado grande espaço nas discussões e debates relacionados com a educação, suportados por contributos significativos de autores que se dedicam especificamente a essa temática. Um dos ambientes privilegiados para levar à prática este conjunto de pensamentos é a Escola, enquanto organização educativa que procura congregar e potenciar os interesses de diferentes agentes.

Assim, o presente trabalho teve por objetivo, primeiro, problematizar os contributos teóricos e as opções políticas dominantes, depois, caracterizar e avaliar um projeto que incluía uma dimensão de Educação Financeira e Preparo para o Consumo vivenciado por alunos, pais e professores do Colégio Logosófico – Unidade Funcionários, de Belo Horizonte, tendo como princípio o processo educacional e a relação entre a escola, a família e todos os envolvidos nos momentos de transferência das aprendizagens relacionadas com esses conceitos específicos. Procuramos compreender e descrever como se dá a veiculação dos conhecimentos relacionados com essa temática a partir das opiniões e vivências dos agentes envolvidos. Observou-se que a inclusão desses conceitos nas atividades educativas promovidas pela escola, pode contribuir de forma não negligenciável, para uma maior conscientização de todos os envolvidos, principalmente quando aliado à boa formação conjugada, por parte da educação oferecida na família, na escola e vivenciada por todos os agentes sociais envolvidos na educação.

Palavras chave: Educação Financeira, Preparo para o Consumo, Consumo Consciente, Formação, Educação, Escola, Família, Finanças, Dinheiro, Consumo.

Abstract

Financial education and preparation for consumption are issues that have occupied large space in discussions and debates regarding education. These discussions and debates had significant contributions from authors who are dedicated to this subject. A privileged environment to implement this set of thoughts is the school. The school is considered here an educational organization that seeks to bring together and enhance the interests of different actors.

At first this study aimed to discuss the up to date theoretical contributions and policies. Then, the study described and analyzed a financial education and preparation for consumption project experienced by students, parents and teachers of the Logosophical School – Funcionários Unity (Colégio Logosófico – Unidade Funcionários), from Belo Horizonte (Brazil). The project was based on the educational process and the relationship between school, family and everyone involved in the transfer of knowledge related to these specific concepts. We seek to understand and describe how the knowledge related to this topic is transferred, based on the opinions and experiences of those involved. It was observed that the inclusion of these concepts in educational activities offered by the school can contribute significantly to a greater awareness of all involved. This is especially true when the educational activities of the school are coupled with a good combined education: the one offered in the family, in school and by all other social agents involved in education.

Key-words: financial education, preparation for consumption, conscious consumption, background, education, school, family, finance, money, consumption.

Sumário

Introdução Geral.....	16
-----------------------	----

Capítulo I

A educação no contexto brasileiro e o ensino da matemática: Referências históricas, teóricas, conceituais e perspectivas

Introdução.....	21
1. Breve histórico, finalidades, objetivos e princípios da educação no Brasil.....	21
1.1. Escola em tempos de globalização.....	22
1.2. Aspectos da educação na realidade atual.....	25
1.3. A importante relação escola e família.....	27
1.4. Contextualizando a educação básica no Brasil.....	33
2. Breve histórico do Ensino da Matemática no Brasil.....	39
2.1. Ensino da Matemática.....	43
2.2. Metodologias no Ensino da Matemática.....	45
2.3. Matemática e a construção da cidadania.....	45
2.4. Matemática e a relação com outros saberes.....	47
2.5. Matemática no currículo.....	47
2.6. Contribuições de Ole Skovsmose para uma abordagem crítica do Ensino da Matemática.....	48
2.7. Síntese do capítulo I.....	49
2.8. Experiência escolhida.....	51

Capítulo II

Educação Financeira: uma ponte para um consumo inteligente e um mundo mais igualitário social e economicamente

Introdução.....	54
1. A importância da Educação Financeira.....	55
2. Preparo para o Consumo.....	59
3. Governo e as demandas da educação.....	66

4. Questões que foram despertadas para investigação – Enquadramento e fundamentos do projeto.....	73
5. Síntese do capítulo II.....	75

Capítulo III

Educação Financeira e Preparo para o Consumo: Caracterização e avaliação de um projeto numa turma de Ensino Fundamental 1

Introdução	77
1. Contextualização e objetivos do estudo.....	79
1.1. Projeto Feirinha do 5º ano.....	82
1.2. Questões e objetivos de investigação que orientam o presente estudo.....	88
2. Metodologia.....	90
2.1. Participantes.....	94
2.2. Instrumentos.....	95
2.3. Procedimentos.....	97
3. Resultados.....	98
3.1. Opiniões e vivências dos alunos.....	99
3.1.1. Contato e promoção da Educação Financeira e Preparo para o Consumo na Escola.....	99
3.1.2. Educação Financeira no ambiente familiar.....	100
3.1.3. Formação em Educação Financeira e Preparo para o consumo.....	101
3.2. As opiniões e vivências dos pais e professores.....	106
3.2.1. Contato e promoção da Educação Financeira e Preparo para o Consumo na Escola.....	106
3.2.2. Educação Financeira no ambiente familiar.....	116
3.2.3. Formação em Educação Financeira e Preparo para o consumo.....	119
3.3. Avaliação do Projeto A Feirinha.....	129
4. Discussão dos resultados.....	142
Considerações finais.....	155
Referências Bibliográficas.....	159
Anexos.....	162

Lista de SIGLAS

ANBINA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e Capitais
BCEN	Banco Central do Brasil
BOVESPA	Bolsa de Valores de São Paulo
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
COREMEC	Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização
DSOP	Instituto DSOP de Educação Financeira - Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FE	Faculdade de Educação
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
FELABAN	Federação Latino Americana de Bancos
FEP	Financial Education Project
FIA	Fundação Instituto de Administração
IDEB	Índice de Desenvolvimento de Educação Básica
LABFIN	Laboratório de Finanças
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MF	Ministério da Fazenda
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PREVIC	Superintendência Nacional de Previdência Complementar
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SED	Secretaria de Educação do Estado
SERASA	Centralização de Serviços de Bancos S.A
SPC	Secretaria de Previdência Complementar
SUSEPE	Superintendência de Seguros Privados
SRF	Secretaria da Receita Federal
STN	Secretaria do Tesouro Nacional

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1	Gênero dos participantes – Alunos
Tabela 2	Gênero dos participantes – Professores
Tabela 3	Gênero dos participantes – Pais
Tabela 4	Questões dos questionários relativas aos temas indicadores
Tabela 5	Já havia tido contato com a expressão Educação Financeira
Tabela 6	Já ouviu sobre o tema Educação Financeira e Preparo para o consumo na disciplina matemática
Tabela 7	Frequência com que ouviu sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo
Tabela 8	Frequência da importância da introdução deste tema na educação
Tabela 9	Frequência com que conversa com seus pais ou professores sobre o Educação Financeira e preparo para o consumo
Tabela 10	Realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo no ambiente familiar
Tabela 11	Frequência que recebe alguma formação sobre Educação financeira
Tabela 12	Frequência da importância de aprender novos conceitos sobre o tema na prática
Tabela 13	Frequência da importância da relação entre EF X CC
Tabela 14	Frequência em relação a promover outros projetos como Feirinha do 5º ano na escola
Tabela 15	Temas a aprofundar em Educação Financeira e preparo para o consumo: Categorias de resposta
Tabela 16	Conceitos de Educação Financeira e preparo para o consumo: Categorias de resposta
Tabela 17	Na disciplina matemática considera relevante abordar os temas sobre EF e PC (professores e pais)
Tabela 18	Frequência com que deve ser abordados os conceitos sobre Educação Financeira na disciplina matemática (professores e pais)
Tabela 19	Importância de divulgar os conceitos Educação Financeira e Preparo para o consumo para professores
Tabela 20	Importância da divulgação da Educação Financeira aos professores: Categorias de resposta dos professores
Tabela 21	Importância da divulgação da Educação Financeira aos professores: Categorias de resposta dos pais
Tabela 22	Já havia tido contato com a expressão Educação Financeira (professores e pais)

- Tabela 23** Considera relevante a introdução de novos conceitos sobre este tema na educação (professores e pais)
- Tabela 24** Deveria ser implementado como parte do currículo formal sobre Educação Financeira e preparo para o Consumo: Categorias de respostas professores
- Tabela 25** Frequência com que realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo no ambiente familiar
- Tabela 26** Frequência com que realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo no ambiente familiar.
- Tabela 27** Quais as atividades práticas ou teóricas que são realizadas no ambiente familiar
- Tabela 28** Considera relevante introduzir estes conceitos sobre Educação Financeira e preparo para o consumo na prática (professores e pais)
- Tabela 29** Na formação recebeu alguma orientação ou capacitação no que se refere à Educação Financeira e preparo para o consumo
- Tabela 30** Como professor realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema EF e PC na prática pedagógica
- Tabela 31** Atividades realizadas em ambiente escolar
- Tabela 32** O que mais chama atenção no tema e gostaria de aprofundar com o (a) filho (a)
- Tabela 33** O que mais chama atenção no tema e gostaria de aprofundar com o (a) filho (a)
- Tabela 34** O que compreende a respeito dos conceitos Educação Financeira e Preparo para o Consumo
- Tabela 35** O que compreende a respeito dos conceitos Educação Financeira e Preparo para o Consumo
- Tabela 36** O trabalho da feirinha favorece o desenvolvimento para um Consumo Consciente
- Tabela 37** Considera importante este projeto “Feirinha do 5º ano”
- Tabela 38** O que aprendeu com o projeto Feirinha do 5º ano
- Tabela 39** Trabalho da Feirinha do 5º ano favorece o Consumo consciente - Avaliação do projeto em relação ao consumo consciente

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Distribuição da amostra por idade dos alunos (N=33)
------------------	---

Lista de Quadros

Quadro I	Caracterização do Projeto “Feirinha do 5º ano”de acordo com as componentes do modelo de planejamento e organização de Cafarella (2002)
-----------------	--

Quadro II	Gerir o financiamento do projeto e manter os registros de despesas
------------------	--

Quadro III	Conceitos mencionados na palestra e citados em respostas dos alunos nos registros
-------------------	---

Quadro IV	Gostou de viver a experiência? Porquê?
------------------	--

Quadro V	Conheceu sobre si mesmo com a experiência
-----------------	---

Quadro VI	O que dificultou a realização do projeto
------------------	--

Quadro VII	Questões da investigação
-------------------	--------------------------

Lista de imagens

Imagem 1	Esquema representativo dos conteúdos Curriculares de Educação no Brasil
-----------------	---

Imagem 2	Esquema de compreensão do Capítulo 3
-----------------	--------------------------------------

Imagem 3	Imagem da fachada de entrada da Instituição Colégio Logosófico González Pecotche- Unidade Funcionários
-----------------	--

Introdução Geral

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional, tendo como princípio os processos de ensino aprendizagem relacionados com as iniciativas desenvolvidas no âmbito de temas como a Educação Financeira, as transferências das aprendizagens do domínio escolar, nomeadamente as constantes do plano curricular da matemática e a relação entre a família e a escola dentro desse campo de atividades educativas. Uma das convicções que mais força foi adquirindo, ao longo das últimas décadas, remete-nos para a constatação de que a educação não precisa de um local específico para acontecer. Não existe um local ideal ou o momento adequado. Toda oportunidade é um momento de aprendizagem e a organização escolar nos tempos atuais apresenta-se como uma mola propulsora do conhecimento, um veículo privilegiado, mas não mais a única fonte de conhecimento. Este trabalho procura descrever uma pesquisa sobre a Educação Financeira e o preparo para o consumo na realidade atual, tendo por base a observação e a avaliação de um projeto realizado, em uma escola específica, dentro dessa temática e a articulação entre a escola e as famílias no que se refere aos conceitos e conhecimentos que circulam sobre o tema.

Quer o projeto que serviu de base para este trabalho, quer a nossa posição de partida, estão alinhados com a perspectiva que considera fundamental uma articulação da educação na escola e nas famílias, dentro desse tema, como contributo significativo para o desenvolvimento de uma sociedade melhor.

Dessa forma, tem-se por objetivo apreciar a maneira como ocorre a comunicação entre a organização escolar e a família no que se refere à educação financeira e preparo para o consumo, como se dá a veiculação dos conhecimentos e conceitos relacionados a essa temática e avaliar o impacto de um projeto que foi realizado nesse sentido. O estudo dos conhecimentos que circulam na área de educação sobre educação financeira e preparo para o consumo pode clarificar os possíveis efeitos das aprendizagens e, desse modo, ser merecedor de uma investigação no âmbito da Administração Educacional.

A congruência, entre os diferentes ambientes educativos, na transmissão de conhecimentos e informações sobre a temática em questão deve ser entendida como um suporte indispensável na educação do aluno, desejando-se que possa ser potenciada a contribuição da comunicação e veiculação do saber para a eficácia da transferência de aprendizagem com resultados significativos para a vida diária.

Se é verdade que estamos perante um problema de importância recorrente, os tempos atuais estão se encarregando de lhe acrescentar uma pertinência inusitada. No Brasil, em 2010, mais de 80 milhões de brasileiros estavam endividados, cerca de 42% da população brasileira, segundo o Sistema de Informações do Crédito do Banco Central. De acordo com o especialista e educador financeiro Reinaldo Domingos, com uma oferta de crédito cada vez maior, o brasileiro não está sabendo lidar com as finanças. Para mudar essa tendência uma das ações inteligentes e preventivas é conscientizar os futuros consumidores oferecendo noções básicas sobre Educação Financeira e Preparo para o Consumo.

Para Domingos (2010) a educação financeira das crianças deve iniciar-se desde cedo e ter um espaço no ambiente escolar, devendo ser estimulada também em casa. Para ensinar os alunos/as filhos/as a lidar com o dinheiro no cotidiano, as escolas e os pais podem planejar e usar de algumas estratégias educativas mais específicas.

Constata-se que na atualidade as gerações não têm sido preparadas para lidar com o dinheiro; vivemos em uma sociedade muito consumista, com uma oferta de produtos através da mídia muito grande, levando os/as jovens consumidores/as a usar o próprio dinheiro de forma indevida, gastando demais e, quando o seu dinheiro acaba, o pensamento da criança é pedir aos pais para ir ao banco buscar mais dinheiro.

Ao idealizar a Educação Financeira como parte da educação da criança no lar e na escola, a criança tem em sua vida a possibilidade de adquirir o hábito de poupar e não apenas o hábito de consumir; com isso ela poderá atingir a maturidade em suas escolhas e decisões referentes ao manuseio do próprio dinheiro, aprendendo a respeitar o dinheiro, usando-o de forma inteligente.

No Brasil, no final de dezembro de 2010, foi criada a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), pelo Governo Federal. Essa ação confirma a necessidade da inserção imediata dessa temática nas propostas curriculares no País, prevenindo um grande mal que dificulta e faz parte da vida das pessoas, que é o analfabetismo financeiro.

Segundo Domingos (2010), inicialmente, a ENEF tem intenção de implantar aulas de educação financeira no ensino básico e, futuramente, criar cursos voltados para os adultos. É uma ação que se assemelha com o trabalho desenvolvido no Instituto DSOP de Educação Financeira, o qual oferece cursos e materiais didáticos sobre educação financeira para todos os públicos.

A coleção Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar - DSOP de Educação Financeira foi criada para alunos de 3 a 17 anos e atende a todos os ciclos educacionais (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). Para o ano de 2011, esse material deverá ser utilizado por alunos de aproximadamente 100 escolas distribuídas pelo Brasil. Domingos (2010) afirma que, ao combater o ciclo de pessoas e famílias endividadadas e inadimplentes financeiramente, existe a possibilidade de desenvolver e criar uma nova geração sustentável financeiramente.

Para responder aos nossos interesses e aos objetivos da nossa pesquisa, este estudo foi dividido em duas partes: a primeira, composta pelos dois primeiros capítulos, em que se trata do enquadramento da situação atual do Brasil dentro dessa temática e se apresenta a escola onde transcorreu o projeto incluindo uma descrição circunstanciada do mesmo; a segunda parte, constituída por um capítulo, em que se trata do desenvolvimento metodológico e se apresentam os resultados da pesquisa referentes ao impacto do projeto em termos de aprendizagens e de algumas mudanças de comportamento. Por fim, incluem-se as conclusões gerais e adiantam-se algumas implicações educativas do estudo, numa tentativa de contribuir, tanto quanto possível, para ajudar a repensar e a melhorar as atividades educativas existentes.

De uma maneira mais específica, no primeiro capítulo, procedeu-se a uma revisão bibliográfica que fundamenta o trabalho e tratou-se da importância da educação financeira e do preparo para o consumo nas escolas brasileiras. No segundo capítulo, foram abordados os aspectos relevantes apontados pelas políticas educativas no que diz respeito à educação financeira.

Na segunda parte, é feita a contextualização do estudo, justificando a relevância do mesmo e as questões que suscitaram a investigação nesse âmbito, é abordada a metodologia adotada no trabalho no que diz respeito à caracterização da população do estudo, à justificação da amostra selecionada e às técnicas de coleta e análise de dados. É descrito o projeto de educação para o consumo no Colégio Logosófico – “Feirinha” – que serviu de base à realização do presente estudo, no qual empreendeu-se uma pesquisa em que foi observada uma turma de 5º ano do ensino fundamental, totalizando 33 alunos, identificando os conceitos que são transmitidos pelos pais e professores para esses alunos dentro dessa temática e a vivência de cada um em sua educação pessoal.

Os dados coletados poderão constituir-se como uma contribuição não negligenciável para o estudo do processo de ensino-aprendizagem, ajudando a compreender o projeto realizado e os efeitos deste na vida dos alunos, professores e familiares no final do ano letivo.

Dessa forma, revisando todo o processo investigacional que pretendeu compreender a necessidade imediata de articular ESCOLA, FAMÍLIA E OUTROS SISTEMAS SOCIAIS, financeiros e não financeiros, apresentamos, nas considerações finais do estudo, algumas indicações que podem ajudar a construir programas educativos capazes de contribuir para transformar todos os agentes do processo educativo em parceiros interessados no desenvolvimento de futuros cidadãos conscientes, aptos a planejar suas ações dentro da realidade e orçamento em que vivem. Pensamos, dessa forma e ao mesmo tempo, estar contribuindo para sinalizar a importância da formação de novos hábitos e costumes para se consumir e administrar o próprio dinheiro inteligentemente, combatendo estilos de vida pouco conscientes e promovendo um desenvolvimento mais equilibrado da sociedade.

Capítulo I

A educação no contexto brasileiro e o Ensino da Matemática: referência históricas, teóricas, conceituais e perspectivas

"A Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda".

Paulo Freire

Introdução

Neste capítulo, vamos fazer uma breve análise histórica da educação no Brasil, tendo como parâmetro a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Compreendemos que todas as crianças têm direitos e, na política de educação infantil, as práticas com as crianças e as alternativas de formação vêm crescendo no que se refere a debates educacionais e à ação de movimentos sociais no Brasil nos últimos 20 anos. Esse direito à educação foi reconhecido e afirmado na Constituição de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na LDBEN de 1996 e está explícito nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e no Plano Nacional de Educação (PNE). Com as novas diretrizes, a formação de professores e as políticas municipais e estaduais passaram a dar maior atenção à educação infantil (Kramer, 2010, p.2).

Tencionamos apresentar, neste capítulo, as necessidades identificadas a partir dos novos documentos da educação dentro da disciplina matemática. Abordamos a forte influência que a educação recebeu com a aceleração dos processos de globalização, refletimos sobre como se encontra a educação na atualidade e focalizamos alguns aspectos considerados muito importantes sobre a relação entre escola e família. Tratamos a disciplina matemática segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, identificando como a matemática auxilia na construção da cidadania e como pode ser inserida nos temas transversais no currículo escolar. Pontuamos algumas contribuições de Ole Skovsmose sobre a Matemática Crítica, que nos remetem para uma nova forma de fazer uso desse conhecimento. Ao identificar que práticas em formação no tema Educação Financeira e preparo para o consumo começam a ocorrer, apresentamos, de forma sucinta, um pouco sobre a experiência observada em uma escola particular dentro da temática, que nos remete a algumas questões que surgem no decorrer do estudo e são situadas no capítulo seguinte.

1. Breve histórico, finalidades, objetivos e princípios da educação no Brasil

No período colonial, a ação educativa era missionária. Ao mesmo tempo que promoviam a difusão do evangelho, os educadores ensinavam normas de comportamento e os ofícios para o funcionamento da economia colonial. Isso ocorria com os indígenas e depois com os escravos negros. Depois vieram as escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos. Em 1824 surgiu a instituição primária e gratuita para todos, mas o direito real à escolarização foi lento. O que foi estabelecido como lei não era realizável, uma vez que

somente uma pequena parte da população era considerada cidadã e podia reivindicar seus direitos. O direito à educação era somente para as elites.

Em 1890, apenas 250 mil crianças se encontravam vivenciando o sistema de ensino, sendo que no país havia uma população total de 14 milhões. No final do império, 82% da população era analfabeta.

Em 1891 tiveram início as Reformas Educacionais, mesmo diante de tantas dificuldades encontradas na época tais como a responsabilidade pelo ensino básico ter sido descentralizada para as Províncias e municípios e a nova constituição Republicana ter também excluído os analfabetos do direito ao voto demonstrando o descompromisso da união com o ensino básico.

Em 1920, os educadores e a população buscaram ampliar as escolas. A partir de 1940, aproximadamente, começou a surgir por parte do governo a preocupação em relação à educação (Haddad e Pierro, 2000), tendo sido implementados, a partir deste ano, vários programas que, no entanto, cedo se desviaram de seu objetivo inicial, dentro de um país tão extenso com realidades tão diferentes no contexto da educação. “O desafio maior, entretanto, será encontrar caminhos para fazer convergir as metodologias e práticas da educação continuada em favor da superação de problemas do século XIX, como a universalização da alfabetização” (Haddad e Pierro, 2000, p.128).

1.1. A Escola em tempos de globalização

A escola em uma determinada época acaba sempre por ser condicionada pelas necessidades e pelos interesses predominantes da cultura vigente, a qual é principalmente influenciada pela relação das elites com a tecnologia (Ferreira, 2005). Entendemos que a escola, em cada tempo que se encontre, cumpre com as necessidades daquela época e daquele povo, atendendo a demanda e condicionada pelo interesses da cultura vigente.

Nos dias de hoje, as realidades são marcadas essencialmente pelos processos de globalização, os quais, de acordo com Sacristán (2003, p.91), se apresentam como um conceito novo que “significa o estabelecimento de interligações entre países ou partes do mundo, intercambiando-se as formas de viver das suas gentes, o que estas pensam e fazem, gerando-se interdependências aos níveis da economia, defesa, política, cultura, ciência, tecnologia, comunicações, hábitos de vida, formas de expressão etc”.

Ainda segundo o mesmo autor (Sacristán, 2003), o que afeta a cultura geral afeta a educação, pelo fato de que os fenômenos educativos são também de aculturação, afetando assim todos os sujeitos, pelo que os movimentos seguidos pela cultura, projetam-se nos conteúdos que serão transmitidos na educação. Logo, a partir de uma determinada concepção de cultura, surgem determinadas consequências que permitem compreender e desenvolver a educação. Na cultura geral, esses processos se tornam mais enunciados pelo impacto das tecnologias da informação.

Santos (2003) pontua que o que normalmente denominamos como globalização são, na verdade, conjuntos diferentes de relações sociais que dão origem a diferentes fenômenos da globalização. Dessa forma, não há uma única forma de globalização, existem na realidade globalizações.

A globalização é uma nova forma de compreender o mundo atual e ver como este se transforma. “É também um modelo desejado, temido e vilipendiado; quer dizer que é uma imagem desejada e negada ao mesmo tempo” (Sacristán, 2003, p.92). É um processo que se desenvolve com muitas peculiaridades, podendo ser analisado a partir de planos diferenciados e não chega de forma igual às diferentes regiões econômicas e culturais. “A globalização afeta as posições e formas de ser dos indivíduos que não ocupam o mesmo lugar na sociedade ou na cultura, com desiguais capacidades de assimilar suas vantagens e diferentes probabilidades de suportar e resistir aos seus inconvenientes” (Sacristán, 2003, p.94).

Sacristán também afirma ainda que “No mundo capitalista, com fortíssimas desigualdades entre os indivíduos e grupos sociais e povos etc., processos como esses só podem ser assimétricos. Em vez de globalizar o desenvolvimento, o que parece estar a acontecer é a extensão das desigualdades e o domínio dos que agem como ‘globalizadores’ (que, aliás, estão bastante coordenados) sobre os ‘globalizados’, que acabam por ser fragmentados. Significa isso que estamos a viver o drama de uma globalização que exclui” (2003, p.95).

Entende-se que a cultura é compartilhada por um grupo específico de sujeitos e existe, está viva, por que engloba esse grupo. A língua, por exemplo, é um objeto e uma prática globalizados, à medida que dela se vão apropriando um maior número de habitantes. Quando é praticada por muitas pessoas, fala-se de línguas universais, não significando, no entanto, que seu uso seja idêntico por parte de todos os que têm necessidade de utilizá-la. O novo entendimento de globalização de acordo com Santos (2003, p.433) “é o processo pelo qual

determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival”.

A ideia de universalidade compartilha com a globalização o fato de as duas se referirem a algo que pertence e é partilhado, aplicável ou se estende a um número bastante grande de pessoas. Universalidade refere-se à validade e capacidade de generalização de ideias, princípios e regras morais, apoiadas na força e razão. Globalização refere-se às conotações políticas, econômicas e culturais, baseando seu significado na expansão de ideias específicas, princípios e modos de vida entre seres humanos. A relação globalização e universalidade vai mais na direção de formas de viver, pensar, admirar e querer dos sujeitos existentes na realidade. A globalização é um fenômeno cultural de caráter plural, sendo que nele participam indivíduos interagindo entre si, sociedades, sistemas e toda a humanidade (Sacristán, 2003).

“Muitos autores tendem a ver na globalização uma pluralidade de fenômenos econômicos, sociais, políticos e culturais, que os impele a recusar uma análise baseada em um conceito pretensamente unificador” (Alcoforado, 2008, p.68).

Nos muitos discursos sobre educação, a palavra globalização está presente ao longo das últimas décadas. Em alguns momentos apresentou-se de forma positiva, em outros como algo negativo, mas o principal que deve ser levado em conta é que utilizar esta palavra implica tratar dos muitos processos vividos pela educação no âmbito das múltiplas facetas proporcionadas pela globalização.

Charlot (2007) pontua que para compreender melhor o que ocorre entre educação e globalização, é preciso tomar conhecimento de quatro fenômenos:

- 1- Após o segundo conflito mundial, a educação foi pensada em uma lógica de contributo para o desenvolvimento econômico, predominante no período entre 60 e 70;
- 2- Foi, depois, condicionada pelas novas lógicas socioeconômicas e pela aceleração da integração econômica internacional, marcada pelos processos da globalização, fatos que dominaram na década de 80, surgidos da crise dos anos 70;
- 3- Suporta todas as tensões da globalização em si, decorrentes da integração entre as economias e a formação de blocos transnacionais;
- 4- Por último, é chamada a responder ao processo de abertura mundial, chamado de movimento de solidarização da espécie humana.

Numa breve síntese, podemos dizer que, a partir das décadas de 60 e 70, a visão sobre a educação que até antes da 2ª guerra mundial era vista para construir a nação, passou a ser vista como desenvolvimentista, deveria estar a serviço do desenvolvimento da nação. Depois disso, na década de 70, muitas coisas mudam na relação professor e aluno, mas a “forma escolar” (estrutura da escola, turmas divididas por idades, etc) permanece igual. A visão de que a escola era só para passar de ano não estava bem, uma vez que a aquisição do saber precisava ser significativa na vida do educando.

Da década de 80 em diante, a sociedade vive constantes mudanças e a oferta e demanda para a escola aumentam, transformando os saberes que ela disponibiliza numa “mercadoria”. A lógica neoliberal estava sendo vivenciada pelo mundo inteiro e isso também reflete no ambiente escolar. A qualidade precisava aparecer nesse contexto também.

À medida que o mundo vivenciou a globalização, abriram-se novas fronteiras e a escola passou então a enfrentar novos desafios, sendo um deles o de oferecer eficácia e qualidade caminhando juntamente com a sociedade e evoluindo também. A escola passou a vivenciar uma nova relação com o saber e o aluno não se encontrava mais nesse ambiente somente para passar de ano como foi mencionado anteriormente. Mas o que era mesmo a qualidade e a eficácia que a escola deveria oferecer? O professor, antigamente, era quem detinha o conhecimento e o transmitia ao aluno. Mas na era dos avanços tecnológicos e frente a tantas mudanças, o professor precisa assumir a posição de profissional, ele passa a intermediar o conhecimento e deve fazer uso da internet e das novas tecnologias para orientar o aluno a capacitar-se e ter autonomia para buscar o conhecimento por si próprio e julgar o que lhe será útil de verdade.

1.2. Aspectos da educação na realidade atual

A educação é uma forma de universalizar os traços da cultura e, ao mesmo é afetada pela globalização em geral. Em relação à cultura, a globalização incide sobre os sujeitos, interfere nos conteúdos escolares, na relação escola-meio externo, nas políticas educativas e nas razões através das quais tomamos e fundamentamos as decisões relacionadas a esses aspectos (Sacristán, 2003). As políticas educativas dos diferentes países são, cada vez mais, semelhantes e vão ao encontro das necessidades da economia, da tecnologia e das ciências globalizadas, mostrando as mesmas prioridades entre elas. Essa sincronia é fortalecida também por motivo da grande comunicação de línguas e discursos que se expandem por meio

das organizações internacionais e regionais. Dessa forma, advém um pensamento único pedagógico, voltando-se a educação para atender as necessidades do mundo do trabalho e esse mundo de produção de bens e serviços necessita de uma específica qualificação da força de trabalho por parte dos sistemas de formação que estiverem relacionados aos sistemas educativos nacionais. O novo mundo mais globalizado para uns do que para outros, traz a necessidade de definir e replanejar os critérios de igualdade de oportunidades educativas, a partir de modelos mais amplos e políticas educativas também globalizadas para ser um processo feito de forma justa.

Com todas essas mudanças, a finalidade da educação modifica os seus conteúdos de transmissão de conhecimentos e da cultura em geral para atender às necessidades do mundo atual em todos os campos: econômicos, culturais, tecnológicos, ciências globalizadas, etc. Além do mencionado, a educação deve sempre considerar as funções de desenvolvimento, de subjetividade e, em especial, das identidades pessoais recordando a rapidez com que as pessoas se desenvolvem de maneiras complexas. Sacristán pontua que a educação não pode ficar a par de todas as mudanças constantes do mundo atual oferecendo resistência, e deve ao mesmo tempo utilizar de forma inteligente as novas possibilidades. Também é de suma importância frisar a tendência dos currículos a cada dia estarem mais globalizados, currículos com conteúdos válidos para todos, mas que não devem perder a identidade de cada um. As escolas, segundo Sacristán, são, nesse novo contexto, “agentes provocadores de vínculos sociais de caráter simbólico que colaboram, ao lado de outros, para cimentar as bases de entendimento entre outros seres humanos. O seu poder socializador reside na sua capacidade de “englobar” ou de incluir os alunos numa dada tradição cultural”. Ainda afirma que “A escola é um agente que literalmente aumenta a cultura, globaliza conteúdos e contribui para esse processo de civilização, homogeneizador e natural” (2003, p.121). E, para ele, para legitimar essa função globalizadora mais universal, o projeto pedagógico tem que ser dialogado democraticamente, podendo incluir tanto a riqueza cultural própria como aquela que é importada de outros. Assim, a educação é entendida como uma ferramenta que possibilita transcender o local e o próximo, abrir-se a um mundo mais cosmopolita, identificar as oportunidades, capacitando os sujeitos de competências e atitudes.

No contexto atual, a educação e os métodos utilizados vieram passando por grandes mudanças em sua estrutura inicial com o objetivo de modificar a forma de aprendizagem. Nos

últimos 20 anos o Brasil sofreu grandes mudanças, idas e vindas no quadro escolar e na transmissão de conhecimento.

Atualmente educar uma criança em sala de aula, não se resume a oferecer apenas os conhecimentos ao aluno. A globalização, as novas exigências por parte dos pais e responsáveis, as constantes mudanças que ocorrem no mundo, exigem do educador uma postura diferenciada e segura, uma ação pedagógica inovadora e consistente. Transmitir conhecimento por meio da realização de projetos que capacitam, estimulam a autonomia e o gosto pelo saber, usando as novas tecnologias e as informações e conhecimentos prévios que os alunos possuem, são elementos muito valorizados pela sociedade atual e é um dos temas que trataremos neste trabalho.

1.3. A importante relação escola e família

López (1996) afirma que, segundo Quintana Cabanas, a educação acontece primeiramente no lar, sendo a família o principal agente responsável da educação, pois tem uma força modeladora imensa sobre os filhos, relacionando com o forte vínculo entre pais e filhos, a dependência afetiva e o tempo de dedicação dos pais, muito distinta do professor em sala de aula. Os anos de influência direta na ação educativa dos pais sobre seus filhos vão até a juventude e, quando as crianças começam a se tornar jovens, a educação vinda dos pais inicia uma fase mais problemática, fase em que os filhos adquirem personalidade e querem tomar suas próprias decisões. Dessa forma, os pais devem procurar exercer uma influência na educação de seus filhos, que só deve “cessar” teoricamente quando o filho chega na maturidade em todos seus aspectos. Contudo, muitas famílias não têm tempo real para se dedicar à educação dos filhos como gostariam ou seria o ideal. Mas Quintana afirma que, na realidade, não é o número de horas que os pais têm de contato com os filhos que tem maior importância, senão a intensidade e a boa orientação da ação educadora, durante as poucas horas que eles tenham para se dedicar. Mesmo que tenham pouco tempo, se houver interesse e um bom método, pode-se realizar uma grande obra educativa com os filhos (López, 1996).

Dessa forma, como aspectos importantes da educação familiar, o professor Quintana (López, 1996) afirma que a base familiar de toda educação é insubstituível e fundamental. Na família se colocam os pilares não só da maturidade pessoal dos filhos, senão também de seus hábitos gerais. É na família que acontece a educação do coração, a educação sexual, a educação religiosa, a educação das boas maneiras. Na família, mesmo que os pais não tenham

a intenção de educar em determinado momento, a educação acontece informalmente e a todo instante, nas peculiaridades do ambiente familiar. É uma educação permanente que começa desde o nascimento do filho, e sem data para cessar, uma vez que o ser humano recorre a algum apoio ou conselho quando precisa, por parte de pessoas mais preparadas do que ele próprio. É inevitável e soberana no sentido de que são os pais quem decidem como deve ser a educação de seus filhos. A família é a primeira a ser beneficiada da liberdade de ensinar, devendo tomar todas as escolhas básicas como ela compreende ser o melhor para o bem dos filhos (Lopéz, 1996). Em uma família a educação também ocorre por parte de todos, que se educam a todo instante.

Aprender a ser é uma experiência humana fundamental, segundo Reboul (1980). O autor cita em seu livro “O que é aprender” que Protágoras dizia que se pode aprender tudo, desde a arte de governar até a de conquistar amigos, contudo, Aristóteles já notava que a sabedoria prática, a mais alta virtude humana, segundo ele, não se ensina; esta só se adquire por meio de uma longa experiência e com a condição de que o indivíduo seja capaz de aproveitar a sua própria experiência.

Aprender não é, de forma nenhuma, um verbo passivo; informar-se, exercitar-se, instruir-se, nos três casos, a construção pronominal indica bem que aprender é um ato, e um ato que o sujeito exerce sobre si próprio. Além disso, pode-se aprender e, até muito, sem o professor e até sem ensino, o que o autor denomina educação espontânea em oposição à educação intencional. Inversamente, pode-se receber um ensino sem nada aprender ou, pelo menos, sem que aquilo que se aprende esteja proporcional aos esforços e à competência do professor (Reboul, 1980).

O mesmo autor, Reboul (1980), afirma que o ensino prepara para a vida, simulando situações que se assemelham às da vida real, sem no entanto se confundirem com estas. Seria uma simulação de situações reais, variando o modelo aplicado para que o indivíduo possa vivenciar o que se passaria na vida real. Para o autor, na escola existe um tempo diferente do tempo experimentado na vida cotidiana. Os erros são brandos, são aceitáveis. “Na escola, tem-se todo um tempo para decompor um gesto, para analisar os dados de um problema, para substituir um exercício global por exercícios parciais, para explicar. Em segundo lugar, a ausência de risco para quem aprende. Os problemas da escola são análogos aos da vida mas sem as suas consequências” (Reboul, 1980, p.17).

O que é aprender? Para Reboul (1980) é adquirir uma informação, ou um saber-fazer, ou uma compreensão, sendo a aprendizagem superior à informação e a compreensão superior à aprendizagem. Segundo ele a aprendizagem ocorre quando há um ensino organizado capaz de preparar o aluno para enfrentar as situações da vida e quando o ensino está a serviço do aluno. Mas qual escola está preparada para ensinar com qualidade veiculando o saber de forma constante com a participação das famílias? Não há uma escola perfeita, ideal (Pacheco, 2010). José Pacheco coordenou a Escola da Ponte em Portugal (que é referência mundial quando se trata de escolas que saiam do modelo tradicional) durante aproximadamente 28 anos. O educador afirma que atualmente são muito divulgadas a crise das instituições e, em particular, a crise da instituição família. Observa-se que as crianças chegam às escolas com receios e temores instituídos no lar. Muitos pais acabam por transferir para as escolas a responsabilidade da educação. Entretanto, na instituição escola é que a criança enfrenta seus primeiros limites do controle que possibilita que ela possa desenvolver sua autonomia, em liberdade de experimentar e expressar em um sistema que possibilita que ela se relacione e realize trocas sociais (Pacheco, 2010).

O mesmo autor Pacheco pontua que o atual modelo de educação tradicional, que tem aulas expositivas e avaliações ainda apresenta resistência às mudanças. As escolas acabam por converter-se ao mundo digital, mas ainda têm as antigas práticas de ensino. As escolas reproduzem um modelo que exclui, uma vez que cada ser humano é único, possui seu próprio repertório linguístico, cultura específica, ritmo próprio e inteligência individual. O grande equívoco do modelo tradicional é objetivar um aluno mediano e ensinar a toda a turma como se estivesse tratando de apenas um. Acontece que ao tentar novas práticas educacionais, existe a possibilidade de insucesso. Dessa forma, o projeto de uma escola deve ser algo que envolve a todos, e deve estar presente no quadro de um projeto local, envolvido em uma lógica comum que objetiva uma transformação cultural (Pacheco, 2010).

A escola atual necessita passar de uma cultura solitária para uma cultura solidária, possibilitando que cada professor assuma responsabilidade individual pelos atos do seu coletivo, envolvendo em sua prática e no conjunto, sem isolá-lo. Para educar jovens e crianças na cidadania e na autonomia, o educador deve transferir o que possui de conhecimento, pois ninguém ensina aquilo que não é.

O ensino é hoje em dia, quase todo baseado em treinamento cognitivo e que pode ser uma herança da modernidade e de um cartesianismo levado às últimas consequências. A

escola tem sobrevalorizado a dimensão do cognitivo. Porém, esta dimensão não pode dissociar-se de outras – emocional, afetiva, sociomoral, estética – para que cada aprendiz possa assumir uma cidadania plena, refazer-se como pessoa, ver e aceitar os outros como pessoas. A educação deve ser contextualizada com a realidade que o aluno vive, para que possa ser útil, porque todo o mundo está em mudança constante. A escola não pode ser depositária de alunos, pois é com pais e professores que a criança encontra limites do controle que permite que ela se capacite com autonomia, liberdade de experiência e expressão, dentro deste sistema de relações e trocas sociais (Pacheco, 2010).

Os pais podem e devem desempenhar ações, para ajudar as instituições de ensino a caminharem em direção a um modelo de educação que seja mais produtivo e, ao mesmo tempo, mais prazeroso para as crianças e jovens. Pais e alunos devem estar aliados na missão de educar.

Na escola (pública) da Ponte, em Portugal, considerada escola "alternativa", são os pais que dirigem as escolas. Mas o pai não diz a um professor como deve, ou não deve trabalhar. O projeto de uma escola é um ato coletivo e só tem sentido no quadro de um projeto local consubstanciado numa lógica comunitária e pressupõe uma profunda transformação cultural.

É essencial que as duas instituições, ESCOLA E FAMÍLIA, aliadas a outras, juntem ao fomento do desenvolvimento da autoestima, buscando alternativas em escolas "alternativas". A Escola poderá ser a instituição onde podem ter origem os caminhos para uma sociedade mais justa e fraterna. Pacheco pontua que a escola que poderá ser melhor será toda escola que garantir acesso a todas as crianças e der condições para obtenção do sucesso. Escolas que possibilitarem a seus alunos adquirirem mais conhecimento e felicidade. Observa-se que o antigo paradigma tradicional acaba por ser responsável pelo insucesso e infelicidade de muitas gerações (Pacheco, 2010).

Segundo Dewey (1979) no que se refere à aprendizagem, o ser deve desenvolver dupla capacidade de, primeiro, aprender com a experiência e, em segundo lugar, construir sobre esta aprendizagem, aumentando, dessa forma, a própria capacidade de aprendizagem. A democracia permite uma sociedade mais aberta, uma cultura de hábitos dinâmicos e um maior potencial de aprendizagem e crescimento individual e coletivo.

O mesmo autor, Dewey (1979) afirma que as finalidades da educação consistem em alguns critérios principais que devem nascer das atividades reais da vida, tendo sentido e

sendo realizáveis através dos projetos dos educandos. Deve ser uma educação flexível, contribuindo para se adequar ao plano de ação inicial, ou seja, possíveis mudanças devem ser enfrentadas de forma flexível. E deve ser uma educação experimental na qual se permite ao educando tentar executar o que está aprendendo.

O método para realizar a educação, segundo Dewey, deve ser parte de um processo de crescimento antropológico. Qualquer dificuldade que possa surgir no decorrer desse processo é sempre uma oportunidade de aprender. Observa-se que o que for bom para o ser humano (individualmente) é bom para a espécie humana e o mesmo ocorre em relação ao que é bom para a humanidade, também é bom para o ser humano. A experiência educativa é uma reconstrução contínua do que o educando faz, sendo construída de acordo com as experiências vividas pelo próprio educando, ou seja, seria a análise e revisão constante de todo o processo educativo que possibilitaria a evolução e a melhoria da educação. Para ele, a educação dentro do pragmatismo o educando vivencia quatro fatores em um ciclo: ação, experiência, observação, reflexão. E a educação deve garantir a todos os membros da comunidade experiências alargadas e diversificadas, todos devem participar na mudança, “aprendendo-fazendo”. A aprendizagem individual deve expor-se ao coletivo, confrontando intersubjectividades (Dewey, 1916).

“A relação positiva entre a escola e a família é de grande importância no desenvolvimento das crianças, a dificuldade reside no fato de como essa relação deve coexistir. A utilização de outras instituições que as famílias conheçam melhor, a utilização de espaços igualmente utilizados por pais e encarregados da educação, a realização de atividades em conjunto e parcerias com outras pessoas da comunidade podem ser estratégias facilitadoras da relação pais/escola” (Ribeiro, 2009).

Para Ribeiro (2009), a escola, por intermédio dos professores, deve estar em estreita ligação com os pais e restante da comunidade educativa, além de outras entidades. É a partir da comunicação entre a casa e a escola que os pais conseguem compreender qual o melhor apoio que podem prestar aos filhos, para isso, os professores precisam orientar indicando quais as ações que os pais devem ter no momento de auxiliar os filhos nas atividades relativas à escola.

Segundo Perrenoud (2001) a criança pertence, através da família, a uma classe social, a uma coletividade e a diversos grupos partilhando o tempo com a família e outros grupos

onde está inserida. A criança conduz os contatos entre pais e professores e é a própria que por livre arbítrio transmite ou não a mensagem.

É possível identificar que na educação de um ser, família e escola precisam estar em congruência, ter uma comunicação constante, ter conceitos e ideais afins para oferecer uma boa educação. A família é a instituição onde a vida começa. E nem a família nem a escola oferecem tudo que é necessário para a educação daquele ser. Mas, como são os primeiros locais de socialização daquele ser, a escola não pode ignorar as vivências pessoais do aluno e a família precisa valorizar as vivências escolares do filho. No meio familiar a criança vivencia suas primeiras experiências e realiza suas primeiras aprendizagens.

Na escola, serão vivenciadas as primeiras decisões, os primeiros erros em grupo, as pequenas conquistas e a família sempre fará parte da vida escolar assim como a escola sempre será parte da vida familiar.

Para Rogers (1985) uma educação baseada no modelo humanista parte do princípio de que o ser humano é entendido como naturalmente ativo e livre, é um ser de natureza boa. Este modelo apresenta grande motivação intrínseca para a aprendizagem e a mudança.

Todo esse potencial que o ser humano possui é ativado de acordo com o ambiente em que ele está inserido. Para a aprendizagem ocorrer é muito importante construir uma relação de confiança mútua e empatia, havendo equilíbrio entre a proximidade e a distância do educador e do educando.

Segundo Rogers (1969) a aprendizagem deve estar focada nos problemas concretos dos formandos e os seres em formação devem ter comportamentos originais, autênticos sendo capazes de compreender, aceitar e confiar nas possibilidades de mudança, a partir do próprio potencial.

Parte-se do princípio de que tudo o que a pessoa precisa para mudar ela possui, ou seja, todos os recursos necessários estão nela mesma.

Conforme revisão bibliográfica, são apresentados os princípios da aprendizagem de acordo com o modelo humanista (Rogers, 1969, Freedom to learn).

- *Os seres humanos têm potencialidade natural para aprender;*
- *A aprendizagem significativa apenas ocorre quando os formandos percebem a relevância dos conteúdos;*
- *Aprender implica uma mudança na auto-organização e autopercepção;*

- *A aprendizagem que questiona a autopercepção é mais significativa quando as ameaças exteriores são mínimas;*
- *A aprendizagem ocorre quando o self não é ameaçado;*
- *A aprendizagem mais significativa ocorre pela ação;*
- *A aprendizagem é facilitada quando o formando participa responsabilmente em todo o processo;*
- *Aprender por iniciativa própria envolve a pessoa por completo;*
- *Independência, criatividade e autoconfiança são desenvolvidas quando a autocrítica e a autoavaliação são componentes essenciais da aprendizagem;*
- *A finalidade principal da aprendizagem é a de aprender a aprender e reforçar a abertura à experiência, de forma a que o processo de mudança seja incorporado pelo self. (Rogers, C. 1969, *Freedom to Learn*)*

1.4 Contextualizando a educação básica no Brasil

Atualmente, a área de educação convive com situações muito desafiadoras. Não se trata apenas de compreender as tendências que surgem no dia a dia dos alunos nos seus lares e na escola – para haver mudanças é necessária uma releitura da realidade.

No Brasil, a educação básica tem três etapas: educação infantil (que atende crianças de 0 a 6 anos, em creches ou pré-escolas, geralmente mantidas pelo poder municipal); ensino fundamental (que atende alunos de 7 a 14 anos, tem caráter obrigatório, é público, gratuito e oferecido de forma compartilhada pelos poderes municipal e estadual) e ensino médio (que atende jovens de 15 a 17 anos e é oferecido basicamente pelo poder estadual).

Existe ainda no Brasil, uma realidade expressiva, mesmo que decrescente, de jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolaridade, o que faz da Educação de Jovens e Adultos um programa especial com o objetivo de oferecer oportunidades educacionais adequadas aos brasileiros que não estudaram na idade adequada. Em relação às comunidades indígenas, a Constituição garante-lhes o direito de utilizar suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Mesmo com o grandioso número de alunos, o grande desafio da educação brasileira, atualmente, não é mais a oferta de vagas, mas, sim, a necessidade de construir escolas onde se aprenda mais e melhor (Prado, 2000, p.94).

Sobre a qualidade da educação e a questão curricular, cada vez mais compreende-se que os currículos devem ser a expressão dos conhecimentos e valores considerados relevantes no processo de aprendizagem que toda criança e jovem deve receber de uma sociedade. O currículo seria a tradução do que foi traçado como objetivo inicial do que se pretende alcançar, nos conteúdos considerados os mais adequados para promovê-lo, nas metodologias

aplicadas e nas formas de avaliação do que foi desenvolvido. O que devem ser esses conhecimentos e valores e como defini-los vem sendo modificado de acordo com as necessidades criadas pelas modificações na organização da produção e do trabalho e pela conjuntura de redemocratização do País.

Dessa forma, a meta de melhoria da qualidade da educação impôs o enfrentamento da questão curricular como aquilo que deve nortear as ações das escolas, dando vida e significado ao seu projeto educativo (Prado, 2000, p.94).

Um outro aspecto de suma importância é observar a grande diversidade que há na realidade do Brasil no que se refere ao acesso ao conhecimento, tanto nas áreas curriculares como pedagógica. Diante desse aspecto, a formação de professores e dos currículos das escolas não ocorre de forma igual. Até o ano de 1995, não existia no País uma referência [a](#) em nível nacional para orientar os currículos propostos pelas 27 secretarias de educação estaduais e 5.600 municipais que fazem parte do Estado federativo brasileiro. Depois de um prolongado processo de debate nacional, foi aprovada, em dezembro de 1996, “a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei máxima da educação brasileira que, dentre suas propostas, determina como competência da União estabelecer, em colaboração com estados e municípios, diretrizes para nortear os currículos, de modo a assegurar uma formação básica comum em todo o país. Era preciso, portanto, construir referências nacionais para impulsionar mudanças na formação dos alunos, no sentido de enfrentar antigos problemas da educação brasileira e os novos desafios colocados pela conjuntura mundial e pelas novas características da sociedade como a urbanização crescente. Por outro lado, essas referências precisavam indicar pontos comuns do processo educativo em todas as regiões e, ao mesmo tempo, respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes” (Prado, 2000, p.95). Após a elaboração dessa lei, passou a ser uma das prioridades do Ministério da Educação elaborar referências curriculares para a educação básica, identificando esta ação como algo inédito na educação brasileira, reunindo ideias e sistematizando-as de uma forma mais adequada. Ideias estas que já faziam parte das reformulações curriculares dos estados e municípios e agora seriam formalizadas. O que aconteceu a seguir, demonstrou o envolvimento do País na busca por uma educação melhor, na intenção de fazer isso de forma participativa e democrática, para delinear a educação base do país. Reuniram-se equipes de educadores (professores com grande experiência nas salas de aula, professores universitários e pesquisadores) para elaboração dos documentos preliminares. Estes grupos investigaram sobre os currículos de

outros países (como Inglaterra, França, Espanha, Estados Unidos), pesquisaram as propostas dos estados e de alguns dos municípios brasileiros, considerando os indicadores da educação no Brasil (como taxas de evasão e repetência, desempenho dos alunos nas avaliações sistêmicas) e analisaram os marcos teóricos contemporâneos sobre currículo, ensino, aprendizagem e avaliação.

Prado pontua que depois deste processo inicial, os documentos preliminares foram destinados à leitura e conhecimento de professores universitários e de sala de aula, pesquisadores e de técnicos que atuam nas equipes pedagógicas das secretarias de educação, recebendo críticas e sugestões. Os documentos tinham como base a ideia de que é necessária a formação para a cidadania, uma vez que a criança não é só a cidadã do futuro, ela já é cidadã. Dessa forma, a nova visão sobre a escola vai ao encontro desses ideais, tendo a escola como parceira da sociedade, sendo uma "escola-cidadã", expressão de uma política educacional que salienta a importância desse vínculo entre educação e sociedade. As referências curriculares objetivam transformar radicalmente os conteúdos e a didática da educação infantil, no ensino fundamental e na educação de jovens e adultos.

Na vida estudantil os conteúdos a serem aprendidos irão possibilitar que o estudante desenvolva suas capacidades intelectuais, motoras, afetivas no contexto do mundo em que vivemos. Formar um aluno deixa de ser a transmissão de informação, cambiando o conceito de educar e vislumbrando uma nova realidade que abrange os seguintes aspectos:

- *a escola existe, antes de tudo, para os alunos aprenderem o que não podem aprender sem ela;*
- *o professor organiza a aprendizagem, avalia os resultados, incentiva a cooperação, estimula a autonomia e o senso de responsabilidade dos estudantes;*
- *nada substitui a atuação do próprio aluno no processo de aprendizagem;*
- *o ponto de partida é sempre o conhecimento prévio do aluno;*
- *a avaliação é um instrumento de melhoria do ensino e não uma arma contra o aluno;*
- *a aprendizagem bem-sucedida promove a autoestima do aluno; o fracasso ameaça o aprender e é o primeiro passo para o desinteresse.*

(Prado, 2000, p.95).

Dessa forma, a nova proposta feita pelo Ministério da Educação chega ao conhecimento dos educadores brasileiros contendo os documentos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Fundamental, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e para Educação Indígena e a Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos. Dentre as propostas citadas, cada uma com sua particularidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental incluem, além das áreas curriculares clássicas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Línguas Estrangeiras), o estudo de aspectos da sociedade brasileira, tais como a Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e *Consumo*, dentre outros temas que sejam considerados relevantes, como pode ser visualizado no quadro abaixo (Prado, 2000, p.96).

DIAGRAMA 1
Conteúdos Curriculares

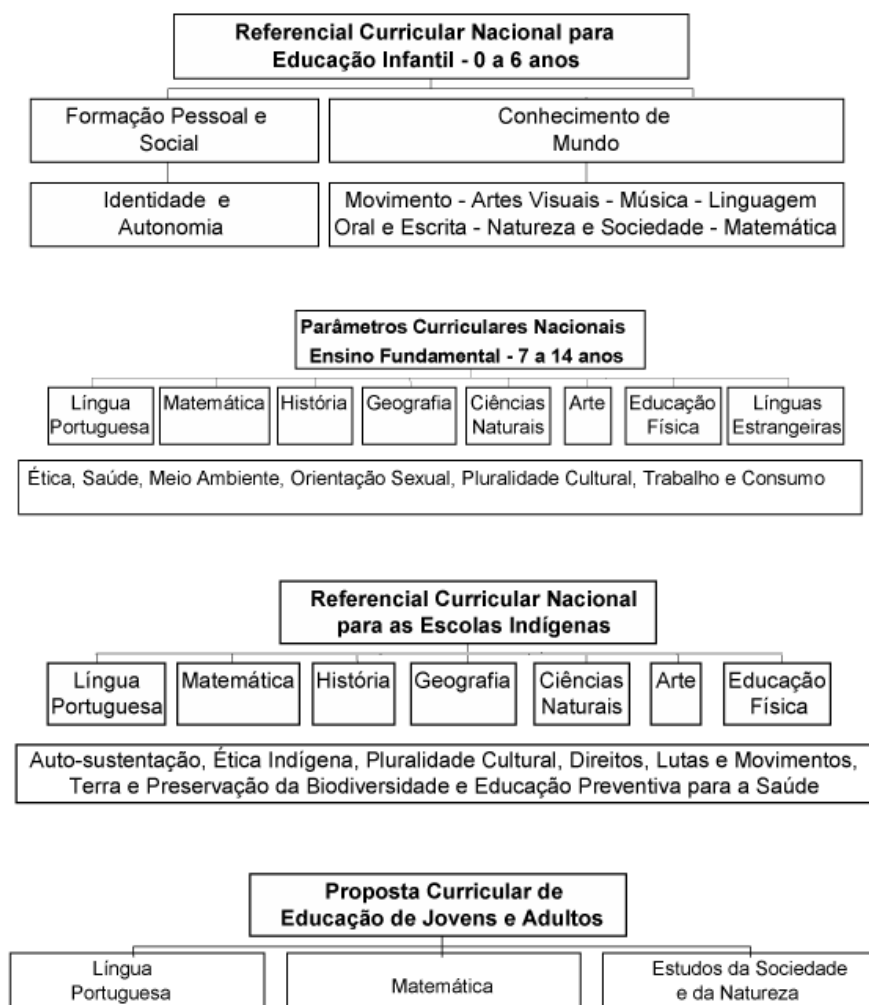


Figura 1 - Esquema representativo dos conteúdos Curriculares de Educação no Brasil

Tendo em vista as especificidades dos alunos de 0 a 6 anos, o que se propõe dentro dos referenciais de educação infantil, salienta a importância de promover na criança a formação de sua identidade, desenvolver a autonomia e proporcionar um conhecimento do mundo em que vive.

Paulo Freire (1995, p.34) pontua que “quanto melhor a educação trabalhar os indivíduos, quanto melhor tornar seu coração um coração sadio, amoroso, tanto mais o indivíduo, cheio de bondade, fará o mundo feio virar bonito”. Além de melhorar os currículos era momento de oferecer uma educação que promovesse a parte humana do ser.

Com os Parâmetros e os Referenciais Curriculares prontos, mais de um milhão foram distribuídos a todos os professores das escolas públicas do Brasil, e também às instituições de formação de professores. Houve também encontros e seminários realizados pelo MEC, secretarias de educação e universidades que reuniram uma grande quantidade de professores e especialistas nos estados e municípios brasileiros objetivando conhecer e debater sobre os documentos elaborados, além de ter a participação de muitos programas das televisões educativas TV Escola e TV Executiva do MEC, TVs Educativas de diferentes estados que colaboraram imensamente na divulgação dos documentos e realizaram muitos debates sobre o mesmo.

No período entre 1995 e 1998 o objetivo do Ministério da Educação foi a elaboração das diretrizes curriculares, e logo após, entre 1999 a 2002, a prioridade foi a formação de professores. Ficou clara a necessidade de reformular os cursos de formação desses profissionais, investir em ações pedagógicas para melhorar a didática e ampliar o conhecimento desses profissionais, agora com uma nova base para exercer sua profissão, com diretrizes, referenciais e parâmetros em nível nacional. Como Paulo Freire (1995, p.32) afirma “Daí a importância que reconheço, nos cursos de formação de educadores, das discussões em torno das diferentes maneiras de compreendermos a história que nos faz e refaz enquanto a fazemos”.

Diante das novas bases da educação, o Ministério da Educação também desenvolveu diretrizes para a formação de professores, de acordo com as mesmas particularidades dos documentos anteriores mencionados. Os novos documentos apontaram a urgente necessidade de reformular a formação dos professores, oferecendo real desenvolvimento de todas as competências e habilidades para estar em congruência com os novos conceitos da educação escolar e sua importância como educador. Os referenciais também reformulam “os âmbitos do

conhecimento profissional (conhecimentos sobre crianças, adolescentes, jovens e adultos, conhecimentos sobre a dimensão cultural, social e política da educação, conhecimentos pedagógicos, conhecimento experiencial contextualizado na atuação pedagógica, cultura geral e profissional) e a metodologia necessária para desenvolvê-los, além de trazerem orientações para que as escolas de formação organizem seus currículos e para que as secretarias de educação desenvolvam seus trabalhos de formação continuada” (Prado, 2000, p.96).

As mudanças na formação do professor são focadas no que apresentam os referenciais e, ao contrário de serem organizadas as disciplinas, a formação vai ao encontro do trabalho que o professor já realiza, ou seja, das situações com que ele lida em seu cotidiano profissional. Desde o ano de 1999, o Ministério da Educação realiza parcerias com a secretaria de educação desenvolvendo o programa "PCN em Ação" que visa promover programas de formação continuada nos ambientes escolares, proporcionando o contato com os Parâmetros e Referenciais curriculares, o estudo do mesmo, a aprendizagem em equipe e, principalmente, a sintonia entre teoria e prática uma vez que o trabalho que se realiza em sala de aula está diretamente ligado à formação profissional. Observa-se que essas mudanças começaram a se concretizar a partir da Lei de Diretrizes e Bases e, dessa forma, as universidades que são responsáveis pela formação inicial dos professores também modificaram seu currículo frente às novas exigências.

Dentre as mudanças, uma delas é que todos os educadores da área de Educação infantil e das séries iniciais do Ensino fundamental para atuarem devem ter cursos em nível superior. Uma outra significativa mudança é a criação dos Institutos Superiores de Educação, que devem ser locais formadores, difusores, sistematizadores e produtores do conhecimento no que se refere ao processo ensino-aprendizagem e de educação escolar, objetivando formar os futuros professores de educação básica, favorecendo o conhecimento e a aquisição de conteúdos específicos que são lecionados nas várias fases da educação básica e das metodologias e tecnologias a eles associados, além de serem trabalhadas habilidades essenciais para o trabalho que se realiza em uma escola. Ainda existem professores que lecionam sem formação, mas foi estipulado que todos que atuam lecionando devem receber formação e, para tal, foi elaborado um programa que oferece o curso a distância.

Com essas alterações nos currículos, é nítido que o Ministério da Educação intenciona melhorar a qualidade de ensino oferecida nas escolas públicas brasileiras, mudança que também precisa ocorrer no âmbito da formação do professor e que ambas resultarão na

construção de uma sociedade melhor, mais bem preparada e bem formada por docentes e alunos (Prado, 2000). Como diz Paulo Freire (1995) cidadão significa indivíduo no gozo de seus direitos civis e políticos e cidadania é o uso dos direitos e a obrigação de assumir deveres de cidadão. Dessa forma, para construir um ser que esteja em congruência com esses conceitos, é necessário alinhar a formação do professor com a educação de seu aluno no contexto do mundo em que vivemos.

2. Breve histórico do Ensino da Matemática no Brasil

Em 1600, no início da colonização, os conceitos matemáticos eram ensinados em colégios jesuítas alinhados com Física e, de acordo com as práticas europeias, tinham como base as humanidades clássico-literárias. Em 1824, com o surgimento das primeiras escolas primárias, o currículo passa a incluir conteúdos relacionados com sistema de numeração e aritmética. Em 1837, geometria, álgebra, trigonometria e mecânica passam a ser ensinadas no Colégio Pedro II, mudando de um conhecimento técnico para um conhecimento de preparo para ingresso no Ensino Superior. Em 1856, foram elaborados os primeiros livros matemáticos no Brasil, realizados pelo militar, engenheiro e professor de Matemática mineiro Cristiano Benedito Ottoni. Em 1920 o Movimento da Escola Nova começa a influenciar o ensino de Matemática, fazendo com que o aluno esteja no centro do processo educativo e incentivando grupos de estudo. Em 1929, estimulado pelas idéias do alemão Felix Klein, o diretor do Colégio Pedro II, Euclides Roxo, sugere a criação da disciplina de matemática uma vez que as disciplinas de aritmética, álgebra e geometria eram lecionadas separadas. Em 1942, Gustavo Capanema promulga a Lei Orgânica do Ensino Secundário, no qual o ensino da matemática passa a incluir algumas das idéias de Euclides Roxo, retiradas do livro *A Matemática na Escola Secundária*. Em 1955 foi realizado o primeiro Congresso Brasileiro de Ensino da Matemática, realizado pela educadora Martha de Souza Dantas, o qual tem o mérito de dar impulso significativo às reflexões sobre essa área (Polato, 2008).

Nos anos 60 e 70, o ensino da matemática em muitos países recebeu grande influência do movimento conhecido como Matemática Moderna. Esse movimento surgiu com algumas ações educacionais inscritas em uma política de modernização econômica e recebeu grande importância por ser considerado, juntamente com a área de Ciências Naturais, como um caminho de acesso privilegiado para o pensamento científico e tecnológico.

Os responsáveis pelos currículos nesse período defendiam a necessidade de uma reforma pedagógica, abrangendo a pesquisa de novos materiais e novos métodos de ensino, sendo este fato que deu início à preocupação com a Didática Matemática, aumentando a pesquisa nessa área de conhecimento (PCN, p.20, 1998). Neste mesmo período, nos anos 60 e 70, o professor Oswaldo Sangiorgi organizou o Movimento da Matemática Moderna, que tratou a disciplina como a principal via para os alunos acessarem o pensamento científico e tecnológico. Mais tarde, Ubiratan D'Ambrosio criou a Etnomatemática, surgindo primeiro como um movimento acadêmico e começando, depois, a ser utilizada no ambiente escolar com o objectivo principal de analisar as práticas matemáticas em diferentes contextos sociais e culturais (Polato, 2008).

No Brasil, a Matemática Moderna foi transmitida principalmente pelos livros didáticos e exerceu uma forte influência no ensino brasileiro. Em 1980, o *National Council of Teachers of Mathematics* — NCTM — dos Estados Unidos, introduziu recomendações para o ensino de Matemática no documento “Agenda para Ação”. Este documento pontuava a resolução de problemas como foco do ensino da Matemática nos anos 80. A compreensão da importância de aspectos sociais, antropológicos e lingüísticos, na aprendizagem da Matemática, direcionou a novos rumos as discussões curriculares que ocorriam. Esses pensamentos se destacaram e influenciaram as reformas que ocorreram mundialmente, a partir de então, nessa área de ensino (PCN, 1998).

Em 1988, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (Sbem) foi criada objetivando oferecer um contato mais próximo com pesquisas internacionais por meio de participação em seminários e congressos (Polato, 2008).

As propostas elaboradas, no período 1980/1995, apresentam pontos que são, mais ou menos, comuns, em diferentes países, como, por exemplo:

- *direcionamento do ensino fundamental para a aquisição de competências básicas necessárias ao cidadão e não apenas voltadas para a preparação de estudos posteriores;*
- *importância do desempenho de um papel ativo do aluno na construção do seu conhecimento;*
- *ênfase na resolução de problemas, na exploração da Matemática a partir dos problemas vividos no cotidiano e encontrados nas várias disciplinas;*

- *importância de se trabalhar com um amplo espectro de conteúdos, incluindo-se, já no ensino fundamental, elementos de estatística, probabilidade e combinatória, para atender à demanda social que indica a necessidade de abordar esses assuntos;*
- *necessidade de levar os alunos a compreenderem a importância do uso da tecnologia e a acompanharem sua permanente renovação (PCNs, 1998, p.21).*

No Brasil essa temática assumiu, então, absoluta centralidade e algumas ideias principais estão presentes nas propostas curriculares de Secretarias de Estado e Secretarias Municipais de Educação, contendo algumas experiências bem-sucedidas que demonstram sua eficácia. Contudo, vale ressaltar que atualmente ainda persiste o trabalho precoce com alguns conceitos muito teóricos que terão pouca prática na vida estudantil e pouca ligação com a Matemática em sua real aplicação na prática. Na última década, um dos trabalhos que teve enfoque foi oriundo da Etnomatemática, oferecendo ações pedagógicas alternativas e procurando compreender “os processos de pensamento, os modos de explicar, de entender e de atuar na realidade, dentro do contexto cultural do próprio indivíduo. A Etnomatemática procura partir da realidade e chegar à ação pedagógica de maneira natural, mediante um enfoque cognitivo com forte fundamentação cultural” (PCN, 1998, p.21).

No entanto, observa-se certa dificuldade em mudar a ação pedagógica uma vez que os docentes não têm contato com as ideias ricas e inovadoras dessa área de ensino que passam a ser incorporadas superficialmente ou de forma inadequada, não realizando os câmbios pretendidos. Testes realizados com alunos na década de 1990 pelo Sistema Nacional de Avaliação Escolar da Educação Básica (SAEB) indicavam que, “além de um baixo desempenho global, as maiores dificuldades são encontradas em questões relacionadas à aplicação de conceitos e à resolução de problemas” (PCN, 1998, p.21).

Também ficou evidente que, além dos baixos níveis de desempenho, a disciplina Matemática é responsável pela reprovação de muitos alunos. As causas do quadro atual são diversas e dentre elas são destacadas a formação do educador, o material didático incompleto, propostas que, aparentemente, são inovadoras, mas não são fáceis de contextualizar, não são “praticáveis”, concepções pedagógicas inadequadas, além de muitas vezes haver restrições nas condições de trabalho. Esses aspectos são alguns dos fatores que direcionam a um ensino falho, com equívocos e distorções das propostas mais inovadoras.

“As recomendações insistentemente feitas no sentido de que conteúdos são veículo para o desenvolvimento de idéias fundamentais (como as de proporcionalidade, equivalência,

etc.) e devem ser selecionados levando em conta sua potencialidade quer para instrumentação para a vida, quer para o desenvolvimento do raciocínio, nem sempre são observadas. Quanto à organização dos conteúdos, é possível observar uma forma excessivamente hierarquizada de fazê-lo. É uma organização, dominada pela idéia de pré-requisito, cujo único critério é a definição da estrutura lógica da Matemática, que desconsidera em parte as possibilidades de aprendizagem dos alunos. Nessa visão, a aprendizagem ocorre como se os conteúdos se articulassem como elos de uma corrente, encarados cada um como pré-requisito para o que vai sucedê-lo” (PCN, 1998, p.22).

Os Parâmetros Curriculares também apontam a importância de se levar em conta o “conhecimento prévio” dos alunos na construção do conhecimento o que muitas vezes não é considerado. Em grande parte das ações pedagógicas, no desenvolvimento da atividade prática com a criança, os conceitos não são relevantes e a ação é esquemática sem a participação rica da experiência individual de cada aluno. E outro aspecto relevante é a interpretação equivocada do que é realmente o “cotidiano” do indivíduo, dando relevância ao que se supõe fazer parte da vida do ser. Dessa forma, conteúdos que seriam de extrema importância são desconsiderados por serem considerados de pouca utilidade para a vida dos alunos. Além do exposto, os PCNS apontam a importância de bons recursos didáticos, indicados em quase todas as propostas curriculares. E a prática precisa estar em congruência com a teoria e ter clareza das ações que serão trabalhadas e dos objetivos a serem alcançados com os recursos didáticos. Dessa forma, conclui-se que as dificuldades encontradas são tão antigas como recentes e as soluções exigem execução das intenções apresentadas nas diretrizes curriculares dos anos 80 e início dos 90 e inclusão de novos elementos às constantes discussões sobre esta disciplina.

“A Matemática comporta um amplo campo de relações, regularidades e coerências que despertam a curiosidade e instigam a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, favorecendo a estruturação do pensamento e o desenvolvimento do raciocínio lógico. Faz parte da vida de todas as pessoas nas experiências mais simples como contar, comparar e operar sobre quantidades. Nos cálculos relativos a salários, pagamentos e consumo, na organização de atividades como agricultura e pesca, a Matemática se apresenta como um conhecimento de muita aplicabilidade. Essa potencialidade do conhecimento matemático deve ser explorada, da forma mais ampla possível, no ensino fundamental. Para tanto, é importante que a Matemática desempenhe, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na formação de

capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares” (PCN, 1998, p.24).

2.1. Ensino da matemática

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS, o ensino de Matemática costuma provocar duas sensações contraditórias, tanto por parte de quem ensina, como por parte de quem aprende: de um lado, a constatação de que se trata de uma área de conhecimento importante; de outro, a insatisfação diante dos resultados negativos obtidos. Atualmente a Matemática tem participação constante na vida de todos os seres, nas atividades mais simples do dia a dia, nos grandes planejamentos de empresas, fazendo relação com outras disciplinas curriculares. Também está relacionada diretamente com a estruturação do pensamento e a agilidade do raciocínio dedutivo do aluno.

A dificuldade encontrada pelos alunos dentro dessa área de ensino demonstra que existem problemas a serem enfrentados e que o ensino da matemática mais do que nunca precisa ser contextualizado, fazer parte da vida do educando, indo além dos procedimentos mecânicos, os quais, muitas vezes, têm um significado de difícil identificação para quem aprende.

Contudo, para o educador enfrentar tais desafios não é algo simples. O documento produzido pelo Ministério da Educação objetiva oferecer estímulos positivos na busca coletiva de solução para os desafios encontrados nessa disciplina. Este documento (PCN) contém os principais aspectos que irão nortear as ações educativas e apresenta o quadro atual da disciplina. Analisa a importância da disciplina no currículo escolar e trata das relações entre o saber, o aluno e o professor além de outros aspectos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de matemática, no ensino fundamental, estão pautados por princípios decorrentes de estudos, pesquisas, práticas e debates desenvolvidos nos últimos anos. São alguns deles:

— A Matemática é componente importante na construção da cidadania, na medida em que a sociedade se utiliza, cada vez mais, de conhecimentos científicos e recursos tecnológicos, dos quais os cidadãos devem se apropriar.

— A Matemática precisa estar ao alcance de todos e a democratização do seu ensino deve ser meta prioritária do trabalho docente.

— A atividade matemática escolar não é “olhar para coisas prontas e definitivas”, mas a construção e a apropriação de um conhecimento pelo aluno, que se servirá dele para compreender e transformar sua realidade.

— No ensino da Matemática, destacam-se dois aspectos básicos: um consiste em relacionar observações do mundo real com representações (esquemas, tabelas, figuras); outro consiste em relacionar essas representações com princípios e conceitos matemáticos. Nesse processo, a comunicação tem grande importância e deve ser estimulada, levando-se o aluno a “falar” e a “escrever” sobre Matemática, a trabalhar com representações gráficas, desenhos, construções, a aprender como organizar e tratar dados.

— Aprendizagem em Matemática está ligada à compreensão, isto é, à apreensão do significado; apreender o significado de um objeto ou acontecimento pressupõe vê-lo em suas relações com outros objetos e acontecimentos. Assim, o tratamento dos conteúdos em compartimentos estanques e numa rígida sucessão linear deve dar lugar a uma abordagem em que as conexões sejam favorecidas e destacadas. O significado da Matemática para o aluno resulta das conexões que ele estabelece entre ela e as demais disciplinas, entre ela e seu cotidiano e das conexões que ele estabelece entre os diferentes temas matemáticos.

— A seleção e a organização de conteúdos não devem ter como critério único a lógica interna da Matemática. Deve-se levar em conta sua relevância social e a contribuição para o desenvolvimento intelectual do aluno. Trata-se de um processo permanente de construção.

— O conhecimento matemático deve ser apresentado aos alunos como historicamente construído e em permanente evolução. O contexto histórico possibilita ver a Matemática em sua prática filosófica, científica e social e contribui para a compreensão do lugar que ela tem no mundo.

— Recursos didáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, eles precisam estar integrados a situações que levem ao exercício da análise e da reflexão, em última instância, a base da atividade matemática.

— A avaliação é parte do processo de ensino e aprendizagem. Ela incide sobre uma grande variedade de aspectos relativos ao desempenho dos alunos, como aquisição de conceitos, domínio de procedimentos e desenvolvimento de atitudes. Mas também devem ser avaliados aspectos como seleção e dimensionamento dos conteúdos, práticas pedagógicas, condições em que se processa o trabalho escolar e as próprias formas de avaliação (PCNs, 1998, p.19).

Os aspectos apresentados surgiram de discussões que, nos últimos anos, ocorrem no Brasil e em outros países. Um dos grandes objetivos é adequar o trabalho escolar a um novo contexto, marcado pela crescente presença dessa área do conhecimento em diversos campos da atividade humana.

2.2 Metodologias no ensino da Matemática

Durante muitos anos o ensino tradicional foi a prática mais usada em salas de aula, mas outras formas de ensinar foram surgindo. O ensino tradicional tinha como objetivo dominar regras da aritmética, da álgebra e da geometria, sendo utilizados os recursos de aulas expositivas sobre conceitos e fórmulas, com os alunos copiando e fazendo exercícios para memorização. A Escola Nova surgiu a partir de 1920 e abrangeu principalmente as séries iniciais, sendo colocada em prática com mais foco nas escolas particulares. A metodologia proposta ambicionava colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, tendo como objetivo resolver problemas que surgem no ambiente escolar através de jogos e modelos para aplicar em situações cotidianas.

A Matemática Moderna surgiu como um movimento internacional na década de 1960, tendo como objetivo conhecer a linguagem formal e garantir rigor na resolução de problemas, abordando uma série de questões para usar os fundamentos da teoria dos conjuntos e da álgebra. Outra proposta metodológica surgiu com a Didática da Matemática que teve início nas décadas de 1970 e 80, com autores reconhecidos como Guy Brousseau e Gérard Vergnaud. Teve como objetivo construir conceitos e estratégias para resolver problemas, nos quais os alunos devem discutir em grupo, justificar escolhas e registrar as hipóteses. A Etnomatemática surgiu no Brasil no ano de 1975 com os trabalhos de Ubiratan D'Ambrosio, tendo como objetivo oferecer ao alunos uma aprendizagem dentro do seu contexto social e cultural, modificando-se de acordo com o contexto e a realidade em que os conceitos são ensinados (Polato, 2008).

2.3. Matemática e a construção da cidadania

Na formação básica do cidadão brasileiro, a matemática tem um significado muito importante. A formação básica para exercer a cidadania inclui também a inserção no mercado de trabalho, as relações culturais e sociais no âmbito da sociedade brasileira.

“A pluralidade de etnias existente no Brasil, que dá origem a diferentes modos de vida, valores, crenças e conhecimentos, apresenta-se para a educação matemática como um desafio interessante. Os alunos trazem para a escola conhecimentos, idéias e intuições, construídos por intermédio das experiências que vivenciam em seu grupo sociocultural. A par desses esquemas de pensamentos e práticas, todo aluno brasileiro faz parte de uma sociedade em que se fala a mesma língua, se utiliza o mesmo sistema de numeração, o mesmo sistema de medidas, o mesmo sistema monetário; além disso, recebe informações veiculadas por meio de mídias abrangentes, que se utilizam de linguagens e recursos gráficos comuns, independentemente das características particulares dos grupos receptores. Desse modo, um currículo de matemática deve procurar contribuir, de um lado, para a valorização da pluralidade sociocultural, impedindo o processo de submissão no confronto com outras culturas; de outro, criar condições para que o aluno transcenda um modo de vida restrito a um determinado espaço social e se torne ativo na transformação de seu ambiente” (PCN, 1998, p.26).

Também observamos na vida do cidadão a presença da matemática ao tomar decisões relacionadas a questões políticas e sociais. Exercer a cidadania em seu amplo significado requer do indivíduo aquisição constante de conhecimento, sendo de suma importância saber calcular, medir, raciocinar, argumentar, tratar informações estatisticamente, o que envolve diretamente a participação da área de conhecimento matemática. O cidadão na atualidade é exigido diariamente e precisa renovar seus conhecimentos constantemente, reaprender significados e conceitos e aplicá-los. Para adquirir novas competências, o cidadão necessita adquirir novos conhecimentos, estando em concordância com o novo mundo de trabalho. E neste contexto a matemática contribui quando o ser aprende a explorar metodologias que favoreçam “a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação, o espírito crítico, e favoreçam a criatividade, o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria capacidade de conhecer e enfrentar desafios. É importante destacar que a matemática deverá ser vista pelo aluno como um conhecimento que pode favorecer o desenvolvimento do seu raciocínio, de sua capacidade expressiva, de sua sensibilidade estética e de sua imaginação” (PCN, 1998, p.25).

2.4. Matemática e a relação com outros saberes

Atualmente o ensino de matemática se alinha com temas transversais lecionados em sala de aula, mas essa prática é algo recente e ainda não está presente em todas as instituições de ensino. Uma das alternativas encontradas na intenção de oferecer a formação integral do aluno, visando o alcance da cidadania é o desenvolvimento de projetos que “proporcionam contextos que geram a necessidade e a possibilidade de organizar os conteúdos de forma a lhes conferir significado. É importante identificar que tipos de projetos exploram problemas cuja abordagem pressupõe a intervenção da matemática, e em que medida ela oferece subsídios para a compreensão dos temas envolvidos. Além dos temas apresentados, cada escola pode desenvolver projetos envolvendo outras questões consideradas de relevância para a comunidade. Temas relacionados à educação do consumidor, por exemplo, são contextos privilegiados para o desenvolvimento de conteúdos relativos a medida, porcentagem, sistema monetário, e, desse modo, podem merecer especial atenção no planejamento de matemática” (PCN, 1998, p.26).

2.5. Matemática no currículo

O documento fornecido pelo Ministério da Educação (1997), com orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar, afirma que a matemática constitui um patrimônio cultural da humanidade e um modo de pensar. A sua apropriação é um direito de todos. Todas as crianças e jovens devem ter possibilidade de:

- *Contatar, a um nível apropriado, com as ideias e os métodos fundamentais da matemática e apreciar o seu valor e a sua natureza;*
- *Desenvolver a capacidade de usar a matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar, assim como a auto-confiança necessária para fazê-lo.*

Ser matematicamente competente envolve, hoje, de forma integrada, um conjunto de atitudes, de capacidades e de conhecimentos relativos à matemática. Essa competência matemática que todos devem desenvolver, no seu percurso ao longo da educação básica, faz parte integrante do currículo nacional do ensino básico, tendo uma presença significativa em todos os ciclos, a qual deve ser entendida à luz dos valores e princípios atrás enunciados, devendo elevar as competências básicas dos alunos e os níveis de qualificação a fim de traçar uma estratégia de convergência com os padrões internacionais de qualidade educativa.

2.6. Contribuições de Ole Skovsmose para uma abordagem crítica do ensino da matemática

Nos processos de globalização e de inclusão na sociedade digital, a educação matemática desempenha um papel significativo, podendo agir para o bem, ajudando a formar cidadãos críticos, ou para o mal. Segundo Skovsmose (2007) a educação matemática está em toda parte e, tal como defendido por Paulo Freire, deveria ser uma ação cultural para a liberdade cujas finalidades só podem relacionar-se com a liberação das pessoas e grupos. A matemática é essencial na civilização atual e é intrínseca ao modelo de organização da espécie que chamamos Civilização Moderna. É a matemática que ajuda a manter e a aprimorar esse modelo. Skovsmose destaca a necessidade de a Educação Matemática assumir uma verdadeira dimensão crítica traduzida numa percepção consciente da realidade e preparando para a sua transformação. O autor cita o filme de cunho educacional *Cinema Paradiso*¹, de Giuseppe Tornatore, 1988, mostrando o quanto vale, na vida de uma pessoa e nas relações com outros, a fantasia e a utopia. Mas nesse sonho se insere o real e destaca que o essencial do humano e do desumano na Educação Matemática está embutido no roteiro desse filme. Segundo ele a educação ocorre como ações de indivíduos, socialmente organizadas, com objetivo duplo. Pretende-se preparar as gerações futuras para viver em sociedade, exercendo atividades produtivas e, ao mesmo tempo, preparar indivíduos para inovar e propor novos meios de convívio, nas relações sociais e no relacionamento com a natureza. Essas duas vertentes de objetivos podem ser sintetizadas nos conceitos de cidadania e de criatividade. Preparar para a cidadania depende da transmissão dos saberes e fazeres, dos conhecimentos e comportamentos, que são compartilhados e compatibilizados pelos integrantes do grupo, e dos valores acordados pelo grupo. Isto é, transmitir o que já está estabelecido.

Preparar para a cidadania e estimular a criatividade são as vertentes de uma ação que precisa estar presente na sociedade de educação. Os agentes nessa ação são chamados educadores e educandos. Na educação tradicional, as ações dessas duas categorias de agentes são dicotômicas, estrita e rigorosamente definidas. Nas situações familiares, os pais exercem a ação de educar. No artesanato, identificam-se claramente os mestres e os aprendizes. E, por extensão, nas empresas, a relação empregador/empregado.

¹ Filme ao qual remetemos que possibilita inúmeras reflexões críticas, como por exemplo, a cena em que Alfredo vai fazer o exame de quarta classe, do 1º ciclo em uma turma de crianças e pede auxílio a Salvatore no decorrer do exame, demonstrando, por exemplo, que o conhecimento medido em um exame não mede o conhecimento de uma vida. Alfredo não era “bom” em contas no papel, mas administrava financeiramente muito bem seu negócio.

Para Skovsmose (2007, p.73) “educação matemática crítica não é para ser entendida como um ramo especial da educação matemática. Não pode ser identificada com certa metodologia de sala de aula. Não pode ser constituída por um currículo específico. Ao contrário, eu vejo a educação matemática crítica como definida em termos de algumas preocupações emergentes da natureza crítica da educação matemática”.

Skovsmose relaciona a aprendizagem da matemática, citando Paulo Freire, quando este amplia o conceito de alfabetização para que os indivíduos não só saibam ler e escrever, mas se sintam cidadãos críticos participantes do processo político. Matemática seria uma forma de letramento matemático, provendo o suporte matemático e lógico para o exercício de uma cidadania crítica. A matemática pode ser decisiva na tomada de decisão. Conceitos de verdade e certeza orientam as organizações e as instituições, os contextos da tecnologia, engenharia, gerenciamento, economia, etc. A matemática se insere em todo o fazer cotidiano e o autor afirma como educador matemático crítico:

“Eu estou interessado no possível papel da educação matemática como um porteiro, responsável pela entrada de pessoas, e como ela estratifica as pessoas. Eu estou preocupado com todo discurso que possa tentar eliminar os aspectos sociopolíticos da educação matemática e definir obstáculos de aprendizagem, politicamente determinados, como falhas pessoais. Eu estou preocupado a respeito de como o racismo, sexismo, elitismo poderiam operar na educação matemática. Eu estou preocupado com a relação entre a educação matemática e a democracia” (2007, p.176).

2.7. Síntese do capítulo

No presente capítulo abordamos um pouco da história da educação no Brasil que teve início no período colonial quando a ação educativa era missionária. Observa-se, no final do império, que 82% da população era analfabeta. Em 1891, tiveram início as Reformas Educacionais mesmo diante tantas dificuldades encontradas na época e somente em 1920, os educadores e a população buscaram ampliar as escolas. Em 1940 aproximadamente, começou a surgir a preocupação por parte do governo em relação à educação.

Em seguida, tratamos da situação da instituição escola nos tempos atuais e observamos o desafio da atualidade enfrentado pelas escolas em educar fazendo uso da tecnologia e saindo das metodologias tradicionais e obsoletas que tratam todos os alunos como medianos e iguais. Seguidamente fizemos uma abordagem da relação escola e família na qual identificamos a

escola como extensão da educação iniciada em casa e ressaltamos que ambas, escola e família, devem estar em sintonia, falar uma mesma linguagem para fazer escolhas acertadas no que se refere à educação da criança, adolescente e jovem. Ao tratar sobre tecnologia e escola observamos a necessidade de os educadores buscarem constante renovação em sua formação, realizando cursos e se informando relativamente às novas tendências e necessidades da atualidade no momento de educar.

Abordamos o pensamento de Rogers que apresenta a aprendizagem focada nos problemas concretos dos formandos, ou seja, os seres em formação devem ter comportamentos originais, autênticos sendo capazes de compreender, aceitar e confiar nas possibilidades de mudança, a partir do próprio potencial. E no pensamento de Dewey identificamos a aprendizagem em que o aluno deve desenvolver a capacidade de aprender com a experiência e construir sobre esta aprendizagem.

Seguidamente tratamos aspectos relevantes sobre a história da educação, depois focalizamos a educação na atualidade com o advento da globalização e a importância da boa relação dos responsáveis pela educação do indivíduo, escola e família bem como comunidade escolar.

Situamos brevemente a história da área de conhecimento matemática no Brasil e sua relação com a construção da cidadania uma vez que se pode observar na vida do cidadão a presença da matemática ao tomar decisões relacionadas a questões políticas e sociais. Para exercer a cidadania na amplitude do seu conceito, o indivíduo deve buscar aquisição contínua de conhecimento; dentre estes conhecimentos ele deve desenvolver as habilidades de saber calcular, medir, raciocinar, argumentar, tratar informações estatisticamente, o que envolve a área de conhecimento matemática, que demonstra a necessidade de o cidadão da atualidade renovar seus conhecimentos constantemente, ressignificar seus conceitos e ampliá-los.

Tratamos também sobre esta área de conhecimento e sua relação com os temas transversais que nos possibilita conectar esta disciplina com a Educação Financeira e o Preparo para o Consumo.

A matemática é importante na cultura atual. Presente nos currículos escolares há uma preocupação dominante com o ensino dos saberes fundamentais da matemática, mas é importante que haja uma ação conjunta com as famílias no ensino dessa disciplina. Deve haver uma dimensão crítica do uso da matemática. O pensador e crítico matemático Ole Skovsmose contempla que a matemática deve ocorrer como um letramento matemático,

dando uma base matemática e lógica para o exercício de uma cidadania crítica. O bom uso da matemática pode ser decisivo na tomada de decisão, sendo utilizados conceitos verdadeiros que orientam as organizações e as instituições, os contextos da tecnologia, engenharia, gerenciamento, economia, etc., ou seja, a matemática se insere em todo o fazer cotidiano e ensinada desde cedo pode possibilitar ao indivíduo desenvolver suas habilidades exponencialmente nesse âmbito, aliando esta disciplina a outros saberes da sua vida, como, por exemplo, gerir sua vida financeira com segurança apoiado em conhecimentos verdadeiros. Há algumas experiências no Brasil que já fazem uso dessas práticas; dessa forma, abrimos espaço para os questionamentos surgidos a partir da observação de uma experiência que trataremos brevemente a seguir, mas, para perceber algumas dimensões da educação financeira e preparo para o consumo, trataremos, no 2º capítulo, dessa realidade no Brasil.

2.8. Experiência escolhida

Levando em consideração os aspectos mencionados no presente trabalho, é importante reforçar o aspecto de que a ação educativa foi realizada com crianças sendo uma ação pedagógica e não andragógica, o que permite uma análise diferenciada, guardadas as proporções da experiência e capacidade dos alunos em questão. Observa-se na realidade escolar vivenciada na instituição de ensino Colégio Logosófico, todos os indivíduos que compõem este conjunto são muito importantes! A Escola prima pelo bom conceito e realiza suas atividades da melhor forma para construir uma relação de confiança entre alunos, pais, funcionários e comunidade escolar.

No que se refere aos modelos de formação humanista e progressista, o trabalho apresenta uma possível adequação desses modelos para uma realidade vivida em sala de aula, com uma turma de educação fundamental resguardando as reais possibilidades vivenciadas por crianças de dez e onze anos. Muitos dos princípios presentes nesses modelos vão ao encontro do ocorrido nessa ação educativa e na proposta da pedagogia Logosófica vivida por todo o Sistema Logosófico de Educação.

De acordo com a revisão bibliográfica, a educação apoiada no modelo humanista atrelada ao modelo progressista visam promover o desenvolvimento pessoal, a autoatualização e a aprendizagem deve partir da problematização dos conhecimentos prévios do aluno, devendo ser significativa para ele.

O educando deve estar motivado e direcionado aos objetivos pretendidos. O próprio educando deve assumir responsabilidade também pela própria aprendizagem. Ele deverá auxiliar, ser ajudante e companheiro. A aprendizagem ocorre, mas não de forma direta. Ela ocorre por intermédio da experiência vivida, tendo o educando liberdade de agir e sendo valorizada a sua individualidade.

O trabalho tenta conceituar a formação em função das suas características diferenciadoras, contextos socioeconômicos e âmbitos de intervenção. Busca caracterizar os processos de construção de conhecimento que dão suporte às intervenções da formação. Tem como objetivo identificar as características e necessidades, pessoais e sociais, que concorrem para a construção e desenvolvimento de atividades formativas e conhecer e compreender os processos de planificação, desenvolvimento e avaliação do programa de formação vivenciado para ao final discutir e avaliar como foi realizada a experiência de formação.

Conforme revisão bibliográfica, a educação progressista deve possibilitar o bem-estar social e aumentar a participação do indivíduo na sociedade de forma ativa e efetiva. Este é um dos principais objetivos a serem alcançados com o projeto “Feririnha do 5º ano”: que o ser seja capaz de participar ativamente na sociedade, consciente de sua vida financeira e ciente de como se dá o processo de venda, troca e compra, vivenciado de forma tão intensa na sociedade atual.

A educação progressista visa oferecer aos educandos conhecimentos práticos e competências na resolução de problemas, para que eles tenham capacidade de agir por si próprios frente a possíveis dificuldades, sem intervenções de outro ser, mas com o conhecimento interiorizado e adquirido, possibilitando ao educando adquirir uma educação permanente e sendo capaz de responder às suas responsabilidades sociais. Para a aprendizagem ocorrer dessa forma, a aprendizagem deve ser cooperativa e deve-se escolher um método. Também devem ser consideradas as necessidades, interesses e experiências do educando que são de extrema importância e as pessoas devem ser vistas com um grande potencial que deve ser construído e desenvolvido.

Capítulo II

Educação Financeira: uma ponte para um consumo inteligente e um mundo mais igualitário social e economicamente

“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas”.

Jean Piaget

Introdução

Existem na atualidade várias iniciativas pedagógicas direcionadas às escolas e aos adultos com o objetivo de erradicar o analfabetismo financeiro. Com referências nos novos documentos mencionados no Capítulo I, assinalamos os principais aspectos da Educação Financeira, do Preparo para o Consumo e da fundamentação da temática no currículo escolar e medidas preventivas de capacitação de docentes e cidadãos. Foi criada no Brasil a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), e outras ações que vão ao encontro de diversos fatores contemporâneos que tornam a Educação Financeira extremamente importante para a sociedade.

O governo brasileiro constituiu, em novembro de 2007, um grupo de trabalho com representantes do Banco Central do Brasil, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), coordenadora do GT, da Secretaria de Previdência Complementar (SPC) e da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), para elaborar uma proposta de Estratégia Nacional de Educação Financeira, incluindo a promoção de um inventário nacional de ações e de projetos de Educação Financeira no país. Também foi proposta uma investigação que identificasse o grau de conhecimento financeiro da população brasileira. Em outros países, essa ação tem sido denominada como Literacia Financeira. Em 2008, foi realizada a pesquisa de âmbito nacional, com o objetivo de mapear o grau de Educação Financeira da população brasileira, com o apoio da BM&FBOVESPA. Os principais objetivos da ENEF são: promover e fomentar a cultura de educação financeira no País; ampliar o nível de compreensão do cidadão para efetuar escolhas conscientes relativas à administração de seus recursos; contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização (Enef, 2007).²

Para investigar bem, recorreremos a diversos/as autores/as que realizam um trabalho faz algum tempo sobre essa temática, assim como informações oficiais de órgãos federais, estaduais ou municipais que possam fornecer elementos acerca dessa modalidade. Dessa forma, chegamos ao tema central de nossa investigação que trata de identificar, nesse contexto de aprendizagem apresentando, como e por que a Educação Financeira e o Preparo para o Consumo podem ser incluídos no currículo escolar e por que se tornam tão importantes na formação do cidadão. Essa analogia vai ser útil para percebermos quais discussões estavam

² Documento elaborado pelo governo sobre a Estratégia Nacional de Educação Financeira.

ocorrendo na Educação Financeira pelo mundo, para melhor compreendermos o que acontece no Brasil.

1. A importância da Educação Financeira

Em 1990, o Brasil deu início a uma série de reformas de caráter neoliberal e, com a influência da globalização, o País viveu mudanças nas esferas tecnológica, produtiva, financeira e educacional, promovendo mudanças no papel do governo no provimento de serviços, bens e na proteção aos indivíduos, envolvendo os aspectos sociais e regulatórios. Outro aspecto muito importante nesse período foi a estabilização da moeda, que desencadeou a redução da inflação. Em uma realidade de grande inflação, a opção por pagamentos a curto prazo se torna uma das razões principais quando é chegado o momento de tomada de decisões o que faz com que os indivíduos busquem formas de defesa do seu poder aquisitivo e do seu patrimônio. A procura por liquidez faz com que as decisões imediatistas influenciem no planejamento ao longo prazo, dessa forma, o consumo recebe prioridade, deixando de criar uma cultura de poupança de longo prazo. Invertem-se as premissas e os prazos são ampliados progressivamente com a estabilidade. Os ativos financeiros são valorizados em relação a imóveis, terras e outros bens reais. Essa nova realidade vai ganhando espaço na sociedade aos poucos e essa ação sobre a nova forma de gerir a vida financeira e administrar o próprio patrimônio passa a ser um longo aprendizado por parte dos indivíduos e das famílias. Outro aspecto que começa a acontecer em paralelo é um processo de crescente transferência de responsabilidades aos indivíduos, até então sob a proteção do Estado. Uma das principais mudanças é a formação da poupança previdenciária, conforme colocado na Emenda Constitucional nº 5, de 1998, que estimula os planos de previdência complementar. Da mesma forma, decisões sobre o financiamento da casa própria, o consumo e o endividamento das famílias são alteradas em função deste novo contexto, com informações limitadas sobre os instrumentos financeiros à população. As pessoas começam a apresentar suas primeiras dificuldades sendo uma delas planejar adequadamente suas ações de longo prazo, ou seja, poupar por conta própria para a aposentadoria, que não mais seria de responsabilidade integral do Estado. Outro aspecto importante no qual as pessoas apresentam dificuldades é planejar as tomadas de decisões referentes à aquisições de casa própria, e dos bens duráveis, bem como compreender as novas modalidades de crédito e a tecnologia disponível para a realização das transações financeiras básicas (Savoia, Saito e Santana, 2007). Neste contexto de mudanças, o

governo que na circunstância não conseguiu poupar e realizar os investimentos propulsores do crescimento, passou a ampliar a oferta de crédito nos últimos anos intencionando incentivar o consumo de bens e serviços e, conseqüentemente, aumentar a produção. Contudo, apenas o consumo das famílias não foi suficiente para incentivar os investimentos, que proporcionam empregos e aumentam a renda. Outro aspecto que dificulta o contexto apresentado é o despreparo da população em lidar com o próprio orçamento e os compromissos financeiros assumidos, uma vez que a oferta de crédito é muito grande e fácil. Surge desta forma um novo desafio para o País que é o aumento da inadimplência. Dessa forma, as pessoas começam a fazer empréstimos assumindo responsabilidades que não conseguem arcar e a economia diminui a sua atividade desencadeando a diminuição e retração do crescimento. Fica visível que no Brasil os órgãos e autoridades responsáveis não foram capazes de instruir e capacitar os cidadãos para gerir a própria vida financeira. Algumas organizações privadas, como a Bovespa, por exemplo, e algumas empresas e bancos já desenvolvem algumas ações no sentido de minimizar esta realidade e orientar seus clientes e os produtos oferecidos nessa esfera. Contudo, essas ações não são suficientes para sanar as dificuldades apresentadas e as necessidades aumentam a cada dia, como se pode identificar no crescimento da participação de investidores que utilizam a internet para realizar negócios na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) demonstrando a necessidade de orientar e preparar toda a população nessa área de interesse. É evidente que a educação financeira é fundamental na sociedade brasileira contemporânea, visto que influencia diretamente nas decisões econômicas dos indivíduos e das famílias. Desse modo, torna-se extremamente necessário ampliar a visão sobre o assunto e discutir os paradigmas que surgem da inserção da educação financeira no contexto político (Savoia, Saito e Santana, 2007).

Enfrentar e combater o analfabetismo financeiro é um desafio da atualidade vivida mundialmente. Preparar jovens estudantes para enfrentarem o mercado de trabalho e não só, mas também para os desafios da vida requer ações inteligentemente pensadas provenientes da educação em casa e na Escola.

Educação financeira deve ser ensinada também pelo exemplo, ter em foco que o que interessa não é ser o mais rico ou simplesmente ter mais dinheiro, o legado é o saldo mais importante. Liderar pelo exemplo, fracassar, incentivar o hábito da leitura e discutir temas ligados ao dinheiro são opções transformadoras na vida de pessoas bem-sucedidas (Navarro, 2010).

A literatura internacional aborda importantes conceitos sobre a evolução, os objetivos, as abordagens, os riscos e os resultados dos programas de educação financeira. No que se refere à evolução da educação financeira, Dolvin e Templeton (2006) pontuam a disseminação de programas de educação financeira, na última década, destinados às comunidades e aos funcionários de empresas. Bernheim e Garrett (2003) evidenciam que a inclusão de programas de educação financeira nas empresas norte-americanas, a partir da década de 1980, possuiu a incentivar o aumento da opção pelos planos previdenciários. Identificamos que essas ações contribuem para a formação de poupança previdenciária, apoiada no conhecimento financeiro. Dentro dos objetivos, Manson e Wilson (2000), citados por Dolvin e Templeton (2006), apresentam que os programas de educação financeira proporcionam o desenvolvimento de conhecimento, aptidão e habilidades, capacitando os indivíduos, informados e mais críticos em relação a oferta de serviços financeiros e mais bem preparados para gerir sua vida financeira. Para futuros desenvolvimentos, o estudo realizado por Volpe, Chen e Liu (2006) recomenda que os programas educacionais deverão estar voltados principalmente para as áreas de finanças pessoais, nas quais identifica-se o pouco conhecimento das pessoas neste âmbito, também no que se refere à aposentadoria e noção básica de investimentos. Worthington (2006) pontua que o conhecimento financeiro pode ser apresentado em dois vértices: pessoal e profissional. No aspecto pessoal, está associado à interpretação da economia e das tomadas de decisões no âmbito familiar que estão ligadas à economia familiar, como gerir os próprios recursos como, por exemplo: poupança, investimento, orçamento e seguro. Profissionalmente, a aprendizagem sobre a educação financeira está associada à interpretação de relatórios financeiros, fluxos de caixa e mecanismos de governança corporativa das empresas.

Todd, Braunstein e Welch (2002) apresentam os programas de educação financeira em três tópicos: o primeiro com foco nas finanças pessoais, em temas como orçamento, poupança e crédito; o segundo que aborda uma capacitação em poupança previdenciária e é oferecido pelas empresas; e, finalmente, o vinculado à compra de imóveis.

Observa-se que a falta de conhecimento na área financeira pode gerar subjetivas formas de comportamentos observados pelos investidores incultos. Fox, Bartholomae e Lee (2005).

Foi identificado que, na realidade norte-americana, o trabalho com os conceitos financeiros colabora na ação de poupar dos alunos Mandell (2005). Mas, mesmo observando

divergências na eficiência e qualidade de programas de formação, foi constatado por Braunstein e Welch (2002) que os mesmos são importantes para formar cidadãos com um equilíbrio em sua vida financeira.

No Brasil, uma das iniciativas neste sentido é um programa chamado DSOP de Educação Financeira desenvolvido pelo educador e terapeuta financeiro Reinaldo Domingos, que abrange estratégias que vão ao encontro de muitas das necessidades atuais e é um exemplo de como enfrentar inteligentemente esse desafio da atualidade. Fica clara a importância de transformar o mundo em um local melhor para se viver e o programa que citamos neste trabalho é uma das ações que vem surgindo para atender as demandas atuais dentro dessa temática da educação. Esse programa “desenvolve no aluno quatro competências fundamentais para que ele possa lidar com as questões financeiras com segurança e consciência: Saber Diagnosticar, Saber Sonhar, Saber Orçar e Saber Poupar. Além de seguir os princípios da educação moderna – que visa à formação de alunos-cidadãos, autônomos, com visão crítica e capazes de idealizar e realizar projetos individuais e coletivos, o Programa contribui para que crianças e jovens ampliem seu repertório sobre finanças de forma consistente e carregada de sentido prático, assimilando, desde cedo, a importância do equilíbrio financeiro para o bem-estar individual e social” (Domingos, 2010).

Esse programa propicia ao educando conectar com outras áreas do conhecimento a educação financeira, seguindo as bases fornecidas pelos PCN, permeando os temas transversais: Ética, Saúde, Meio-Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual e indo ao encontro das diretrizes do Ministério da Educação, que estabeleceu para 2011 a inclusão do tema Educação Financeira na grade curricular das escolas do Brasil.

A principal idéia é oferecer ao educando um conhecimento que lhe será útil por toda a sua vida.

A educação financeira e econômica tornou-se uma necessidade da sociedade que torna mais agudas ações inteligentes por parte do Governo, das instituições educacionais e da comunidade em geral. A relação entre o ser humano e o dinheiro precisa ser muito melhor explorada, especialmente no sentido da liberdade e da responsabilidade (Navarro, 2010).

Entre os jovens e as crianças identificamos um alto nível de consumismo o que deve ser levado em consideração ao se identificar quais são os fatores que contribuem para aumentar esse índice. Bem como as questões psicológicas identificadas em pesquisas na área, a falta de conhecimento relativo ao universo financeiro também contribui para o

endividamento e as famosas compras supérfluas. A família tem um papel primordial no desenvolvimento global das crianças. Cabe aos pais ou responsáveis a introdução de hábitos saudáveis de consumo e o desenvolvimento das habilidades financeiras de suas crianças. Tudo com muito carinho, paciência, bom humor e principalmente respeitando as fases do desenvolvimento infantil (Vilhena, 2009).

É importante educar-se para planejar a realização de sonhos e objetivos, adiar consumo para criar e multiplicar patrimônio e enxergar a possibilidade de ser livre. Estudar, aprender e praticar a disciplina para a vida propicia ao ser humano ser consciente de onde está e aonde quer chegar (Navarro, 2010).

A todo momento valores são transmitidos constantemente à criança, sendo a família e a instituição escola responsáveis pela formação de um consumidor consciente. Para isso, o dinheiro precisa deixar de ser tabu em muitas famílias, como afirma Navarro. O comportamento financeiro da criança é um reflexo da sua vivência familiar, já que ela aprende primeiramente por imitação. Ensinar que a liberdade proporcionada pelo dinheiro deve estar associada à responsabilidade é uma tarefa constante. Deve-se ensinar valores financeiros positivos às crianças, contribuindo para a construção de uma visão mais saudável em relação ao dinheiro e seus desdobramentos (Vilhena, 2009).

2. Preparo para o Consumo

O contato e o envolvimento das crianças com a mídia e a ação de consumir se iniciam antes de elas aprenderem a ler ou a escrever. É, segundo Bauman (2005), a implementação do papel social de consumidor. Bauman (2005) alerta que esse novo modelo de sociedade é cheio de forças coercitivas que direcionam seus integrantes a se adequarem aos valores do mercado. O contexto atual é o número cada vez maior de crianças e adolescentes ingressando em um modelo altamente consumista.

A realidade atual de “ter” para ser aceito, faz com que muitas crianças, pré-adolescentes e jovens se tornem vítimas de viver para o consumo. Essa realidade vai se complicando na medida em que o ser vai construindo sua identidade pessoal e ingressa na vida adulta. A influência que a propaganda exerce sobre crianças e adolescentes atualmente é muito forte e os pais e/ou responsáveis têm um papel muito importante na formação de um consumidor responsável (Vilhena, 2009).

Existem alguns fatores que colaboram para que as crianças de classe média e classe alta se sintam pressionadas em consumir e pressionadas pelo marketing veiculado na mídia, voltado para o público infantil nos últimos tempos. Stuart (2009) aponta como uma das razões a opção das famílias de ter filhos mais tarde: com a carreira profissional dos pais encaminhada, o bebê crescerá em um cenário financeiro melhor; o número menor de filhos por casal: maior dedicação e gastos com cada criança; pais ocupados e filhos mais sozinhos: maior tempo em frente à TV ou computador e idas frequentes aos shoppings para lanches e compras; menos filhos, mais recursos: menos tempo e inclusão das crianças nas decisões financeiras da família. Observa-se o perigo desses aspectos mencionados que podem gerar dificuldades no decorrer da construção de valores morais e éticos de crianças e adolescentes. Em especial, as crianças até os sete anos de idade que ainda não possuem capacidade cognitiva suficiente para diferenciar as mensagens passadas através da mídia, dessa forma não possuem um poder de decisão equilibrado. A presença e posicionamento por parte dos pais é primordial para reverter esse quadro. E para possibilitar a formação de cidadãos mais críticos e seletivos é de suma importância formar o hábito de consumo responsável, que pode possibilitar um impacto expressivo na vida das crianças, proporcionando a construção desses valores. Para isso, toda situação deve ser encarada como uma oportunidade. Os comerciais de TV: oportunidade para diálogo. As crianças passam muito tempo em frente à TV e as empresas investem muito em propagandas focadas para esse público. Mas, um dos pontos mais importantes é a postura ativa que os pais precisam ter. É necessário preparar as crianças e adolescentes para terem uma postura mais crítica frente aos comerciais, proporcionar elementos para torná-los mais seletivos nas situações do dia a dia, sozinhos (Vilhena, 2009).

Godfrey (2010) pontua que o ideal é conversar com as crianças sobre as propagandas, explicando seus objetivos. Quando se compreende como o sistema funciona cria-se uma espécie de defesa, se torna menos vulnerável à compra pela compra. Seria uma das ações para combater o consumismo desenfreado que atormenta pais e educadores em todo o mundo.

Segundo Vilhena (2009), os educadores podem fazer uso de conversas informais com as crianças, respeitando as fases de desenvolvimento de cada uma, formando, assim, um “consumidor esperto”. O mundo está repleto de produtos e os comerciais existem para mostrar esses produtos e nos convencer a comprá-los. Como consumidores “espertos” deve-se saber escolher. Nesse diálogo informal deve-se tratar sobre: qualidade; diferença entre querer

e precisar; pesquisa de preço; estabelecer comparações e escolher o mais apropriado; planejamento, poupança e disciplina. Outro aspecto importante é o incentivo inconsciente ao consumismo como forma de compensação emocional, uma vez que muitos pais compensam sua ausência com presentes.

A tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação (FE) em Campinas da pedagoga e economista Maria Aparecida Belintane Fermiano teve como tema buscar compreender o perfil dessas crianças. Ela afirma que: os tweens têm conquistado maior autonomia e possuem o seu próprio dinheiro. Apesar disso, o seu maior desejo ainda é estar mais tempo com suas famílias. Em sua tese, a pesquisadora entrevistou 423 pré-adolescentes de três escolas de municípios da Região Metropolitana de Campinas: Sumaré, Nova Odessa e Americana, sendo duas de ensino privado e uma pública. Os tweens, provindos das classes sociais A a E, responderam a um questionário com 93 perguntas. A pesquisadora constatou nas respostas obtidas uma clara relação das ações de marketing com o comportamento dos “tweens” e um investimento muito forte em pesquisas que objetivam conhecer muito bem seus clientes, na verdade crianças, mas que possuem um poder de compra alto. É feita uma abordagem ampla, revelando aspectos culturais, econômicos, sociais, educacionais e familiares. Na intenção de compreender essas crianças, a autora traça um perfil dos “tweens” caracterizando uma amostra e podendo ser replicada em outras, verificando-se se existe ou não correspondência de dados. São raras as pesquisas com esse tema e fins educacionais no Brasil. Todas as perguntas foram consultadas em bases nacionais e internacionais. O intuito era conhecer se as respostas coincidiam com as de outras crianças na mesma faixa etária. O critério de seleção foi aprovado pela direção das três escolas e dos pais.

A pesquisa aponta que o fenômeno da globalização provoca transformações radicais na economia, na sociedade e, conseqüentemente, no comportamento dos pré-adolescentes.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o núcleo familiar tem se alterado muito culturalmente, bem como o conceito e compreensão do que é a infância. Antigamente entendia-se que as crianças tinham que obedecer. Hoje em dia, observa-se que, dentro de casa, os filhos são questionados, são convidados a participar e a dar sugestões, em vários aspectos da vida cotidiana. Pode ser desde as compras, até mesmo um simples alimento, até um móvel ou um equipamento eletrônico. O perfil das crianças da atualidade demonstra que elas passam muito tempo em frente à televisão, levam uma vida sedentária e comem mal. Observa-se claramente que um dos fatores geradores é a influência da mídia. Outro aspecto é a relação

com o dinheiro. A nova geração consome e quer consumir mais a cada dia. A oferta de novidades é muito grande, vivem em uma realidade de tecnologias e acesso bastante diferenciado de seus pais. As famílias dessas crianças vivem uma realidade também diferente no que se refere ao tempo que passam com seus filhos. Fermiano (2010) pontua que o casal sai cedo de casa para trabalhar e os filhos ficam muito tempo sozinhos. Logo, têm que providenciar sua alimentação e ganham dinheiro para isso, pois os pais sempre deixam uma reserva com eles. Estas crianças já estão inseridas num mundo econômico e constroem conhecimentos e estratégias em suas compras. Também são tratadas como clientes pelo marketing, sendo constantemente convidadas a gastar mais. E os pais, por outro lado, acabam reforçando a importância do dinheiro para que elas possam se virar sozinhas, entre outros aspectos.

Eles precisam ser alfabetizados economicamente para construir suas próprias estratégias de resistência a esse bombardeio da mídia para o consumo, valores e modelos impostos. Ficou claro que os tweens ainda se sentem sozinhos e querem passar mais tempo em companhia da família (Fermiano, 2010).

Todas as crianças têm acesso à tecnologia através da mídia, independentemente do nível socioeconômico. Desta forma, não há como ignorar que acabam tendo as mesmas influências que outras crianças de nível socioeconômico mais alto. Há características homogêneas entre os comportamentos dos “tweens” de todos os níveis socioeconômicos que são notadas nas relações interpessoais e de identidade, na maneira de lidar com o cotidiano econômico e a mídia, observando-se todo um sistema de significações que aí está sendo construído. Eles gostam dos mesmos programas: Bob Sponja, seriados como Drake & Josh, Hanna Montana e Jonas Brothers, refletindo a sua época, afirma Fermiano que nos programas de televisão existe um forte apelo em termos de comportamento, no que se refere às vestimentas e aos gastos e observa-se que as crianças estão numa fase em que, o que gosta e valorizam, querem ter. Os pais começam a considerá-las adultas e o marketing as trata como clientes, mas ainda assim, trata-se de crianças e não de pequenos adultos. Como o meio ambiente em que as crianças vivem na atualidade é muito solicitador, acabam apresentando um desenvolvimento em relação à tecnologia muito exagerado, crescem no meio tecnológico e o computador faz parte de suas vidas (Fermiano, 2010).

Além dos aspectos citados, os livros de psicologia atuais não caracterizam essa faixa etária globalizada que vive em um mundo digital. A teoria que ainda auxilia esta compreensão

está sustentada nos pilares da psicologia piagetiana e da psicologia econômica. A teoria piagetiana, segundo Fermiano (2010), busca esmiuçar não somente as estruturas da criança, mas também o sistema de significações que estabelece. É a partir daí que constrói suas regras, seus valores, juntamente com a família, com a sociedade e com os amigos neste contexto social.

Atualmente uma criança tem facilidade em estar à frente do computador e, ao ser demandada intelectualmente, desenvolve-se nesses aspectos, diferentemente dos seus pais que não tinham contato com essa tecnologia tão cedo; assim, com dois, três anos já estão brincando com esse instrumento. O desafio é buscar formas de identificar como são hoje as estruturas dessas crianças diante de tantas novas solicitações que o meio apresenta. No que se refere à psicologia econômica, que estuda o comportamento do consumidor frente às necessidades e à sua organização pessoal, Fermiano buscou pesquisar o nível micro: o comportamento das pessoas e como que elas desenvolvem estratégias para lidar com as situações vividas na economia. A psicologia econômica estuda os mecanismos psicológicos que estão por trás de determinados comportamentos, as variáveis que incidem em tomadas de decisão individual e coletiva, os processos de aprendizagem e socialização econômica e as diferentes maneiras como as pessoas compreendem o mundo da economia e suas variações. A psicologia econômica é uma disciplina recente, que teve a sua primeira definição em 1881. As pesquisas na área aumentaram a partir da Segunda Guerra Mundial.

O mundo globalizado esta realmente interferindo na forma de viver das crianças, independentemente do nível socioeconômico das mesmas. Fica claro que as semelhanças na identidade e homogeneidade dos comportamentos provocam uma desigualdade negativa uma vez que o público alvo não tem as mesmas chances e condições para se adaptar ao mundo globalizado. Como todas as crianças têm acesso à mídia, a qualidade desses acessos provoca sérias mudanças em seu comportamento. Mas, um aspecto muito negativo identificado é o fato de a própria criança se sentir à margem porque não tem x, nem y (Fermiano, 2010).

Um grande desafio encontrado na atualidade é como lidar com essa questão nos ambientes escolares se eles não estão alfabetizados economicamente para orientar as crianças e jovens. Antigamente, educar economicamente não era tema de disciplina, já que o contexto em que se vivia não solicitava constantes tomadas de decisões econômicas tão cedo. Hoje, ao contrário, o contexto de globalização solicita novas alfabetizações: a digital, a política e a econômica. Esta necessidade, está apoiada na atualidade e precisa envolver a família, já que

ela é a responsável por dar dinheiro para a criança e precisa envolver também outros agentes de socialização (Fermiano, 2010).

Os estudos do grupo de pesquisa Educação Econômica, do Laboratório de Psicologia Genética (LPG) da FE, demonstram que uma família financeiramente desorganizada, que não consegue se controlar, gasta mais do que pode comprar. Assim, surge a questão: Como educar financeiramente a criança se os próprios pais não receberam essa educação? Essas crianças vivenciam um ambiente em que as novas alfabetizações digitais, econômicas e midiáticas não fazem parte do contexto familiar. De uma forma ou de outra, essa responsabilidade pode acabar recaindo sobre a escola (Fermiano, 2010).

Observa-se que o perfil dos tweens é de crianças muito ativas, que gostam de novidades, sabem muito bem o que desejam comprar, apreciam estar com os amigos, permanecem pouco tempo com a família e entendem completamente a programação da televisão, distinguindo o que é comercial daquilo que é programa. Porém, eles não conseguem distinguir as intenções das mensagens.

Entretanto, estão sempre com dinheiro, mas não têm noção de valores, não conhecem como funciona o comércio, o que é lucro. Querem o produto na loja, porque lá podem pegá-lo e olhá-lo concretamente, ao passo que não sabem comparar preços, qualidade e as ofertas das diferentes lojas.

A estrutura cognitiva dos tweens, não é capaz de dar conta das variáveis que fazem parte da economia. Eles preferem então se ater ao que os amigos falam e não são levados a pesquisar preço pela família, mesmo porque nem sempre a família faz isso. Além disso, os tweens se adaptam rapidamente às solicitações do meio, mudanças inclusive (Fermiano, 2010).

Imaginava-se que por estarem à frente em muito pontos, também obtinham um melhor rendimento na escola. Mas, não é o que acontece, de acordo com Fermiano. Apesar de a escola ministrar conteúdo, essas crianças lidam com muitas informações ao mesmo tempo. Elas assistem ao Discovery Channel e a uma série de programas, no entanto, não conseguem fazer relações adequadas desse conteúdo com o que é aprendido na escola. Os dados da sua pesquisa indicaram que o “mais legal” na escola é o recreio, além dos amigos. Essa dificuldade reside no distanciamento de realidades. O mundo dos adultos está muito distante do tween, da escola, da família, da sociedade, o que é muito grave. As pesquisas de marketing adentram as casas das crianças para verem o que fazem no seu cotidiano. Organizam até

grupos focais para discutir com elas as suas preferências antes de lançarem produtos. As mudanças de comportamento das crianças demonstram a necessidade de trabalhar valores com a criança e com as suas questões de identidade: ser ele mesmo, sem preocupar com os demais. E outro aspecto que deve ser levado em conta, é realizar um planejamento econômico (seja de poupar ou conhecer minimamente o mercado). Mesada ou semanada para a criança começar a gerir o próprio dinheiro, sendo orientada também pelos pais. Sendo regular, ajuda muito a criança a se organizar e a ter noção do dinheiro e a perceber e questionar os programas e os comerciais.

A Educação Financeira deve ocorrer primeiro para o educador, para que ele possa conhecer melhor essa faixa etária com a qual lida, as suas características e quais são os conceitos e conteúdos da economia e análise da mídia que poderiam conhecer para trabalhar com a criança de forma mais consciente.

No ambiente escolar, muitas vezes é trabalhada por meio de projetos a questão do meio ambiente. Mas, às vezes, estas informações atingem um nível macro: relacionado à economia de energia, água, realizar a reciclagem. Mas, em muitas ações pedagógicas, o trabalho com ações individuais sobre questões financeiras e consumo fica de fora. Uma ideia é fazer uma feira com as crianças em que elas possam trocar ou vender, ou mesmo doar as coisas que não usam mais. Trata-se de criar ressignificações e tomada de consciência de ações que podem fazer a diferença para si, para os outros e para o mundo (Fermiano, 2010).

Nesse estudo observamos que o projeto que ocorre na instituição de ensino do Colégio Logosófico em Belo Horizonte, Minas Gerais, no Brasil, proporciona aos alunos de 11 anos realizar um trabalho semelhante a este durante um ano, no qual estudam a história e o valor do dinheiro, qual a sua função, por que existe o papel-moeda. São convidados ao longo do projeto a desenvolverem algo que possa gerar alguma renda, pequena, mas própria, em uma atividade a ser realizada na escola. Ao final do projeto, ocorre uma feira de trocas e vendas de produtos que as próprias crianças desenvolveram, envolvendo a participação das famílias e sendo um primeiro passo no que se refere a consciência do valor do dinheiro. Elas vendem revistas antigas, alimentos que elas mesmas preparam, bonecas, carros antigos, colares que elas produziram. Os professores do Colégio Logosófico afirmam que esse projeto ajuda a criança a ver além do momento da compra, mas tudo o que está por trás, o processo de negociação, coisas que antes a criança não imaginava e a ajuda a perceber melhor o mundo do consumo.

A escola não pode ser responsabilizada por tudo, porém seu papel é de suma importância nesse contexto, devendo inserir o outro a partir das características da criança e isso ainda ocorre de forma muito lenta. É um processo de formação do professor e do pai diante dessa nova criança. É perceptível que essa criança é muito diferente daquela de antigamente.

Fica clara a necessidade de realizar com essas crianças, consumidores em potencial organização e planejamento. É preciso se deter mais no nível micro, desde a concepção de organização e planejamento familiar e da própria criança. É importante encorajar as crianças a registrarem suas economias num livro-caixa, para depois tomarem consciência de quanto gastaram. Também observou-se que os pais precisam instruir os seus filhos a controlarem o dinheiro que recebem e entender as diferenças entre suas necessidades e desejos. Isso em relação à economia. Em relação à mídia, é preciso acompanhar e discutir com eles o que estão vendo na televisão. Uma forma de ação é questioná-los se acharam correta determinada atitude, procurando evitar com isso que se projetem na identidade de uma criança mais velha.

Observou-se que as perspectivas para uma nova linha de pesquisa dentro dessa temática, que é a educação financeira, são muitas; trata-se de uma proposta que vem alinhando esses desafios da globalização na educação e precisa ser mais estudada e mais investigada.

3. Governo e as demandas da Educação

Paulo Freire (1995, p.44) afirma que “Não há, finalmente educação neutra nem qualidade por que lutar no sentido de reorientar a educação que não implique uma opção política e não demande uma decisão, também política de materializá-la.”

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) compreendeu a necessidade de melhorar o entendimento dos indivíduos sobre os produtos financeiros e criou o Financial Education Project para estudar a educação financeira e propor programas aos seus países-membros (OCDE, 2004). Foi definido em 2003 um programa na intenção de verificar a eficiência de ações dentro do tema que já ocorriam nos países, criar estratégias que possibilitem a comparação dos programas, promovendo um conjunto de ações e sugestões no sentido de melhorar e desenvolver os programas (Smith, 2005). Em novembro de 2005, foi publicado um relatório com o nome Improving financial literacy: analysis of issues and policies contendo os resultados dessa pesquisa. Identificou-se que os países

pesquisados vêm optando por políticas para instruir a população no que se refere aos conceitos de crédito, de investimentos e de instrumentos de seguro e estão dedicando maior atenção à população jovem. Contudo, as dificuldades para execução e eficácia dos programas ainda são grandes devido ao orçamento para sua implantação ainda ser baixo e à limitação da população na compreensão dos conceitos sobre educação financeira. Dessa forma, a OCDE criou algumas recomendação e sugestões que compõem os princípios da base da educação financeira, devendo oferecer: a promoção justa, possibilitando o desenvolvimento das competências financeiras dos indivíduos embasado em informações e instruções apropriadas, livres de interesses particulares. Os programas de educação financeira devem focar as necessidades e prioridades de cada país, devem ser contextualizados, sendo que podem sugerir a inclusão de conceitos como planejamento financeiro, poupança, endividamento, contratação de seguros, além de conceitos elementares de matemática e economia. Aquelas pessoas que têm a intenção de entrar na aposentadoria, devem se conscientizar de suas necessidades e interesses em relação aos seus planos de pensão. Os órgãos administrativos e legais do país devem considerar a educação financeira como um instrumento que pode colaborar para o crescimento e estabilidade econômica sendo importante complementar o papel exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor. As instituições financeiras devem se envolver nesse processo de forma a estimular a circulação e a compreensão de informações financeiras, em especial, nos negócios de longo prazo e naqueles que podem comprometer a renda do indivíduo atual e futuramente. Outro conceito importante é que a educação financeira deve ser um processo contínuo, e por meio da mídia, devem ser veiculadas campanhas nacionais de incentivo à compreensão dos indivíduos em relação à importância de as pessoas se capacitarem para gerir financeiramente suas vidas e promover o acesso a esses conceitos em sites de utilidade pública. A OCDE também sugere o início da educação financeira na escola. E as instituições financeiras devem ser estimuladas a se certificarem de que os clientes leiam e compreendam todas as informações disponibilizadas. É muito importante que os programas de educação financeira foquem conceitos sobre planejamento financeiro pessoal, e esses programas devem ser realizados para colaborar na independência financeira direcionado a cada grupo de pessoas e suas necessidades em seu país (OCDE, 2005).

No Brasil, as principais ações desenvolvidas pelos órgãos governamentais, instituições financeiras e de ensino, associações e mídia, em relação ao processo de educação financeira

ainda estão no início. Essas ações ainda não conseguem atingir a demanda da população brasileira por esses conhecimentos. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) coloca a contextualização do ensino que prima por uma aprendizagem ancorada no desenvolvimento de competências para utilização desses conhecimentos na vida dos alunos. No ensino de matemática, é recomendado trabalhar: a habilidade de leitura e interpretação de textos com conteúdo econômico; a capacidade de análise e compreensão dos cálculos de juros nas vendas à prazo; a interpretação do relacionamento entre a matemática e as outras áreas de conhecimento, como a economia; o bom uso desta disciplina para interpretação dos direitos do consumidor (MEC, 2000a, 2000b). Estas, são orientações provenientes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (no 9.384/96) Savoia, Saito e Santana (2007).

O Governo atento às novas demandas da educação definiu como necessidades trabalhar com as crianças conceitos que fazem parte da sua vida cotidiana e que precisam ser compreendidas. Dessa forma, os conceitos de orçamento doméstico, poupança, aposentadoria, seguros e financiamentos farão parte oficialmente do currículo das escolas públicas a partir do ano de 2012. O presidente do Brasil em 2010, Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef) em decreto publicado no Diário Oficial da União. O Decreto de nº 7.397, apresenta que a Enef é uma política pública que tem como finalidade fortalecer a cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional. A Enef tem como públicos-alvo adultos e alunos das escolas públicas e privadas de todo o País. O decreto que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira listou ações de iniciativas pedagógicas na intenção de minimizar o analfabetismo financeiro no país. O desenvolvimento de um projeto nacional de Educação Financeira, iniciativa das entidades e dos órgãos integrantes do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – COREMEC, vai ao encontro de uma necessidade atual da sociedade. As mudanças econômicas, sociais e tecnológicas dos últimos anos demonstram a necessidade de difundir ações que possibilitem educar financeiramente a população, algo que ocorre em nível mundial. O mercado financeiro mundial está cada vez mais sofisticado e produtos inovadores surgem a todo instante para consumo. A Educação Financeira possibilita que consumidores e investidores adquiram novos conhecimentos, ampliando sua compreensão dos produtos financeiros e também desenvolvam habilidades e segurança para serem mais conscientes, sabendo fazer suas escolhas financeiras (Enef, 2007).

Um estudo realizado pelo pesquisador e professor do Laboratório de Finanças (Labfin) da Fundação Instituto de Administração (FIA) André Saito mostra que o processo de educação financeira está se desenvolvendo de forma mais intensa nos Estados Unidos, Reino Unido, Japão, Austrália, Nova Zelândia e Coreia do Sul. Esses países representam 37% das regiões analisadas no levantamento. Já na América Latina e no Leste Europeu, que compreendem 63% das regiões avaliadas, o ritmo de ações no sentido de prover conhecimento financeiro para a população ainda é pouco.

Com base numa pesquisa bibliográfica e documental, o estudo teve como objetivo identificar os fatores críticos para a implantação da educação financeira nas propostas curriculares, além de analisar as estratégias que podem fomentar a capacitação financeira dos indivíduos nos âmbitos escolares. No que diz respeito ao aprendizado nos âmbitos escolares, os conceitos abordados são enfatizados no sentido de recomendações. No Brasil, é mais abordado no sentido de conseguir juntar dinheiro e não como realmente aprender a gerir a vida financeira (Saito, 2010).

De acordo com o mesmo autor (2010), os resultados sugerem a necessidade da inserção do assunto sem o foco nos interesses comerciais de agentes privados, além do desenvolvimento de profissionais que entendam o assunto, tanto na esfera pública quanto privada. É importante também que haja a introdução do tema educação em finanças pessoais no ensino básico. Ainda que algumas unidades de ensino no Brasil, isoladamente estejam colocando em seus quadros curriculares a educação em finanças pessoais, há a necessidade de se promover a inclusão do tema nos currículos brasileiros como um todo. Essa ação é importante e coerente com os interesses sociais predominantes e relevante para o desenvolvimento econômico do país.

Ao analisar as iniciativas existentes nos Estados Unidos, o pesquisador pôde perceber que a educação financeira é um assunto que consta no currículo escolar de 48 Estados, além do Distrito de Columbia. Destacando que, nos Estados Unidos, percebe-se uma grande diversidade de grupos envolvidos no processo de educação em finanças pessoais contando com a participação de órgãos governamentais, instituições financeiras e do terceiro setor que ocorre em paralelo com a ação do sistema de ensino formal.

Nos EUA, o sistema educacional é de responsabilidade estadual e local, diante da noção de descentralização característica do regime de federalismo, mas o Departamento de

Educação exerce papel primordial no desenvolvimento de conteúdos curriculares que promovam a melhoria da educação no país.

Já no Reino Unido, o tema é facultativo desde 2001. Na maior parte das vezes, no entanto, o assunto não é uma disciplina, mas está inserido em outras matérias estudadas pelos alunos durante a vida escolar. No Japão, verifica-se a participação das principais instituições financeiras privadas. O sistema de ensino insere a economia doméstica nos quadros curriculares.

No que se refere ao Leste Europeu e à América Latina, os países se mostram muito atrasados no que se refere ao desenvolvimento de uma cultura de poupança, apesar das iniciativas incipientes. Países que sofreram mais com instabilidades políticas e econômicas em seu processo histórico tiveram um resultado na pesquisa aquém do dos países desenvolvidos.

Apesar do baixo desempenho do Brasil, em relação a educação financeira, o país tem posição de destaque na América Latina. O Brasil tem trabalhado no sentido de desenvolver a educação financeira nas escolas. Há um projeto de lei (número 3401/2004) que propõe que a disciplina educação financeira seja inserida no currículo escolar da quinta à oitava séries do ensino fundamental e no ensino médio. O projeto, proposto pelo deputado Lobbe Neto (PSDB-SP), já foi aprovado pelo Congresso e foi encaminhado para discussão no Senado.

O Ministério da Educação (MEC) também tem a intenção de integrar as ações voltadas às finanças pessoais em um grande programa nacional de educação financeira nas escolas, que teve início em 2010 por decreto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Banco Central também está dando maior atenção a esse tema, segundo Saito, e tem a intenção de treinar militares da Aeronáutica para levar orientação financeira para os lugares mais distantes do País. Saito afirma que esse tema vem crescendo e recebendo maior enfoque nos últimos anos (2010). De acordo com o instituto Serasa Experian, a inadimplência no Brasil cresceu 8,2% em maio, a maior alta em mais de um ano. O resultado dessa pesquisa demonstra o resultado da educação financeira que ocorre em boa parte das famílias brasileiras. O consumo realizado pelos indivíduos é a consequência do que aprenderam quando eram crianças. Na maior parte das vezes, o primeiro contato com o dinheiro foi usado para comprar alguma guloseima, figurinhas ou sorvetes. Isso responde as ações dos adultos de hoje. Dessa forma, torna-se primordial ensinar educação financeira para as crianças de hoje, em escolas de ensino básico, devendo-se ensinar que antes de gastar é preciso poupar (Domingos, 2008).

Outra questão que é responsável por esse consumo excessivo, como citamos, é o marketing publicitário e o crédito fácil. Nesse contexto, as pessoas adquirem aquilo que não precisam ter com o dinheiro que não é delas. É importante entender o que é o endividamento, separar a dívida do valor, aquela que se contrai por que se quer crescer materialmente, e as dívidas realizadas impulsivamente, geradora de inadimplência, por não agregar valor, não criar compromisso. Para se reeducar financeiramente, faz-se necessário mudar os hábitos, colocar metas e prioridades em primeiro lugar, os sonhos individuais de cada um. Para isso, ao definir os sonhos, deve-se também estipular prazos para alcançá-los, curto, médio e longo. Dinheiro que se guarda sem um objetivo é fácil de se perder no consumismo impulsivo (Domingos, 2010).

No ano de 2010, 450 escolas públicas dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Tocantins e Distrito Federal deram início a aulas de um projeto-piloto de educação financeira, que deve alcançar em torno de 200 mil instituições de ensino oficial. A necessidade da compreensão do mundo financeiro é real e começa a ser vivenciada no Brasil. Neste ano de 2011, o projeto-piloto testa uma metodologia de educação financeira voltada para escolas públicas do ensino fundamental.

Os educadores desenvolveram conteúdos adaptados de educação financeira para todas as nove séries do ensino fundamental e as três do ensino médio.

Nas aulas de matemática, história, ciências sociais e até português dentre outras, estarão distribuídos os conceitos sobre educação financeira, não havendo dessa forma a disciplina específica. Nas escolas, a educação financeira é incentivada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE e já está inserida no currículo escolar de mais de 60 países. Estas diretrizes são consequência do trabalho de entidades do mercado de capitais - como Febraban (bancos), Anbima (bancos e gestores) e BM&FBovespa e dos reguladores CVM (ações e títulos de dívida), BC (bancos), Susep (seguros) e Previc (previdência). Inserida formalmente nas escolas, há também a iniciativa de oferecer cursos a distância e de capacitação em finanças pessoais voltadas para adultos.

O secretário de relações institucionais do Banco Central, José Linaldo Gomes de Aguiar, informou que serão criados cursos a distância voltados para adultos, preparando para capacitá-los nessa área tão importante. O Banco Central já possui um curso presencial modulado de 20 horas, que leva a universidades e a organizações.

Uma pesquisa nacional realizada em 2008 com apoio da BM&FBovespa mostrou que é muito baixo o grau de educação financeira da população brasileira. A pesquisa demonstrou que muitos brasileiros optam por pagar o valor mínimo da fatura do cartão, quando estão em situação apertada, desatentos aos juros altos desse recurso (Sciarretta, 2010).

É uma via segura capacitar crianças, adolescentes e jovens dentro dessa temática visando a formação de cidadão conscientes e aptos a gerir a vida financeira e colaborar para o desenvolvimento do país.

Na intenção de diagnosticar as ações referentes ao assunto no contexto nacional, e sugerir iniciativas para o seu fomento, constata-se que é notória a importância de incentivar o desenvolvimento da educação financeira e estimular os agentes envolvidos no processo. Após abordar a importância da educação financeira e o preparo para o consumo, tratamos a importância do envolvimento do governo brasileiro para desenvolvimento da educação financeira. Ao identificar algumas iniciativas existentes no País, observamos que a educação financeira no Brasil se encontra em estágio de desenvolvimento inferior aos Estados Unidos e Reino Unido. A explicação para essas diferenças entre o Brasil e os países mencionados está na compreensão de fatores históricos, culturais, além da responsabilidade das instituições no processo de educação financeira.

No período da inflação, o planejamento financeiro das famílias esteve comprometido e com a abertura econômica, no início dos anos 1990, e o processo de estabilização do Plano Real, o mercado financeiro nacional se modificou e surgiram novos instrumentos, aumentando a complexidade dos produtos oferecidos. Dessa forma, as pessoas e suas famílias começaram a necessitar de novos conhecimentos e informações, para tomarem decisões acertadas embasadas em conhecimento ao gerir a vida financeira. Mesmo com essas mudanças, a educação financeira ainda não integrou os currículos escolares oficialmente na época. As iniciativas existentes estão no início e ainda não atendem às demandas dos seus clientes. A regulação da matéria pelo Banco Central pode ser uma alternativa para solucionar tal deficiência. Outros organismos ligados ao governo — Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Ministério da Fazenda (MF), Secretaria da Receita Federal (SRF), Secretaria do Tesouro Nacional (STN), Secretaria da Fazenda (SF) e secretarias de Educação dos estados (SED) — têm projetos na área de educação financeira, mas ainda estão muito aquém do necessário para habilitar a população adulta sobre o tema. Observaram-se algumas ações que podem ser sugeridas para colaborar na capacitação e formação econômica dos indivíduos

segundo Saito (2010): incentivar a cultura de poupança na população; inserir a educação financeira nos programas de todos os níveis de ensino; desenvolver os conceitos de crédito, investimento e consumo por meio de escolas, universidades, mídia e outros setores; promover a coordenação de esforços entre governo e sociedade; monitorar a qualidade dos programas. No Brasil, o tema deve receber atenção, uma vez que o País com sua extensão demanda a sua inserção em todas as esferas, fazendo imprescindível a excelência na gestão de recursos escassos por parte dos indivíduos e de suas famílias. Outra necessidade é uma coordenação maior de esforços e monitoramento das iniciativas do setor privado; o papel do setor público deverá ser de extrema importância para a divulgação, consolidação e fortalecimento da educação financeira, sendo que a participação das escolas, das universidades e comunidade é de grande relevância para sua eficácia Savoia, Saito e Santana (2007).

4. Questões que foram despertadas para investigação - Enquadramento e fundamentação do projeto

A questão Financeira vem tendo grande repercussão mundial. Em outubro de 2010, aconteceu o 1º Congresso Latino-Americano de Educação Financeira organizado pela FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos – e a FELABAN – Federação Latinoamericana de Bancos. Em um momento em que, “passada a crise internacional e a economia global – e, com ela, a de boa parte dos países latinoamericanos – mostra sinais de recuperação, as entidades convidam para um importante debate sobre o uso consciente do dinheiro e a orientação a respeito de produtos e serviços bancários. Afinal, com a crescente inclusão bancária ocorrida nos últimos anos nos países da região, a discussão a respeito desses temas é, hoje, um imperativo, para bancos, governos e entidades ligadas ao ensino público e privado” (Febraban, 2010).

O 1º Congresso Latino-Americano de Educação Financeira abordou, em seus painéis, temas como Educação Financeira e cidadania, Educação Financeira nas escolas, relacionamento com públicos estratégicos e consumo consciente. Participaram do encontro especialistas brasileiros e internacionais. Uma visão ampla e internacionalizada sobre o cada vez mais importante tema da Educação Financeira (Febraban, 2010).

No Brasil, a questão econômica, após decisão do Governo, começou a fazer parte do cotidiano escolar. No ano de 2010, teve início em agosto o primeiro projeto oficial de educação financeira nas instituições de ensino públicas de nível médio. O piloto do programa

foi implantado em 450 escolas da rede do governo nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Distrito Federal, Ceará e Minas Gerais. Essa ação educativa resultou da união de esforços dos órgãos reguladores do Sistema Financeiro Nacional –Banco Central (BC), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc) e Superintendência de Seguros Privados (Susep)– e teve o apoio de outras entidades públicas e privadas, como a BM&FBovespa e a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). No tempo previsto para realização do programa, mais 450 escolas serão acompanhadas como grupo de controle para comparação e medição de resultados. Também é preocupação do governo compreender qual é o impacto da educação financeira do estudante na vida da sua família. Ensinar crianças e jovens a tomar decisões de consumo e investimento e a planejar o futuro é um dos objetivos desta ação que não será ensinada em uma disciplina específica de educação financeira, mas o tema permeará os conteúdos de diferentes áreas, como português e matemática. O material didático, entregue às escolas, inclui livro e caderno do aluno mais livro do professor. Os docentes recebem uma capacitação a distância antes de iniciarem as aulas e depois são acompanhados por tutores especializados para esclarecer dúvidas financeiras ou pedagógicas (Sciaretta, 2010).

Observa-se que outros encontros internacionais e experiências em diversos países vêm sendo realizados visando a implantação deste tipo de educação.

São grandes os desafios a enfrentar quando se procura direcionar as ações para a melhoria das condições de vida no planeta. Um desses desafios está relacionado à mudança de atitudes na interação e na relação com a gestão financeira da própria vida.

Os alunos podem ter ótimas notas nos exames, mas suas atitudes demonstram que ainda não são capazes de relacionar o que aprendem em suas atividades diárias, seja por não perceberem a extensão dessas ações ou por não se sentirem ainda responsáveis pelo seu próprio dinheiro. Dentro das condições de uma realidade escolar é de suma importância contribuir para que as crianças, os adolescentes e os jovens da atualidade percebam e compreendam as consequências da disciplina matemática e de suas ações nos locais onde estudam, frequentam e vivem.

Deve-se definir nos ambientes escolares meios e ações que possibilitem a contribuição de forma efetiva para a reconstrução e gestão coletiva de formas de estar e ser mais ativas e participativas na sociedade. Observar quais os espaços que possibilitam essa participação.

Mas essas questões muitas vezes não estão presentes no dia a dia da Escola, são trabalhadas inicialmente mas se perdem na rotina corriqueira. A problematização e o entendimento das consequências que um simples projeto possibilita viver permitem compreendê-las como resultados das ações do próprio ser humano em diferentes momentos da história.

5. Síntese do Capítulo II

Neste capítulo foi possível fazer uma breve apresentação dos conceitos da Educação Financeira, à luz de alguns autores que abordam o tema. Para além de mencionar as leis atuais, fizemos ainda referência aos projetos de lei que, sendo meramente intenções, permitem já dar uma ideia de definição legal dos conceitos ligados à Educação financeira no currículo escolar da Educação básica no Brasil. Compreendemos a importância da boa formação do educador, devendo este ser facilitador na busca pelo conhecimento, aliado aos pais ou responsáveis e a Entidades Sociais interessadas em melhorar as nossas comunidades.

Ao final identificamos que já há no Brasil algumas realidades dentro da formação em Educação Financeira, mesmo que ainda informalmente. Ao observar uma destas experiências, identificamos que a preocupação e a busca pela solução dos problemas econômicos é considerada cada vez mais urgente para garantir o bem-estar da sociedade. Este depende da relação que se estabelece entre a sociedade e o sistema monetário e econômico, tanto na dimensão coletiva quanto na individual. É nesse sentido que ação pedagógica com a temática Financeira desenvolvida pelos docentes do Colégio Logosófico faz todo o sentido e é emergente no mundo atual. O objetivo do projeto desenvolvido foi justamente interiorizar o conhecimento na vida dos alunos a fim de que possam lidar com problemas e adversidades agindo por si próprios, fazendo uso da própria potencialidade e capacidade e dos recursos construídos e desenvolvidos no decorrer da aprendizagem.

Com o objetivo de perceber melhor as práticas que neste momento se desenvolvem no Brasil e em especificidade na instituição Colégio Logosófico – Unidade Funcionários, na cidade de Belo Horizonte, desenvolvemos o estudo ao observar um projeto dentro da esfera econômica e, no capítulo a seguir fazemos a sua apresentação e descrevemos os processos vivenciados e compreendidos.

Capítulo III

Educação Financeira e Preparo para o Consumo: caracterização e avaliação de um projeto numa turma de Ensino Fundamental 1

“A arte de ensinar consiste em começar ensinando a si mesmo, ou, dito de outro modo, enquanto de uma parte o ser aprende, aplica de outra esse conhecimento a si mesmo e, ensinando a si mesmo, sabe depois como ensinar aos demais com eficiência” .

González Pecotche

Introdução

O indivíduo que tem contato com os conceitos da Educação Financeira e preparo para o consumo desde cedo, desenvolve habilidades de gerir a vida financeira pautado no conhecimento verdadeiro, com poder de escolha e segurança do que é melhor em cada momento de sua vida e o que é realmente necessidade. Quando se aprende a compreender o mundo financeiro e a lidar com o dinheiro de forma inteligente é mais difícil ter uma vida de oscilações econômicas.

Dolvin e Templeton (2006) pontuam que os programas de Educação Financeira possibilitam o desenvolvimento de conhecimento, aptidão e habilidades, capacitando os indivíduos, informados e mais críticos em relação à oferta de serviços financeiros e mais bem preparados para gerir sua vida financeira.

Mesmo observando divergências na eficiência e qualidade de programas de formação, os mesmos são importantes para desenvolver nos cidadãos a capacidade de gerir de forma equilibrada sua vida financeira (Braunstein & Welch 2002). A Autora Fermiano (2010) aponta que as crianças e jovens precisam ser alfabetizados economicamente para construir suas defesas frente à forte abordagem da mídia voltada para o consumo, valores e modelos impostos.

Dessa forma, a importância do papel do educador e a relação família e escola no processo educativo no âmbito da Educação Financeira e Preparo para o Consumo fundamentam o interesse de produção científica em torno de uma realidade escolar específica.

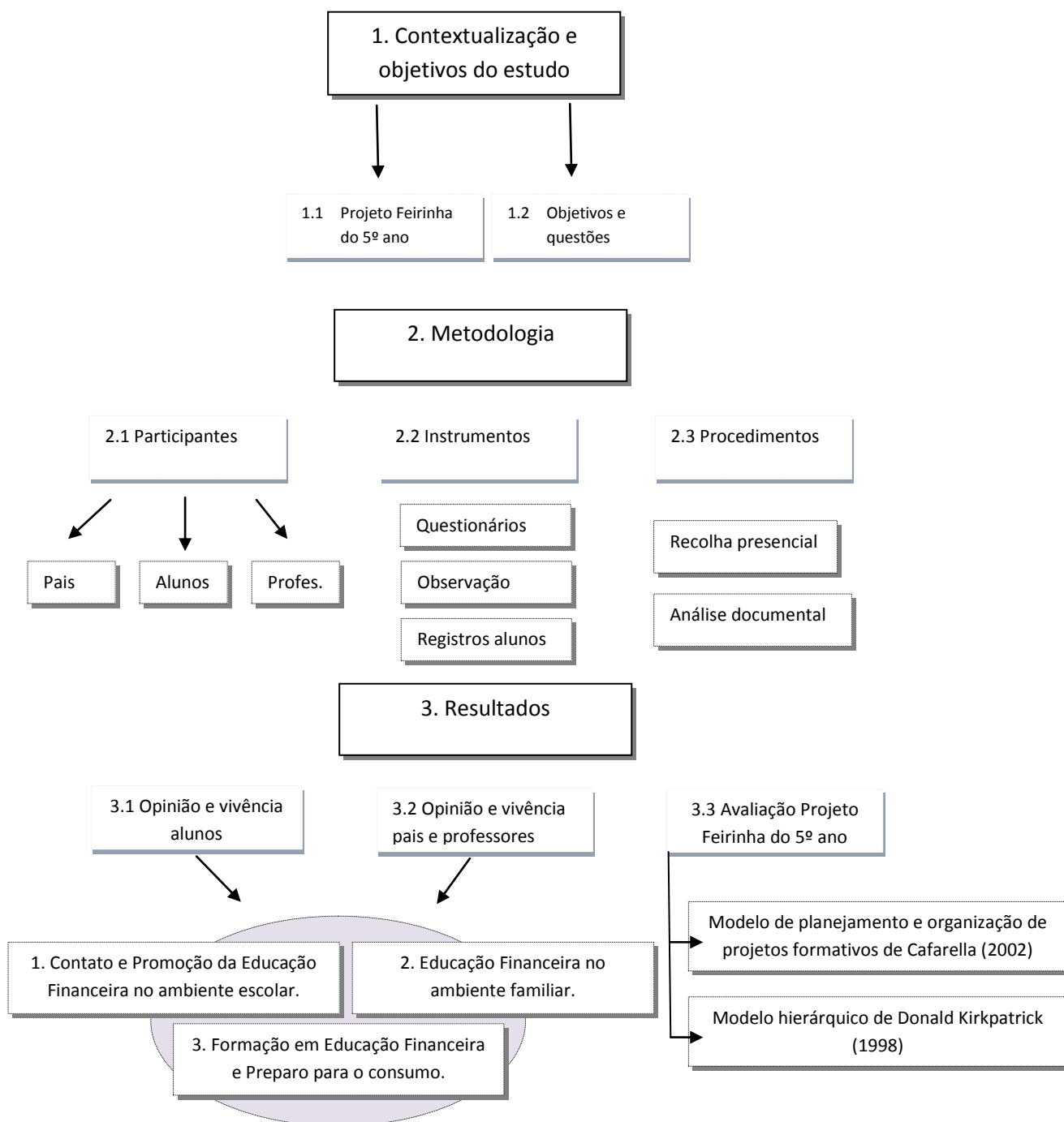
A presente pesquisa empírica incidu precisamente sobre a escola e sobre os fenômenos de opinião e participação dos alunos, pais/encarregados de educação e professores. Valoriza-se a análise de contextos, dos universos normativos, das representações e orientações dos educadores.

A organização social que foi investigada é uma escola privada, de Ensino Fundamental 1, particularizada no estudo de uma escola de dimensão média, situada no Brasil, no estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. A análise está centrada na experiência vivenciada pelo grupo de 5º ano de ensino fundamental.

Num primeiro momento deste capítulo apresentamos o projeto alvo, faremos a caracterização em detalhe do processo educativo desenvolvido denominado “Feirinha do 5º ano”, do qual realizamos observação das práticas docentes e do envolvimento da escola, família e comunidade.

Num segundo momento, apresentamos então a metodologia de investigação, descrevendo o estudo de caso realizado, incluindo os participantes, os instrumentos, os procedimentos. Em um terceiro momento apresentamos os resultados, terminando com a sua discussão e a apresentação das considerações finais.

Apresentamos um esquema criado para compreensão do alinhamento deste capítulo em função dos passos do nosso estudo.



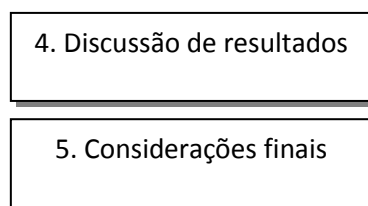


Figura 2. Esquema de compreensão do Capítulo 3.³

1. Contextualização e objetivos do estudo

A ação educativa em questão foi observada em uma turma do 5º ano, do Ensino Fundamental 1, do Colégio Logosófico de Belo Horizonte dentro da disciplina Matemática, subordinado ao tema “Educação Financeira e Preparo para o Consumo”, sendo ele de extrema relevância e que foi ao encontro do interesse dos alunos, pais e professores.

A ação pedagógica é fundamentada recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais⁴, discriminando os principais aspectos que nortearam o projeto. Além de contextualizar a Instituição onde o programa foi desenvolvido.

No decorrer do projeto, tendo em conta os resultados das observações e registros obtidos, é realizada uma apreciação das necessidades e dificuldades sentidas com respectivas recomendações. Figura 3.3 – Imagem da fachada da instituição Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários.



Figura 3 - Imagem da fachada de entrada da Instituição Colégio Logosófico González Pecotche.

Há 46 anos, o Sistema Logosófico de Educação já possui sete Unidades Educacionais no Brasil e quatro no exterior. Pela originalidade de sua proposta pedagógica, o Sistema está sendo reconhecido mundialmente.

³ Figura 2. Para além da caracterização do estudo de caso, este estudo implicou, no total, a passagem e o tratamento estatístico de 108 questionários a alunos, pais e professores e 99 fichas de auto-avaliação sobre as etapas vivenciadas pela amostra dos 33 alunos. Compreendeu a realização, com o conseqüente tratamento de informação, de três grupos de amostra, observação formal, informal e análise documental. Tudo no decorrer de seis meses.

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais – (Lei nº. 9394/96), conforme capítulo 1 ensino da matemática e temas transversais.

O Colégio Logosófico está situado à Rua Piauí, 742, Funcionários, em Belo Horizonte, Minas Gerais, apresentado na **Figura 3.3**.

Carlos Bernardo González Pecotche (Buenos Aires, 1901-1963), humanista, pensador e educador argentino, dedicou toda sua vida à realização de uma obra em prol da humanidade. Iniciou em 1930 uma linha de conhecimentos que denominou Logosofia.

Em 1960, González Pecotche apresentou no I Congresso Internacional de Logosofia, realizado em Montevideú, o pensamento de criação das Escolas Logosóficas. O Colégio Logosófico González Pecotche de Belo Horizonte, o primeiro a ser implantado no Brasil, começou suas atividades em 11 de março de 1963, com uma nova proposta pedagógica para a educação da infância e da adolescência.

Após 46 anos da criação da primeira escola, são sete unidades no Brasil que compartilham ações docentes e resultados propostos pela pedagogia logosófica. A Unidade Funcionários na qual foi realizado o projeto, teve início em Março de 1963, apresentando uma nova proposta pedagógica para a educação da infância e da adolescência. Atualmente, a Unidade Funcionários mantém, em dois turnos, a Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com aproximados oitocentos alunos. São muitos os resultados alcançados com a aplicação da Pedagogia Logosófica nestes quarenta e seis anos de existência no Brasil. Sua infra-estrutura ocupa um terreno de 4.244m², com aproximadamente 6.000m² de área construída.

A Escola está situada em uma região nobre da cidade, o que permite o acesso de um público de classe média, classe média alta. A Escola ao difundir a Pedagogia Logosófica demonstra interesse em capacitar seus alunos em todos os aspectos da vida, não só do conhecimento comum. O Projeto Político Pedagógico da Escola foi desenvolvido e reformulado pelo Corpo docente e está sendo aplicado desde 2001 após a última reformulação. Os docentes estão em constante capacitação, buscando aperfeiçoar o próprio currículo, participando de seminários, cursos e palestras e recebendo uma ajuda financeira da instituição para tal. Muitos docentes também deram a continuidade aos estudos, realizando pós-graduação, mestrado e doutorado.

Não há evidências de alguma violência dentro do ambiente escolar ou seus arredores. Há alguns descuidos com os bens materiais da Escola, mas que está sempre sendo trabalhado com os alunos. Existe algumas turmas específicas que apresentam indisciplina em sala de aula.

A Escola oferece trimestralmente Curso para pais, realizado pelos docentes, no qual são tratados temas logosóficos, de acordo com a faixa etária de cada aluno e intercambiado alternativas e soluções para lidar, por exemplo, com a indisciplina, a falta de vontade, a obediência, o respeito, dentre outros temas.

A comunidade Escolar está se fortalecendo uma vez que a cada trimestre são realizadas atividades que envolvem Escola, família e a Comunidade ao redor da Escola.

O Colégio Logosófico tem como principal objetivo cumprir com sua missão dentro da proposta da Pedagogia Logosófica: “Oferecer à infância e à juventude, por meio da pedagogia logosófica, um amparo e um saber que favoreçam o desenvolvimento pleno de suas aptidões físicas, mentais, morais e espirituais, formando as bases de uma nova humanidade, mais consciente de sua responsabilidade diante da própria vida, da sociedade em que vive e diante do mundo” (Cf. Projeto Político Pedagógico da instituição).

Dentro das metas estipuladas pela Secretaria de Educação, o Colégio Logosófico oferece aos seus alunos excelência em qualidade de ensino. Viabiliza participação em cursos e palestras aos alunos e docentes do Colégio. Constantemente investe em suas instalações, melhorando o ambiente de aprendizado e busca atualização constante.

O Colégio também visa aumentar o rendimento escolar de seus alunos oferecendo atividades diversificadas para auxílio na aquisição do conhecimento, além de prepará-los para o vestibular (avaliação de verificação de aprendizagem de todas as disciplinas, realizada por todos os alunos que concluem o ensino médio e pretendem ingressar em uma Universidade) com um excelente embasamento teórico. O Colégio também apresenta como meta aumentar o IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

O grupo de docentes que compõe a direção do Colégio Logosófico, Unidade Funcionários, assumiu a gestão em 2005 tendo como um dos principais objetivos cumprir com a missão do Colégio. Este grupo diretivo se baseia no Projeto Pedagógico da Escola, planejando e executando ações que primam pelo bem estar de todos, visando a melhoria da instituição como um todo e a satisfação da comunidade escolar.

O Regimento Interno da Escola é dado no início de cada ano letivo em formato de “Manual Escolar” a todos que pertencem àquela instituição: docentes, discentes, pais de alunos, funcionários, corpo diretivo. O regimento contém os deveres e direitos de cada um que compõem àquela instituição.

Com a particularidade de aplicar a Pedagogia Logosófica, todas as unidades do Colégio Logosófico realizam sempre atividades que promovam a integração da comunidade escolar e priorizem os valores considerados tão importantes para a vida. Como exemplo o “Estudo sobre a família”, realizado há 45 anos no Colégio Logosófico, no qual a família é estudada nos meses de maio e junho, culminando com uma festa com a participação de toda a comunidade escolar.

Na instituição escolhida tenho desenvolvido a minha atividade profissional desde 2003, sendo, também por essa razão, elegida essa Escola para essa pesquisa. Importante recordar que, é, justamente, por conhecer essa realidade e por já ter desenvolvido práticas sobre a Educação Financeira como educadora, naquele mesmo contexto, que decidi por realizar a investigação neste local. Assim, a escolha do tema, ocorreu de forma natural e gradual, por haver grande interesse pela temática, por experimentar pequenos projetos com alunos de idades menores e finalmente por participar de projetos “Feirinha do 5º ano” em outros anos nesta mesma escola, como espectadora.

1.1 Projeto Feirinha do 5º ano

Realizar projetos com alunos de 10 e 11 anos não é impossível. Ao dar vez e voz aos alunos, o professor, além de favorecer o desenvolvimento de muitas habilidades, pode com sua intervenção provocar questionamentos e fazer com que o saber circule em sala de aula. Trabalhar com projetos, partindo de situações reais, concretas e contextualizadas, que interessam de fato aos alunos, é uma chave para promover a aprendizagem. Na busca por uma resposta ou na resolução de uma questão, aprende-se a conviver, negociar, posicionar-se, buscar e selecionar informações, registrar o que se vai aprendendo.

Nesse sentido, ao observar a turma de 5º ano do Ensino Fundamental I do Colégio Logosófico, no ano de 2010, identificou-se no decorrer da realização do projeto “Feirinha” de cunho educativo a oportunidade de proporcionar resultados reais na vida do aluno no que se refere à Educação Financeira e o Preparo para o Consumo.

Nessa perspectiva o presente trabalho investiga a ação pedagógica “Feirinha do 5º ano” e fundamenta de acordo com os modelos Progressista e Humanista.

Conforme citado a aprendizagem deve ser interativa e aberta. O educando deve buscar se atualizar, desenvolver e valorizar os próprios sentimentos. Estes aspectos estão diretamente ligados à proposta da Pedagogia Logosófica e da ação educativa desenvolvida que é baseada

nesta Pedagogia. De acordo com as proporções para uma educação infantil, o programa buscou oferecer aos alunos uma aprendizagem interativa, na qual o aluno se relacionasse com o conhecimento de forma ativa e participativa, aprendendo através da experiência e da realização de tarefas em grupo, discussões de grupo e ensino em grupo. E a aprendizagem ocorreu orientada com os objetivos pré-definidos, mas o ensino não deixou em nenhum momento do programa de ser um ensino individualizado.

No início do ano letivo do ano de 2011 os alunos iniciam as aulas entusiasmados e questionam as professoras sobre quando irão realizar a “Feirinha do 5º ano”. Por terem participado dessa atividade nos anos anteriores, como “clientes e consumidores” tinham conhecimento que no 5º ano viveriam o projeto.

A professora realiza uma breve apresentação do projeto, explicitando que há todo um planejamento e processo para vivenciá-lo. Isso inclui muitas atividades na disciplina matemática.

Foram realizadas aulas com os alunos contando com a participação de profissionais da área administrativa, financeira e marketing.

Percebendo que havia muitas formas de explorar o assunto por meio de pesquisa e sabendo o valor desta atividade para a vida dos alunos, a professora planejou para outubro uma palestra ministrada por uma empresária que possui seu próprio negócio, Mariana Monteiro, para dar início ao projeto (Anexo 1). Os alunos recebem, na escola, em sala de aula a palestra com informações sobre como calcular lucro, fazer uma sociedade, negociar preço, realizar um bom planejamento, definir o público-alvo, estipular quanto poderá investir, quanto poderá lucrar, definir o marketing do próprio negócio. Esta palestra abriu o projeto “Feirinha”. Foram abordados aspectos ainda desconhecidos pelos alunos na prática, como: importância de aprender a trabalhar em sociedade, atendimento é essencial, margem de lucro, porcentagem, marketing, propaganda, clientes, pesquisa de mercado, calcular matéria prima, produtos manufaturados (produzir o produto pode ser mais lucrativo do que comprar pronto), produtos maquinofaturados, o que é ser empreendedor, revenda de produtos, saber como e em que investir o capital inicial, compreender que no comércio existe o consumidor e o comerciante que oferece ao cliente o produto que deve ter boa qualidade, bom preço, juntamente com bom atendimento. Algumas ideias foram bem reforçadas como, por exemplo, o vendedor deve ser organizado com o que investe inicialmente, o que vende, o que foi custo,

o que foi lucro; Os produtos serem vendidos devem ser produtos que sejam do interesse do consumidor e, para tal é fundamental identificar quem são os seus consumidores.

Os alunos ficaram muito entusiasmados com a abertura do projeto e realizaram anotações sobre o que aprenderam em uma ficha de informações sobre a palestra (Anexo 1).

A professora consultou se as famílias iriam colaborar, afinal os alunos precisavam de auxílio na realização de suas atividades. Também era preciso listar as perguntas, saber se haveriam pesquisas semelhantes e como seria cada “empreendimento”. Era importante recordar que um projeto é uma forma de ação pedagógica. Para colocá-lo em prática é preciso ter um planejamento, isto é, fazer escolhas sobre o que será ensinado, como se dará o processo e como será a avaliação – mesmo que o desenrolar dos acontecimentos transforme as decisões originais.

A professora responsável no decorrer do projeto realizou várias intervenções para que os alunos buscassem fontes e informações de verdadeira utilidade, aprendendo a pensar sobre o que estavam realizando e não apenas executar. Questionados sobre como seria o trabalho, quem gostaria de pesquisar, o que seria pesquisado e como seria compartilhado o que fosse aprendido, surgiu outra pergunta: Por onde poderiam começar? Muitos falaram que poderiam pesquisar utilizando internet, livros, revistas e jornais para complementar o que foi aprendido em sala dentro da disciplina matemática e com as aulas que teriam. Alguns recordaram que, na escola, havia uma ótima biblioteca e poderiam solicitar ajuda à funcionária responsável para descobrir o que queriam. Recordando o que mesmo eles queriam aprender para complementar seu aprendizado foi dada a oportunidade das próprias crianças formularem perguntas, questionarem, prática pedagógica que não acontecia em sala de aula em outros tempos escolares. Dar voz aos alunos era algo impensável e estudar com eles, pesquisar e orientar é uma ação pedagógica inovadora e ousada, mas que está de acordo com a nova postura do educador que quer educar para a vida e fazer uso de todos os recursos tecnológicos e acesso a informações presentes no contexto escolar.

Além das aulas presenciais, existiu, também, uma carga horária não-presencial para pesquisa e planejamento da atividade a ser realizada por cada dupla. A abordagem utilizada foi a construtivista, na qual não é o professor que ensina, mas sim o aluno que aprende. Aproveitando o entendimento de Vygotsky (1988) podemos dizer que estamos perante uma situação educativa em que o educador passa de transmissor de conhecimentos para facilitador de aprendizagens. Neste projeto, seguindo esta abordagem, foram usadas estratégias que

estimulavam os alunos a terem iniciativa para questionar, descobrir e compreender a realidade em que vivem e a temática da Educação Financeira e o Preparo para o Consumo consciente. Além disso, utilizou-se de aulas expositivas lecionadas pela professora responsável e questionários avaliativos dos conhecimentos expostos.

Nesse sentido, todas as atividades foram planejadas considerando o conhecimento prévio dos participantes, de forma a promover uma reflexão sobre tal conhecimento e sobre os novos aprendizados. Isso incluiu situações do cotidiano escolar em que os conhecimentos sobre matemática são necessários. Estimulou-se o pensamento crítico e os questionamentos sobre temas relevantes. A construção do conhecimento foi facilitada por palestras interativas e discussões sobre os temas propostos.

O segundo momento foi definir as duplas do projeto e realizar um planejamento sobre a melhor forma de ganhar dinheiro no decorrer da atividade vivenciada em quatro passos (Anexo3).

No primeiro passo, para pensar no produto a ser vendido o comerciante deve conhecer seu consumidor. Identificar quem iria comprá-lo. O que o público-alvo gostaria de comprar. Qual o total de dinheiro que o consumidor em potencial poderia gastar. As crianças identificaram que os consumidores eram alunos, professores e funcionários da Escola. No segundo passo, listaram produtos que poderiam ser de interesse do consumidor em potencial. No terceiro passo, os alunos começaram a fazer pesquisa de preço, para identificar os locais onde poderiam comprar os produtos para revenda a um bom preço e locais onde poderiam comprar as matérias primas para produzir seus produtos a um preço competitivo. Definir quantidade de produtos a serem comprados e quantidade de matéria prima. Identificar se serão vendáveis, se vão proporcionar lucro. Ao quarto passo, os alunos, em duplas, teriam que definir e escolher seus produtos, a um bom preço de compra para poder revendê-los com um lucro de, no mínimo 100%. Neste passo, os alunos tiveram de preencher duas tabelas com informações pré-definidas. Uma tabela que tratava informações sobre os produtos de revenda e outra tabela com informações sobre os produtos manufaturados.

Após definir os produtos a serem vendidos os alunos juntamente com as professoras, realizaram uma atividade específica (Anexo 4), que orientava a calcular o preço de venda mais adequado para seus produtos. Seguindo os itens: Nome do produto; o preço de custo do produto; por qual preço gostaria de vender o produto; se não fosse possível a margem de lucro

de 100%, calcular a margem de lucro mais adequada; identificar possibilidade de fazer um pacote promocional; identificar se é possível dar algum desconto.

Os alunos participaram de uma segunda palestra do empresário de marketing Renato Ribeiro que abordou aspectos fundamentais para compreensão dos objetivos da propaganda ao oferecer na mídia um produto. Existem propagandas de caráter positivo e negativo. Ele levou os alunos a pensarem e discutirem sobre as seguintes questões: Por que existe a propaganda? Como é utilizada, com que fins? Como fazer uma propaganda que aborde a qualidade do produto e desperte o interesse do cliente em potencial? Devo dar confiabilidade a todas as propagandas com as quais tenho contato? Como identificar enquanto consumidor se preciso daquele produto ou não? Que estratégias usar? Quais oportunidades o recurso da propaganda oferece para o meu negócio? Existe forma positiva e negativa de fazer uso da propaganda para despertar o interesse do meu consumidor em potencial?

A palestra teve uma repercussão muito positiva e os alunos evidenciaram juntamente com o palestrante que a melhor forma de atrair um cliente é realizar propagandas verdadeiras, que destaquem a qualidade do produto de forma honesta. Após a palestra preencheram uma ficha de informações (Anexo 2).

Os alunos dedicaram tempo extra-classe com suas duplas para elaborarem e confeccionarem o marketing da sua “Barraca”: cartazes, promoções, tabela de preços original e com descontos ao final da atividade.

Com a possibilidade de ser um comerciante neste projeto, cada aluno recebeu de seus pais um capital inicial no valor de R\$25,00 para comprar seus produtos e revender ou produzir. Cada aluno firmou compromisso de devolver o capital inicial dos seus pais ao final da atividade.

Observou-se que como cada aluno investiu seu próprio dinheiro no início do projeto, as ações no momento de pesquisa de preço e compra de matéria prima e produtos para revenda foram mais cautelosas, procurando ter a certeza de como e em que investir.

Os alunos tiveram a oportunidade de exercer o papel de consumidores inicialmente e depois comerciantes que ofereceu a eles ver além do ato final de compra, vivenciar o uso e manuseio do dinheiro, construir estratégias inteligente de consumo e venda.

Uma semana antes da “Feirinha” a Escola autorizou a afiação de cartazes e faixas em corredores, murais, portas de acesso, para realização da divulgação. Os alunos se reuniram em grupos e foram em cada sala de aula da Escola, nas cantinas e espaços de convivência, nas

salas dos professores e funcionários divulgar a atividade oralmente e com recursos visuais. Em sala, na semana que antecedeu a atividade, a professora responsável realizou muitas conversações de preparo para viverem bem o dia. Listaram materiais necessários para sua “Barraca”, debateram sobre possíveis situações problema, identificaram formas de colaboração mútua e realizam um preparo inteligente para a atividade. Aproveitou e falou um pouco sobre o valor de buscar o conhecimento em fontes corretas. Explicou que existem cientistas que passam a vida toda à procura de uma resposta, de uma informação, estudando espécies de plantas e animais. Disse-lhes que quando um cientista escreve algo, ele escreve e mostra para o mundo os resultados de sua pesquisa: não fica com o que aprendeu para si, ele compartilha.

A professora recordou um elemento da pedagogia logosófica que é aplicada nas Escolas Logosóficas e este elemento trata sobre a felicidade. Afirma que esta é feita para ser compartilhada e quem não a compartilha acaba perdendo-a, assim como o conhecimento.

As professoras fizeram um “check-list” para planejamento e andamento do projeto (Anexo 6) e a Escola enviou para casa uma correspondência para os pais dos alunos (Anexo 7) contendo o planejamento e objetivos estabelecidos para esta atividade:

- Colocar em prática os conhecimentos sobre os números decimais e porcentagem, familiarizando os alunos com o uso do dinheiro;
- Trabalhar as operações com os números decimais: a escolha do produto a ser vendido por um dado preço; o cálculo do preço “certo” para revendê-lo (considerando que se deve ter algum lucro, mas que este seja adequado, para que o cliente compre);
- Ver a aplicabilidade do cálculo da porcentagem, na margem de lucro, ao estabelecer o preço de venda dos produtos;
- Conhecer as estratégias de venda (nome chamativo, promoções e descontos);
- Pesquisar: fazer pesquisa de produtos e de fornecedores;
- Usar a calculadora;
- Aprender coisas novas: imaginar-se como se fosse um comerciante e um consumidor;
- Aprender o “valor” do dinheiro (conhecer o trabalho que está “por detrás” do dinheiro);
- Trabalhar com os próprios valores morais: cultivar a honestidade, a alegria e a amizade.

E foi enviada uma carta a todos os alunos da Escola (Anexo 8) convidando para a atividade. Os alunos também receberam uma carta (Anexo 9) com alguns combinados e lembretes para este dia tão importante. No dia combinado da Feirinha, os alunos chegaram mais cedo e contaram com a colaboração de muitos pais que se envolveram na atividade auxiliando os filhos. Foi um dia de muitas expectativas e muitas alegrias para eles que culminavam muito esforço e trabalho. A “Feirinha” foi realizado no Pavilhão Central da Escola que estava todo decorado. Neste dia não houve aula para as turmas de 5º ano do fundamental 1 que se dedicou integralmente à “Feirinha”. Conforme planejado, eles venderam seus produtos, trouxeram de casa um troco facilitado para auxiliar nas vendas, fizeram propagandas na porta de entrada do pavilhão, ofereceram brindes e na última hora do horário destinado à atividade, eles fizeram promoções para vender todos os produtos que ainda tinham em estoque. Ao final da atividade, as crianças preencheram uma atividade avaliativa sobre a vivência (Anexo 5).

Nesta experiência as ações e os conhecimentos necessários para compreensão foram discutidos e planejados entre professoras e alunos. Todos tiveram tarefas e responsabilidades. Foi decidido o que fazer e o trabalho foi dividido. Por se tratar de uma faixa etária sem condições de autonomia, a intervenção e o auxílio dos adultos foram necessários para que houvesse constante realimentação no processo. A melhor recompensa é que a aprendizagem ocorreu o tempo todo e por todos: professores, alunos e familiares. Observou-se ampla aceitação do projeto uma vez que identificou-se que os objetivos ali apresentados estavam em consonância com os altos fins educacionais propostos pela Instituição. Trata-se de um projeto sem custos para a instituição.

1.2 Questões e objetivos da investigação que orientam o presente estudo

O momento de aprendizagem se faz em toda oportunidade e a organização escola nos tempos atuais deve cumprir o papel de incentivadora do conhecimento em todas as suas possibilidades, um veículo de transmissão e fonte, mas não única detentora do mesmo.

A articulação da educação em Educação Financeira e Preparo para o Consumo nas escolas e nas famílias, possibilita contribuir de forma significativa para desenvolver uma sociedade melhor o que nos levou a apreciar a forma como ocorre a comunicação entre a organização escolar e a família nesse âmbito, como se dá a veiculação dos conhecimentos e

conceitos relacionados a essa temática e avaliar o impacto de um projeto que foi realizado nesse sentido.

Através da observação, planejamento e vivência do projeto no decorrer do ano, tomamos conhecimento do processo empreendedor vivenciado pelos alunos e equipe de educadores, bem como comunidade escolar e foi finalidade presente neste trabalho compreender estes acontecimentos, pelo que lançamos algumas questões de partida:

- Como se processa a integração das temáticas de Educação Financeira e Preparo para o Consumo na disciplina de matemática?;

- Possibilitará o projeto realizado com o nome: “Feirinha do 5º ano” aprendizagem relevantes de Educação Financeira e Preparo para o Consumo?;

- Sentir-se-ão preparados os educadores, pais e professores, para trabalharem esta temática em sala de aula e em casa, respectivamente?;

- Que formação possuem os educadores, nas temáticas de Educação Financeira e Preparo para o Consumo?;

- Que opiniões possuem os alunos, pais e professores acerca da importância da Educação Financeira e preparo para o Consumo?;

- A globalização, o consumismo, o despreparo para o consumo e por fim o analfabetismo financeiro possuem alguma relação?;

Estas são algumas das questões que nos levaram a esta investigação e a partir dessas questões intencionamos descrever o que tem sido realizado sobre Educação Financeira com alunos e pais do Ensino Fundamental 1.

Para procurarmos responder aquelas questões delineamos os seguintes objetivos para esta investigação:

- Identificar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem na esfera Educação Financeira relacionada à área de conhecimento Matemática, na Instituição de ensino Colégio Logosófico.

- Caracterizar opiniões dos pais, alunos e professores acerca da formação em Educação Financeira e Preparo para o consumo.

- Compreender as relações entre a Escola e a família no que se refere a Formação em Educação Financeira e Preparo para o consumo .

- Caracterizar o envolvimento da comunidade educativa e das parcerias estabelecidas.

- Avaliar o Projeto Feirinha do 5º ano dentro das perspectivas dos modelos de Cafarella (2002) e Kirkpatrick (1998).

- Elaborar uma proposta de replanejamento e avaliação do projeto “A Feirinha”.

2. Metodologia

Ao realizar uma Investigação Científica encontramos grande variedade de métodos a serem utilizados, o que confere ao investigador uma grande atenção ao eleger o método que melhor se adequa ao seu estudo e responda aos “objetivos da investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p.186).

Constatamos que toda investigação deve ser fundamentada por bibliografias que estejam de acordo com o tema em questão. Minayo (1993, p.23), vendo por um prisma mais filosófico, considera a pesquisa como “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados”. Demo (1996, p.34) insere a pesquisa como atividade cotidiana considerando-a como uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”. Para Gil (1999, p.42), a pesquisa tem um caráter pragmático, é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo. Baseada em uma amostra, a pesquisa não é neutra ao realizar a investigação que se busca o conhecimento.

As reflexões de caráter metodológico, pela grande importância que possuem, foram tema recorrente neste trabalho a propósito da construção teórico conceitual e das relações entre teoria e dados empíricos, da seleção de técnicas e recursos de investigação, das formas de tratamento de dados, no estudo de caso realizado nesta investigação. Assumimos, a articulação, em interdependência, entre a teoria e a obtenção de dados empíricos, pois entendemos que a prática sem a clarificação e a fundamentação de teoria corre o risco de se

tornar cega e fluida: por seu turno, a teoria sem o confronto da experiência arrisca-se a tornar-se vazia e estéril.

O objetivo principal desta investigação é interpretar o que está sendo observado e pesquisado, devendo cumprir com observação, descrição, compreensão e significado. As hipóteses são construídas no decorrer da observação. Fazemos referência aos dados obtidos da investigação realizada e a um cenário “social” particular, sendo mais individualizada a recolha de dados, somente generalizáveis naquele contexto particular. O estudo de caso possibilita produzir informações mais detalhadas que a obtida por análises estatísticas possibilita concentrarmos mais em um aspecto ou situação específica e identificar ou tentar identificar os diversos processos que interagem no contexto estudado. Possibilita explorar processos sociais conforme esses ocorrem nas organizações permitindo uma análise contextual, processual e longitudinal das várias ações que ocorrem. Contudo, encontramos certa dificuldade em realizar deduções lógicas.

A escolha da escola Colégio Logosófico González Pecotche, e, conseqüentemente do grupo de alunos, pais e professores que iriam ser objeto do nosso estudo, obedeceu aos seguintes critérios: Terem os alunos aproximadamente uma faixa etária adequada para compreensão de conceitos matemáticos importantes como valor do dinheiro, porcentagem, juros, compra e venda. Possibilitar observação e verificação do trabalho com conceitos da educação financeira e preparo para o consumo. Possuírem corpo docente estabilizado que já realiza esta atividade há um certo tempo com eficiência e bons resultados. Contar com a participação ativa de pais, envolvidos no projeto e interessados.

O Colégio Logosófico, Unidade Funcionários, é representativo, no sentido em que representa uma realidade concreta existente no contexto do sistema escolar e não no sentido em que concentra eventuais características partilhadas por outras escolas.

Não se reclama, assim, qualquer estatuto de representatividade do ponto de vista estatístico, nem se insiste em conclusões estatisticamente generalizáveis.

A avaliação das possibilidades de abertura e disponibilidade da escola para realizarmos o trabalho de campo, em boas condições e através de apresentação e conhecimento do corpo docente, dos alunos e grupo de pais constitui, também, critério relevante para a sua escolha.

Tomou-se então como objeto de estudo o processo escolar para tentar compreender a prática vivenciada já há alguns anos no que se refere a aquisição de conhecimentos e uso na

prática sobre educação financeira e preparo para o consumo. Com todos esses indicadores, pretendemos recolher elementos que ajudassem a caracterizar a especificidade do processo escolar neste estabelecimento de ensino. Mas o certo é que não basta analisar o processo pedagógico da professora com os seus alunos isoladamente, embora esse processo também seja muito importante.

Dessa forma a escolha por esse tipo de investigação é pautada no fato de que um dos interesses da investigação está direcionado ao processo vivenciado pela turma de 5º ano. O uso do questionário, bem como das informações retiradas dos registros do projeto realizado pelos alunos avaliando a experiência, que também, foram quantificados, também colaboram na compreensão do estudo de caso e investigação sobre a temática na vida das crianças. Os métodos que foram escolhidos iam de encontro à necessidade de melhor descrever e compreender a experiência a ser investigada. O estudo de caso aconteceu utilizando como recurso complementar das diferenciadas técnicas de recolha de dados. Buscamos nos pautar em metodologias, qualitativas, que nela participam a recolha de dados descritivos, adquiridas do contato direto do investigador com a experiência investigada, evidenciando mais o processo do que simplesmente os resultados ou produtos Bogdan e Biklen (1994).

Na presente investigação, optamos por utilizar os seguintes de estratégias de recolha de dados:

- aplicação de três de questionários pares, com perguntas na sua maioria semelhantes, embora apropriadas para cada grupo, aplicados a 33 alunos (Anexo 10), 45 pais ou responsáveis pelas crianças (Anexo 11), 30 Professoras (Anexo12) e todos envolvidos na experiência em 2010;

- aplicação de folhas de registo de atividades a que se sucedeu a respectiva análise documental, através de uma leitura sistemática e crítica dos registos avaliativos realizados pelos alunos;

- observação direta em sala de aula de atividades relativas ao projeto.

Tanto os questionários, bem como a análise de documentos e a observação envolveram pessoas pertencentes à instituição e comunidade escolar.

A aplicação de questionário é uma técnica que se apoia numa sequência de perguntas ou interrogações escritas, dirigidas a um conjunto de indivíduos, os inquiridos, que podem envolver questões sobre as suas opiniões, as suas representações, as suas crenças ou outras informações sobre eles próprios ou do seu meio envolvente. Os autores Quivy e Campenhoudt

(1995) pontuam que os questionários consistem num método de colocar questões a um grupo representativo da população. Realizou-se por meio "de administração directa" preenchido pelo próprio inquirido. Foram entregues em mãos, favorecendo assim ao inquirido conhecer as razões da sua aplicação e promover um clima de motivação na realização dos mesmos.

Para esta pesquisa, utilizamos o questionário com o mesmo pensamento de Bogdan e Biklen, onde “a abordagem qualitativa aos dados quantitativos incide na compreensão de como é que o processo de computação se realiza, e não como é que se deve realizar” (1994, p. 195), esta ideia é, também, compartilhada por Vieira (1995, p.93), para quem, os questionários “não são utilizados para avaliar os sujeitos, mas sim para conhecê-los quanto às variáveis de interesse para o investigador. Os dados quantitativos obtidos assumem, por conseguinte, um valor simplesmente informativo (e não avaliativo)”.

Como referido anteriormente, foram elaborados três questionários para três grupos: pais, alunos e professores, sendo todos os participantes envolvidos no projeto: “Feirinha” do Colégio Logosófico, Unidade Funcionários. A estratégia de investigação que adotamos quanto a dados de carácter quantitativo foi, predominantemente, descritiva e interpretativa. A relevância provém de eles poderem colaborar para uma melhor caracterização de um contexto preciso e limitado. De forma congruente, e tendo também em consideração os números relativamente baixos de participantes respondentes, o tratamento dos dados será, predominantemente, realizado com recurso à estatística descritiva, utilizando contudo frequência e porcentagens.

Na observação direta, procedemos diretamente à recolha da informação, não se dirigindo porém aos sujeitos interessados. Nesse tipo de observação, se fez necessário a elaboração de um guia de observação onde o investigador registrou todos os comportamentos observados sem a intervenção dos sujeitos no produto final da informação. A observação direta do desenvolvimento do projeto ocorreu através de presença duas vezes por semana em aulas específicas em que o tema era o Projeto Feirinha ou aulas de matemática. As aulas assistidas tiveram o consentimento dos diretores da Escola em questão, das professoras e alunos para os quais fui apresentada. Estas observações foram realizadas no período entre 20 de agosto e 10 de dezembro.

A análise documental é para Bardin “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação” (2009, p. 47). Assim, com o

tratamento das informações recolhida a partir destes documentos foi possível organizar esses elementos da forma como salienta Bardin “a análise documental permite passar de um documento primário (em bruto) para um documento secundário (representação do primeiro)” (2009, p.47). Assim, a análise documental consiste na transformação dos dados, de forma que essas informações possam ser absorvidas, Bardin (2009, p.47) afirma que “o propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), como o máximo de pertinência (aspecto qualitativo).

Ao final da atividade, os alunos ficaram responsáveis por reunir todo o material individual trazido de casa, contabilizar o dinheiro realizado nas vendas. Em tempo extra-escolar os alunos se reuniram com suas duplas de trabalho para fazerem a avaliação da atividade (Anexo 3) que deveria ser descrito em forma de avaliação geral, controle de estoque, Quadro de controle financeiro: investimento inicial, margem de lucro.

Procedemos à análise dos dados recolhidos a análise de registros feitos pelos alunos e na observação direta, utilizando a técnica de análise formal e informal de conteúdo. Esta análise, iminentemente qualitativa, permitiu a compreensão do fenômeno social na sua globalidade, possibilitando a emergência de interpretações que dessem respostas às questões inicialmente elaboradas, colaborando também, a compreender as opiniões e opções dos professores manifestadas no questionário.

2.1 Participantes

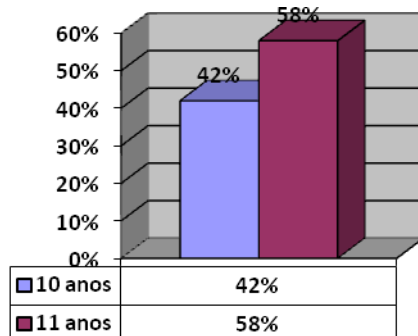
Os participantes neste estudo são constituídos por um conjunto de pais, alunos e professores. Os alunos são 33 alunos(N=33), pertencendo a uma faixa etária entre 10 e 11 anos, que frequentaram o 5º ano do ensino fundamental II do Colégio Logosófico e participaram do projeto Feirinha do 5º ano no ano de 2010. São 42%(N=14) meninas e 58% (N=19) meninos.

Tabela 1 – Gênero dos participantes

Alunos		
Gênero	N	%
Feminino	14	42%
Masculino	19	58%
Total	33	100%

E em relação à idade, nossa amostra possui 42%(N=14) alunos de 10 anos de idade e 58% (N=19) alunos de 11 anos de idade.

Gráfico 1- Distribuição da amostra por idade dos alunos (N=33)



Compõem a nossa amostra os professores da escola, que fazem parte do quadro de docentes, totalizam 30 professores (N=30) do sexo feminino.

Tabela 2 – Gênero dos participantes
Professores

Gênero	N	%
Feminino	30	100%
Total	30	100%

E os pais e responsáveis por esses alunos envolvidos no projeto no ano de 2010, totalizam 45 pais(N=45), sendo 60%(N=27) mulheres e 40%(N=18) homens.

Tabela 3 – Gênero dos participantes
Pais

Gênero	N	%
Feminino	27	60%
Masculino	18	40%
Total	45	100%

2.2 Instrumentos

A recolha de dados constitui uma das etapas do processo de investigação, com igual relevância perante o conjunto dos outros momentos. A elaboração de instrumentos para recolha de dados é percebida pelos investigadores como um processo necessário para obtenção de respostas de uma investigação. Será a partir dessa coleta que se tornará possível uma análise conducente à obtenção de resultados. Na gama de instrumentos destaca-se várias

possibilidades como questionários, grelhas de observação, guias para entrevistas e outros tipos de testes.

Nesta investigação utilizamos questionários pares para compreendermos o nível de conhecimento sobre a temática em relação aos envolvidos no projeto e a repercussão da Feirinha do 5º ano para os participantes. Como descrito anteriormente na metodologia a informação obtida com estes questionários foi triangulada com a informação obtida através de observação direta e análise documental. Conforme (Anexo 10, 11 e 12)

No momento da investigação onde a fase da observação marca o processo é de extrema relevância determinar os instrumentos que viabilizem recolher ou produzir a informação necessária. Foram recolhidos elementos referentes a quatro indicadores, a saber:

1. Contato e Promoção da educação Financeira no ambiente escolar;
2. Educação Financeira no ambiente familiar;
3. Formação dentro da temática;
4. Projeto Feirinha do 5º ano.

Os questionários foram aplicados na intenção de recolher informações também dentro dos temas mencionados. Dessa forma, categorizamos as questões dos questionários aplicados por tema podendo ser verificado no quadro a seguir.

Tabela 4 - Questões dos questionários relativas aos temas indicadores:

Temas	Questionários		
	Alunos	Pais	Professores
1. Contato e promoção da EF e PC na Escola	1; 2; 8; 9	1; 2; 7; 8; 9; 13	1; 2; 5; 7; 8; 9; 13
2. EF no ambiente familiar	3; 6;	5; 10	10
3. Formação em EF e PC	4; 7; 10; 11; 12; 13; 16	3; 6; 11; 12; 14	3; 6; 11; 12; 14
4. Feirinha do 5º ano	5; 14; 15	4	4

Na primeira página do questionário considerou-se muito importante explicitar o motivo da investigação que se apresentou de forma sintética com uma pequena introdução, foram incluídos em nossos estudos os seguintes aspectos: o nome da instituição, a Universidade e o nome da Faculdade, a apresentação curta da natureza geral do questionário e

os aspectos que pretende medir, atitudes, opiniões, satisfação, o objetivo/razão de aplicação do questionário, o pedido de colaboração no preenchimento do mesmo e o agradecimento antecipado pela participação.

2.3 Procedimentos

Em um primeiro momento foi realizada uma consulta a alguns tipos de questionários que poderiam ser aplicados na investigação. O uso do questionário possibilita segundo Quivy e Campenhoudt (1995), conhecer uma população (modos de vida, costumes, comportamentos, valores e opiniões); analisar um fenômeno social, dentre outros aspectos. As regras de construção e o formato de um questionário devem focar em alguns itens fundamentais para a coleta dos dados de uma forma mais clara e otimizada segundo apresentado por Vieira & Matos(2009) sobre as instruções ao longo do questionário as questões abrangeram o máximo de informações sobre a temática. Para a linguagem utilizada nos questionários foram tomadas algumas precauções nesse nível de compreensão dos participantes, evitando perguntas descontextualizadas, buscamos ser breves e concisos, evitando itens indutores de respostas e realizamos perguntas que pudesse auxiliar efetivamente na resposta das questões da investigação.

Em relação aos tipos e formatos dos itens do questionário aplicado, segundo Vieira & Matos (2009) o que optamos por utilizar foi a Escala de Likert utilizada em suas duas formas:

- a) A afirmação inclui uma direção ou um valor onde o sujeito indica o grau de concordância;
- b) a afirmação neutra onde a direção é proporcionada nas opções de resposta.

Antes da aplicação do questionário, realizamos um pré-teste com duas docentes da área de educação, para verificar a estrutura textual e lógica das perguntas, a clareza e objetividade, o custo da recolha de dados, bem como a taxa de resposta esperada. O pré-teste configurou-se na revisão formal do questionário e da metodologia de recolha de dados relacionada a ele. Não identificamos potenciais erros. Os sujeitos respondentes do pré-teste possuíam características semelhantes ao da amostra real. Após os procedimentos na elaboração dos instrumentos e do referido pedido de autorização para a Direção da Escola para aplicação do mesmo para a amostra citada, na data após a Feirinha do 5º ano, procedeu-se a aplicação dos questionários na instituição que foi escolhida intencionalmente, de acordo com os objetivos dessa investigação e tendo em conta o projeto realizado sobre a temática. Com a amostra de alunos e professores, o questionário foi aplicado pessoalmente, tendo dessa forma sido realizada a

apresentação do questionário para acompanhar de perto qualquer possível dificuldade, o que não se manifestou. Com a amostra de pais e responsáveis pelos alunos, o questionário foi enviado para casa para ser preenchido, dessa forma, nem todos foram preenchidos. Em relação às amostras de pais e professores, percebemos que não houve respostas desconexas, todas as respostas apresentavam compreensão dos participantes no que se refere às perguntas realizadas.

Levou-se a cabo ainda um procedimento de análise documental, através dos registros individuais de cada criança relativos ao processo do projeto, para identificarmos qual conhecimento a criança se apropriou com maior ênfase, bem como, para percebermos se dentro faixa etária o projeto se adequava na compreensão das crianças. A tabulação e a análise das informações coletadas no questionário foram processadas através do uso do Statistical Package for the Social Sciences - SPSS. Foi realizada primeiramente uma tabulação das questões fechadas e, depois, das questões abertas pois são mais difíceis de serem tabuladas, visto que devem ser agrupadas pelo conteúdo similar das respostas. Usamos técnicas de amostragem, de redação, o programa informático de gestão e análise de dados SPSS e estatística descritiva e análise estatística dos dados.

A análise documental procurou levantar todas as informações acerca do processo do projeto e transferência de aprendizagem para cada participante individualmente, compreensão, incompreensão e transferência, a fim de construir dados concretos sobre estes elementos na escola.

3. Resultados

Apresentamos nesse momento do nosso trabalho os resultados obtidos através de cada uma das técnicas e recursos utilizados: questionários, observação direta e análise de registros. Com base nos temas, apresentaremos os resultados relativos primeiramente aos questionários aplicados aos alunos e depois aos questionários aplicados aos pais e professores que muito se assemelham no conteúdo como pode ser verificado nos temas de cada questão no quadro apresentado nos instrumentos. Nos questionários havia perguntas abertas dentro dos temas apresentados. Após fazer uma leitura criteriosa e analisar todas as respostas buscamos categorizá-las, colocando cada uma dentro dos temas correspondentes os quais apresentaremos juntamente com os quadros dos resultados, dentro dos temas, após as tabelas relacionadas ao tema. Importante destacar que o tema 4 sobre a feirinha do 5º ano abordado

em todos os 3 questionários é apresentado no item avaliação do projeto no qual intencionamos avaliar os processos e verificar a aprendizagem através dos dados obtidos.

3.1 Opiniões e vivências dos alunos

Neste momento dos resultados, são apresentados os dados obtidos primeiramente em relação aos 33 alunos respondentes sobre os temas que elegemos como principais, conforme citamos na Tabela 4. Em um outro momento apresentaremos os dados obtidos em relação aos professores e pais.

3.1.1 Contato e promoção da Educação Financeira (EF) e Preparo para o Consumo (PC) na Escola

Para iniciar nossa investigação neste tema, perguntamos aos alunos se já alguma vez tinham ouvido falar ou escutado a expressão EF.

Tabela 5 – Já havia tido contato com a expressão Educação Financeira

	N	%
Não	6	18,2%
Sim	27	81,8%
Total	33	100%

Observamos que 81,8% (N=27) dos alunos afirma já ter tido contato com a expressão Educação Financeira. Dos alunos entrevistados, 18,2% (N=6) afirmam não ter tido contato com a Expressão Educação Financeira.

Verificamos ainda com que frequência a temática Educação Financeira e Preparo para o consumo se manifestam na disciplina matemática.

Tabela 6 – Já ouviu sobre o tema Educação Financeira e Preparo para o consumo na disciplina matemática

	N	%
Não	5	15,2%
Sim, frequentemente	9	27,3%
Sim, às vezes	19	57,6%
Total	33	100%

Tabela 7 – Frequência com que ouviu sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo

	N	%
Semanal	6	18,2%
Mensal	10	30,3%
Trimestral	6	18,2%
Não responderam	11	33,3%
Total	33	100%

Identificamos ainda, a partir dos dados recolhidos, que 27,3%(N=9) das crianças já ouviram falar sobre o tema frequentemente e 57,6%(N=19) das crianças ouviu às vezes sobre o tema. Dos alunos entrevistados 30%(N=10) afirmaram que já ouviram falar sobre a temática mensalmente.

Consideramos relevante a opinião dos alunos sobre a introdução deste tema na educação, uma vez que vivenciarm um projeto neste âmbito, quisemos saber se gostariam de ter aulas sempre sobre este tema.

Tabela 8 – Frequência da importância da introdução deste tema na educação

	N	%
Não	1	3%
Sim	27	81,8%
Já conheço alguns conceitos	5	15,2%
Total	33	100%

Em relação a introdução deste tema Educação Financeira, o mesmo número de alunos 81,8%(N=27) consideram importante a introdução destes conceitos na Educação e 15,2%(N=5) afirmaram já conhecerem alguns conceitos sobre a temática.

3.1.2 Educação financeira no ambiente familiar

Em nosso estudo dentro dos pilares que consideramos relevantes na educação da criança, o ambiente familiar é a base de apoio que precisa estar em sintonia com os demais responsáveis pela educação. Neste sentido, investigamos como se existe alguma prática em relação ao tema neste ambiente.

No questionário dos alunos, perguntamos se as crianças conversam com seus pais sobre o tema.

Tabela 9 – Frequência com que conversa com seus pais ou professores sobre o Educação Financeira e preparo para o consumo

	N	%
Não	1	3%
Sim, frequentemente	16	48,5%
Sim, às vezes	16	48,5%
Total	33	100%

Em relação ao tema educação financeira ser abordado no ambiente familiar, 48,5%(N=16) afirmaram que isso ocorre frequentemente e o mesmo valor 48,5%(N=16) responderem que tratam deste tema às vezes no ambiente familiar.

Quisemos identificar se os alunos recebem algum trabalho prático ou teórico em suas casas, se esse tema é abordado em forma de atividades, conversas regulares, se há algo sobre o tema em casa.

Tabela 10 – Realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo no ambiente familiar

	N	%
Não	7	21,2%
Sim, frequentemente	8	24,2%
Sim, às vezes	17	51,5%
Total	33	100%

Sobre ser realizado algum trabalho prático ou teórico sobre o tema, 24,2%(N=8) afirmaram que isso ocorre frequentemente, 51,5%(N=17) responderem que isso ocorre às vezes e 21,2%(N=7) disseram que não acontecem trabalhos desta temática no ambiente familiar.

3.1.3 Formação em Educação Financeira e preparo para o consumo

Os professores, docentes, pais e ou responsáveis, em contato frequente com seus alunos, educam formalmente mas também informalmente, pelo exemplo. Foi interesse do nosso estudo, perceber como ocorrer a formação destes alunos no contato com os conceitos sobre o tema. Em relação a receber alguma formação, objetivamos identificar a frequência com que isso ocorre no ambiente escolar ou familiar.

Tabela 11 – Frequência que recebe alguma formação sobre Educação financeira

	N	%
Não	2	6,1%
Sim, frequentemente	20	60,6%
Sim, às vezes	11	33,3%
Total	33	100%

Dos alunos entrevistados 60,6% (N=20) responderam que recebem alguma formação sobre Educação Financeira frequentemente podendo ser em casa ou na escola, 33,3%(N=11) responderam que isso ocorre às vezes.

Sobre aprender novos conceitos no dia-a-dia, vivenciá-los na prática, quisemos analisar se os alunos consideram esta realidade algo importante.

Tabela 12 – Frequência da importância de aprender novos conceitos sobre o tema na prática

	N	%
Não	1	3%
Sim, imediatamente	7	21,2%
Sim, através de projetos	25	75,8%
Total	33	100%

Através de projetos, 75,8%(N=25) dos alunos entrevistados consideram importante aprender novos conceitos sobre a temática na prática. 21,2%(N=7) acham que isso deve ocorrer imediatamente.

No que se refere a relação entre o tema Educação financeira e os conceitos sobre Consumo consciente, questionamos se os alunos consideram importante esta relação.

Tabela 13 – Frequência da importância da relação entre EF X CC

	N	%
Pouco importante	0	0%
Importância relativa	10	30,3%
Muito importante	23	69,7%
Total	33	100%

Os alunos entrevistados consideram a relação entre Educação Financeira e Consumo consciente como muito importante, sendo 69,7%(N=23)dos participantes desta opinião. 30,3%(N=10) considera de relativa importância essa relação.

Em sua formação, quisemos identificar se os alunos tinham interesse em vivenciar outros projetos como o da Feirinha em sua escola.

Tabela 14 – Frequência em relação a promover outros projetos como Feirinha do 5º ano na escola

	N	%
Não	1	3%
Sim	32	97%
Total	33	100%

Dos alunos entrevistados, 97%(N=32) consideram que deveria haver outros projetos como esse na instituição.

Consideramos importante verificar qual é o contato dos respondentes com algum material de informação ou leitura sobre Educação Financeira e preparo para o consumo. Pretendemos com essa pergunta identificar se **o participante já leu algum livro sobre a temática**. Identificamos que 93%(N=31) dos alunos nunca leram algo sobre a temática. Apenas dois alunos leram algo sobre a temática em revistas, 6%(N=2). Um respondeu que leu na revista que os pais assinam e o outro informou que leu na revista Galileu.

Observamos muito interesse dos alunos pelo tema e ao elaborar nossas questões quisemos saber **o que mais chama a atenção do participante e ele gostaria de aprofundar mais sobre Educação Financeira e preparo para o consumo**.

Esta foi uma pergunta aberta, de cujas respostas emergiram quatro categorias (Quadro 15). Observamos que dos 33 questionários, 31 alunos responderam a esta questão (31/33=93%). As respostas estão numeradas de 1 a 33, representando todos os participantes no estudo (os alunos número x e y não responderam) e com um A na frente simbolizando os/as Alunos/as.

Tabela 15 – Temas a aprofundar em Educação Financeira e preparo para o consumo: Categorias de resposta

Categorias	Unidades de registro
Comércio	A 4 - Eu gostaria de saber mais sobre o comércio. A 7 - Eu gostaria de aprofundar mais a compreensão de consumo e a venda. A 8 - Os impostos para vender os produtos. A 16 - Eu gostaria de aprender mais sobre a fabricação.
Lidar com o dinheiro	A 5 - A ganhar dinheiro. A 9 - Aprender mais sobre administrar o dinheiro.

	<p>A 18 – Sobre como juntar mais dinheiro e gastar pouco. A 20 - Eu acho que eu devia juntar mais dinheiro sem gastar. A 22 - Saber gastar. A 27 -Saber mexer com isso de dinheiro. A 30 - Mexer com dinheiro. A 33 – Muito de tudo do dinheiro, para tudo você tem que refletir.</p>
Consumo consciente	<p>A 1 - Eu gostaria de aprofundar sobre pesquisar antes de comprar. A 3 - Aprender a ser consciente antes de comprar produtos. A 6 - O que eu gostaria de aprofundar mais é como ser um bom consumidor. A 10 - O que mais me chama atenção dentro desse tema é como nos ensina a controlar e ter consciência de como consumir usando o dinheiro do jeito certo. A 11 - Eu queria aprender mais sobre o consumo consciente, pois acho muito importante. A 12 - A consumir é o que eu acho. A 13 - Que antes de comprar devemos saber se é necessário. A 14 - O que mais me chama atenção são os preços de acordo com a época e eu gostaria de aprofundar mais sobre isso. A 15 - Que poucas pessoas conhecem esse conceito importante de consumir sendo inteligente. A 17 - Eu queria aprofundar mais em ter consciência do que compro. A 19 - Consciência do que se deve comprar. A 21 - Consumo consciente. A 23 - Sobre o consumo inadequado de muitas coisas e depois o pagamento de tudo. A 25 - Aprender a se econômico e saber a época de comprar. A 26 - Sempre antes de comprar o produto, olhar onde é o lugar mais barato e onde é o melhor. A 31 - O que mais me chama atenção é que a criança tem que saber o que compra e quanto gasta.</p>
Não sabe	<p>A 2 - Não sei. A 24 - Não tem. A 32 - Não sei.</p>

Das 31 respostas obtidas, em relação ao tema Comércio, 12,1%(N=4) responderam que gostariam de aprofundar mais sobre este tema. Sobre o tema lidar com o dinheiro, identificamos 24,2%(N=8) interessados. Sobre o tema Consumo consciente foram 48,4% (N=16) interessados em aprofundar mais. E que não souberam responder foram 9% (N=3).

Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstram ser proporcionalmente os temas de maior interesse dos alunos em aprofundar mais no que se refere à formação em Educação Financeira e preparo para o consumo,

Na pergunta aberta o **que o participante compreende sobre os conceitos Educação Financeira e Preparo para o Consumo**, categorizamos as respostas em cinco aspectos que os alunos demonstram já compreender sobre a temática. Observamos que dos 33 questionários, novamente 31 alunos responderam a esta questão.

Tabela 16 – Conceitos de Educação Financeira e preparo para o consumo: Categorias de resposta

Categorias	Unidades de registro
Comércio	A 4 - Eu acho que isso ajuda pois no futuro podemos ser comerciantes.
Educação Financeira	<p>A 5 - Eu compreendo que devemos economizar para depois comprarmos o que realmente importa.</p> <p>A 6 - Eu compreendo que a Educação Financeira ajuda a juntar dinheiro e saber usar.</p> <p>A 8 - Eu compreendo que é importante economizar.</p> <p>A 9 - Eu compreendo que esses conceitos nos dizem desde pequenos como controlar nosso dinheiro.</p> <p>A 11 - Eu compreendo que devemos saber como gastar e economizar o nosso "dinheirinho".</p> <p>A 10 - Eu compreendo que aprendendo vou guardar o dinheiro para as coisas importantes.</p> <p>A 14 - Eu compreendo que temos de ter educação financeira para não gastarmos dinheiro sem necessidade.</p> <p>A 16 - Com esse dinheiro podemos comprar coisas dos nossos sonhos.</p> <p>A 18 - Eu compreendo que isso irá fazer parte de tudo e o dinheiro que irei gastar se preciso.</p> <p>A 19 - Eu compreendo que com esses conceitos a gente pode ter dinheiro para realizar os nossos maiores sonhos.</p> <p>A 21 - Eu compreendo que essas coisas são os pais que tem que dar o exemplo para a criança aprender.</p> <p>A 24 - É importante para não desperdiçar dinheiro.</p> <p>A 28 - Eu compreendi que devemos ter responsabilidade para usar nosso dinheiro.</p> <p>A 30 - Eu compreendo que preciso saber gastar pois meus pais se esforçam para ganhar.</p> <p>A 31 - Com dinheiro, podemos comprar mais se economizarmos.</p> <p>A 32 - Temos que estar preparados para olhar aonde o produto é bom, vermos se temos dinheiro, conquistar o dinheiro.</p> <p>A 33 - Eu entendo que tem a ver com dinheiro.</p>
Consumo consciente	<p>A 1 - Eu compreendo que temos que achar o mais bonito, melhor e com bom preço.</p> <p>A 3 - Eu entendo que é aprender como e de que maneira gastar.</p>

Não sabe

- A 15 - Eu compreendo que você deve pensar se você precisa ou quer um produto.
A 17 - Sobre consumo consciente e o contrário.
A 26 - Eu compreendo que é não comprar o que não precisa.
A 27 - Eu compreendo como as pessoas devem comprar as coisas.
A 29 - Entendo que antes de comprar temos que pesquisar o preço e ver se é necessário mesmo.
A 2 - Não entendo.
-

Das 31 respostas obtidas, os alunos compreendem que Educação Financeira e Preparo para o consumo está relacionado com Comércio são 3%(N=1) e 51,5%(N=17) consideram a temática importante como instrumento na aprendizagem sobre o dinheiro, demonstrando ter algum conhecimento sobre Educação financeira. 21,2% (N=7) consideram que a relação entre EF e PC está mais ligado ao consumo consciente. Identificamos que 15,1%(N=5) consideraram esta uma relação muito importante e obtivemos cinco respostas nesta questão explicitando que compreenderam: A 7 - *Eu compreendo que Educação Financeira é importante para os alunos e Preparo para o Consumo também*; A 13 - *Eu compreendo que devemos aprender a respeito disso*; A 20 - *Eu compreendo que é importante*; A 22 - *Eu acho que é importante*; A 23 - *Eu compreendo que no futuro estes conceitos vão ser muito importantes*. E, das 31 respostas obtidas, não souberam responder 3% (N=1).

Desta forma, identificamos que 66,6%(N=24) dos alunos já possuem algum conhecimento sobre os conceitos abordados.

3.2 As opiniões e vivências dos pais e professores

Em relação aos professores e pais, realizamos perguntas semelhantes em seus questionários e dessa forma, apresentaremos os dados obtidos de seus questionários em uma mesma tabala, de acordo com cada tema abordado. Iniciamos o tema 1, com a pergunta que intencionou verificar com que frequência a temática Educação financeira e Preparo para o consumo se manifestam na disciplina matemática.

3.2.1 Contato e Promoção da Educação Financeira e preparo para o consumo na Escola

Abordamos nas questões a seguir sobre a importância de tratar os conceitos do tema na disciplina matemática. Na mesma pergunta questionamos qual deve ser a frequência com que

é importante abordar os conceitos sobre o tema na disciplina matemática na opinião do respondente. Apresentamos as respostas dos professores e pais nas tabelas 17 e 18.

Tabela 17 – Na disciplina matemática considera relevante abordar os temas sobre EF e PC (professores e pais)

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Não	0	0%	0	0%
Sim, frequentemente	25	83,3%	44	97,8%
Sim, às vezes	5	16,7%	1	2,2%
Total	30	100%	45	100%

Tabela 18 – Frequência com que deve ser abordados os conceitos sobre Educação Financeira na disciplina matemática (professores e pais)

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Semanal	3	10%	19	10%
Mensal	10	33,3%	21	33,3%
Trimestral	17	56,7%	5	56,7%
Total	30	100%	45	100%

Identificamos através das tabelas feitas a partir dos dados recolhidos que 83,3%(N=25) dos professores e 97,8%(N=44) dos pais consideram relevante abordar os temas dentro da disciplina matemática.

Em relação a frequência com a qual o tema deve ser abordado na disciplina matemática, 56,7%(N=17) dos professores considera que deve ser abordado trimestralmente e 46,7%(N=21) considera que o tema deve ser abordado mensalmente.

A seguir, dentro do tema sobre Formação em Educação Financeira e Preparo para o consumo, questionamos sobre a importância de divulgar estes conceitos para educadores.

Tabela 19 - Importância de divulgar os conceitos Educação Financeira e Preparo para o consumo para professores

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Muito importante	30	100%	44	97,8%
Importância relativa	0	83,3%	1	2,2%
Pouco importante	0	0	16,7%	0%
Total	30	45	100%	100%

Em relação a importância de divulgar esse tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo para professores, 100% (N=30) dos professores e 97,8% (N=44) consideram muito importante. Das respostas que obtemos, realizamos uma pergunta no questionário para saber por que os próprios professores e pais ou responsáveis consideravam relevante capacitar os professores. Dos 30 questionários aplicados aos professores todos responderam e categorizamos em três razões do por que a educação financeira deve ser divulgada especialmente para professores. Observamos que as três razões categorizadas poderiam apresentar ainda outras sub-categorias (Contato dos professores com muitas crianças, conceitos importantes para toda a vida, ensinar o que se vivencia, Escola e família aprendem sobre o tema juntos, etc) pela amplitude das respostas encontradas, mas no sentido de compreensão, interpretação e simplificação, elegemos os principais aspectos de cada resposta para realizar as categorias e classificar as respostas obtidas.

Tabela 20 – Importância da divulgação da Educação Financeira aos professores: Categorias de resposta dos professores

Categorias	Unidades de registro
Escola forma para a vida – relação privilegiada entre professores e alunos.	E 1 - Por que os professores educam, tem contato com muitas crianças e formam para a vida. E 5 - Porque os professores auxiliam diretamente na formação de futuros cidadãos. E 8 - Estes conceitos são importantes para a vida toda, devem começar na Escola. E 9 - Por que faz parte da formação integral que os nossos alunos e nós mesmas devemos ter. E 10 - A escola auxilia na aprendizagem e fixação destes conceitos. E 11 - Divulgar os conceitos para professores é importante para ensinar o que conseguimos vivenciar. E 12 - O ambiente escolar é uma extensão do momento de aprendizagem que a criança vive no lar, deve proporcionar todos os tipos de aprendizado, inclusive da vida financeira.

E13 - Porque as crianças são o futuro da sociedade e são educadas também pelos professores.

E 14 - Porque são esses professores que orientarão seus alunos nesse sentido no dia a dia da prática escolar.

E 15 - É também no ambiente escolar que se forma o ser, se formam os hábitos, os conceitos.

E 16 - Divulgar o conceito de consumo consciente é importante, especialmente para professores, pois só podemos ensinar esse assunto aos alunos, se conseguimos aplicar em nossa própria vida.

E 17 - Porque o ambiente escolar propicia o aprendizado.

E 19 - Sim para escola e família aprenderem sobre o tema juntos.

E 20 - Para preparar para a vida adulta de forma lúdica, um tema que faz parte da vida de todo ser humano.

E 21 - Por que desde cedo é preciso tomar contato com a vida comercial.

E 22 - Escola possibilita formar os seres e este tema deve fazer parte desta formação.

E 23 - Sim para que os professores possam ensinar o que aplicam em sua vida.

E 24 - Por que os professores dão o exemplo e as crianças aprendem pelas suas ações.

E 25 - Nós precisamos aprender mais sobre o tema para poder ensinar.

E 26 - Porque a troca entre professores e alunos proporciona um aprendizado significativo na vida dos dois e este tema precisa ser vivenciado e aprendido pelos dois: educando e educador.

E 28 - Na escola que o ser aprende a exercitar seus conhecimentos, pode praticar, pode acertar e é neste ambiente o local mais propício para oferecer novos conhecimentos.

E 29 - Por que devemos informar aos alunos o que é necessário para uma boa vida em sociedade, levar e trocar todo tipo de conhecimento.

Consumo consciente

E 2 - Porque precisamos ensinar os alunos a serem menos materialistas e a darem o devido valor às coisas materiais.

E 3 - Hoje a vida, principalmente na nossa cultura, é totalmente influenciada pelo consumo. A escola, fazendo parte deste ambiente cultural, tem como obrigação, trabalhar este tipo de questão com as crianças, pois isso faz parte de suas vidas passadas, presentes e futuras.

E 6 - Porque trata-se de uma necessidade urgente do mundo contemporâneo que as pessoas adquiram hábitos de consumo mais saudáveis, baseados num aprendizado de como utilizar os recursos disponíveis de maneira adequada, evitando a escassez e até mesmo o fim das fontes disponíveis

E 7 - Sermos conscientes em nossa própria vida, do que gastamos e porquê gastamos.

E 18 - O consumo faz parte da vida de todos, deve ser aprendido de forma inteligente.

E 27 - Para podermos ensinar aos alunos sobre o consumo consciente. Só poderemos ensinar quando já tivermos aprendido...

E 30 - Para diminuir o desperdício de material na Escola.

Promoção da EF

E 4 - Porque esse conhecimento deveria ser divulgado a todos, independentemente da formação, pois toda pessoa parte da sociedade precisa saber como administrar sua vida financeira e como consumir de forma consciente.

As razões que na visão dos educandos deve ser divulgados os conceitos sobre a temática são 73,3%(N=22) que o a escola forma para a vida, sendo o professor agente responsável e instrumento nesta formação. 23,3% (N=7) respondeu que o consumo está muito presente na sociedade e deve-se ensinar a fazê-lo de uma forma consciente. E 3,3% (N=1) respondeu que esse conhecimento deve ser divulgado a todos, independente da formação.

Em relação à importância de divulgar esse tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo para professores as razões apontadas pelos pais são:

Tabela 21 - Importância da divulgação da Educação Financeira aos professores: Categorias de resposta dos pais

Categorias	Unidades de registro
Escola forma para a vida	<p>P 1 - Para que haja uma continuidade do aprendizado familiar e ou o início deste aprendizado na escola.</p> <p>P 2 - Este conceito é fundamental para toda a vida e os resultados do futuro dependerão desta consciência.</p> <p>P 3 - Formação do cidadão consciente.</p> <p>P 4 - Porque a vida é comercial.</p> <p>P 6 - São referências e formadores de opinião...</p> <p>P 8 - É algo que é útil para toda a vida.</p> <p>P 9 - Escola forma para a vida.</p> <p>P 13 - Porque eles são referências de nossos filhos.</p> <p>P 15 - Para que as crianças percebam a importância do tema, tanto como Português, Geografia, História, etc.</p> <p>P 16 - Através deles o conhecimento chegará aos alunos.</p> <p>P 19 - Eles ensinam nossos filhos.</p> <p>P 20 - Forma a consciência da criança e cria valor e responsabilidade.</p> <p>P 21 - A base está na Escola, eles aprendendo nesta fase, eles podem conscientemente consumir no futuro.</p> <p>P 24 - Principalmente por que vivemos numa sociedade e uma ação individual interfere em toda coletividade.</p> <p>P 25 - Capacitação e exemplo para serem difundidos.</p> <p>P 26 - As crianças prestam muita atenção à orientação dos professores, além de tornarem-se aptas para orientarem outras pessoas.</p> <p>P 28 - Para que o aluno venha entender o real valor das conquistas.</p> <p>P 36 - Para que os alunos consigam ter noção do dinheiro, do que é caro e barato e façam uma boa gestão.</p> <p>P 43 - Só pode ensinar quem pratica a teoria.</p> <p>P 38 - Porque através deles os alunos são melhores conscientizados.</p> <p>.</p> <p>P 45 - O sucesso do futuro das crianças tem relação o tema. É ainda uma atitude ecologicamente correta.</p>
Consumo consciente	<p>P 5 - O consumo tem uma relação direta com felicidade/stress e sustentabilidade</p> <p>P 7 - Para que desde cedo conheça os danos que ocorrem quando se paga</p>

juros, e a nunca gastar mais do que se ganha.

P 10 - Hoje vivemos em uma sociedade de consumo. Se gasta na maioria das vezes mais do que ganha.

P 11 - São formadores de opinião e, por vezes, veem situações de consumo como: "meu tênis é melhor, meu estojo..."

P 12 - Porque vivemos numa sociedade altamente consumista e materialista.

P 14 - Porque atualmente as crianças são o principal "alvo" para o apelo do consumo desenfreado.

P 17 - Porque fica mais fácil ensinar aquilo que vivencia, além de passar mais credibilidade aos alunos que nos meios de crianças são bombardeadas com propagandas que estimulam o consumo.

P 18 - Para criar um senso crítico em nossa sociedade contrapondo o consumo excessivo.

P 23 - combater o consumismo, o desperdício, uso consciente de recurso tanto os naturais quanto os obtidos pelo trabalho.

P 27 - As crianças de hoje estão muito consumistas e, por isso, precisamos trabalhar bastante.

P 37 - Por causa da oferta crescente de bens de consumo específico para a idade: formação crítica de oferta e demanda.

P 29 - O consumo desenfreado é o maior problema da sociedade moderna.

P 30 - Porque hoje o mundo capitalista está gerando seres abusivamente consumidores.

P 31 - Assim procedendo, os professores transmitirão aos alunos os fundamentos do consumo consciente e o que é aprendido no ambiente escolar por vezes é mais valorizado do que o que os pais tentam ensinar no lar.

Promoção da EF

P 22 - Para que as crianças saibam desde cedo finanças e aprendam a dar valor ao dinheiro.

Dos 45 questionários aplicados, 36 responderam, dos quais 58,3% (N=21) consideram que a escola educa para a vida, é uma extensão da aprendizagem que ocorre em casa. 38,8% (N=14) responderam que vivemos em uma sociedade muito consumista e o consumo consciente deve ser trabalhado E 2,7% (N= 1) respondeu que a razão é a promoção da Educação Financeira e Preparo para o Consumo.

Também foi do nosso interesse saber se os pais e professores já haviam tido contato com a expressão Educação Financeira e Preparo para o consumo como indica a tabela 22.

Tabela 22 – Já havia tido contato com a expressão Educação Financeira (professores e pais)

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Sim	28	93,3%	34	75,6%
Não	2	6,7%	10	22,2%
Não responderam	0		1	2,2%
Total	30	100%	45	100%

Observamos que 93,3% (N=28) dos professores e 75,6% (N=34) dos pais entrevistados já haviam tido contato com esta expressão Educação Financeira.

Sobre a introdução de novos conceitos dentro da temática na educação, consideramos importante saber o que os responsáveis pela educação opinam sobre esta questão, uma vez que um currículo que possui tais conceitos favorece a educação em casa e gera maior responsabilidade e compromisso para o trabalho do professor (Domingos, 2008).

Tabela 23 - Considera relevante a introdução de novos conceitos sobre este tema na educação (professores e pais)

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Sim	30	100%	43	95,6%
Não	0	0%	1	2,2%
Não responderam	0	0%	1	2,2%
Total	30	100%	45	100%

Identificamos que 100% (N=33) dos professores e 95,6% (N=43) dos pais afirmaram que sim.

Em relação **aos conceitos sobre Educação Financeira serem implementados no currículo formal escolar** esta foi uma pergunta aberta para a qual categorizamos as respostas em três temas que os professores e pais apontam como mais preocupados em implementar no currículo formal escolar, que construímos em dois quadros que apresentamos abaixo. Os três temas categorizados poderiam apresentar ainda outras subcategorias pela amplitude das respostas encontradas, mas no sentido de compreensão, interpretação e simplificação, elegemos os principais aspectos de cada resposta para realizar as categorias e classificar as respostas obtidas. Importante observar que as subcategorias podem existir em todas as tabelas de respostas abertas, mas optamos por eleger os aspectos principais.

Observamos que dos 30 questionários, para professores e 45 para pais, todos responderam a esta questão. As respostas estão enumeradas de 1 a 30, que representa os/às trinta e um respondentes e com um E de educando na frente simbolizando as professoras e enumerada de 1 a 45 com um P na frente, simbolizando os pais.

Tabela 24 – Deveria ser implementado como parte do currículo formal sobre Educação Financeira e preparo para o Consumo: Categorias de respostas professores

Categorias	Unidades de registro
Lidar com o dinheiro, consumo consciente	<p>E 1 - Trabalhar de forma efetiva a ajudar o aluno a ser consciente no momento de administrar o próprio dinheiro e consumir.</p> <p>E 3 - Fazer uma conexão entre o aprendizado do conteúdo com o que eles vivem na prática em relação ao consumo; abordar as diferentes realidades financeiras que eles podem passar; ter aulas de como economizar as “mesadas” que recebem dos pais, como fazer bom uso das mesmas e como administrá-las.</p> <p>E 4 - Ensinar as crianças a administrar suas receitas e gastos.</p> <p>E 5 - Penso deveria começar com orientação de como lidar com os 3Gs: Ganhar, Guardar, Gastar.</p> <p>E 6 - O estudo dos mecanismos do mercado de consumo e a necessidade real do consumo</p> <p>E 8 - Valor do dinheiro, saber receber, saber gastar, saber que o esforço possibilita fazer bom uso do dinheiro.</p> <p>E 9 - Educação Financeira – consumismo e consumo consciente</p> <p>E 10 - Poupança, valor dos produtos de compra.</p> <p>E 11 - Conceito de consumir diferente de ser feliz, ensinar isso nas Escolas.</p> <p>E 12 - Administração financeira guardadas as proporções para a faixa etária.</p> <p>E 13 - Preparo para a independência financeira.</p> <p>E 14 - Capacitação para elaboração de defesas mentais diante das tantas ofertas para consumo.</p> <p>E 15 – Consumir o que é necessário pensando no meio ambiente; usar o próprio dinheiro de forma a expandi-lo, multiplicá-lo e não apenas gastá-lo.</p> <p>E 22 - Como poupar, planejar, pensar sobre o dinheiro.</p> <p>E 24 - Oportunidades práticas para que as crianças experimentem o consumo consciente na escola.</p> <p>E 25 - Associar os cuidados com o meio ambiente ao consumo consciente e uso do dinheiro.</p> <p>E 26 - Aprender a planejar os gastos e a economizar recursos é um aspecto muito importante.</p> <p>E 27 - Os conceitos básicos e práticos sobre EF e PC.</p> <p>E 28- Os conceitos básicos e que possam ser realmente aplicados sobre EF e PC.</p> <p>E 29 - Trabalho objetivo com o uso que fazemos das coisas que consumimos – desperdício, descaso e descuido com os bens, próprios e coletivos.</p>

Matemática em situações da vida	<p>E 20 - Dentro da disciplina matemática, situações do cotidiano sobre o tema.</p> <p>E 21 - Aulas teóricas seguidas de prática, ir, por exemplo, a uma feira comprar algo.</p> <p>E 23 – Usar a matemática no dia-a-dia com o dinheiro.</p>
Outros	<p>E 2 - Não saberia responder.</p> <p>E 7 - Não penso que temos condições de implementar nada no currículo se não somos capazes de praticar. Deve ser praticado primeiro com o corpo docente.</p> <p>E 16 - Trabalho sobre o conceito de moda, do que é necessário, de responsabilidade e de gratidão ao que se tem.</p> <p>E 17 - Precisamos também estabelecer novas relações com a natureza, com o meio ambiente e com nossa forma de conduzir nossa vida em conjunto, neste ambiente.</p> <p>E 18 - Há outras questões como sexualidade, meio-ambiente, que devem ser priorizadas.</p> <p>E 19 - Ainda não possuo conhecimento para dizer.</p> <p>E 30 - Não tenho como manifestar sobre esse assunto, pois não tenho muito conhecimento para isso.</p>

Dos 30 professores entrevistados, 66% (N=20) consideram que os conhecimentos sobre como aprender a lidar com o dinheiro e consumo consciente deveriam ser implementados no currículo formal das crianças. 10% (N=3) consideram que os conceitos trabalhados sobre Educação financeira e Preparo para o consumo devem ser abordados na disciplina matemática. E, 23% (N=7) responderam que não sabem, ou que há outras questões como sexualidade e meio-ambiente que deveriam ser implementadas antes.

Tabela 25 – Deveria ser implementado como parte do currículo formal sobre Educação Financeira e preparo para o Consumo: Categorias de respostas pais

Categorias	Unidades de registro
Lidar com o dinheiro, consumo consciente	<p>P 2 - Ensinar o valor do dinheiro, como administrar ganhos e despesas, poupança (investimentos).</p> <p>P 3 - Sustentabilidade, economia doméstica.</p> <p>P 5 - A própria disciplina: Educação Financeira.</p> <p>P 6 - Aulas teóricas seguidas de prática.</p> <p>P 7 - Administrar do próprio dinheiro, como poupar para investir. Nas compras analisar a necessidade em casa. Sempre planejar o que se quer comprar na linha do tempo.</p> <p>P 8 - Conhecimento de como funcionam os preços, impostos e investimentos.</p> <p>P 9 - Aprender a lidar com o R\$.</p> <p>P 10 - De forma lúdica, como faz o site do Banco Real/Santander/da Bolsa de valores, pensar em preparar o futuro para viver melhor.</p> <p>P 11 - Orientação de que devemos consumir, mas temos dinheiro para isso, quanto vai me custar, preciso disso, etc.</p> <p>P 12 - EF: compreende toda aprendizagem de todos os conceitos relacionados</p>

às transações financeiras, o que prepara as crianças para serem consumidores mais conscientes.

P 13 - Aulas expositivas e leitura.

P 14 - Mercado financeiro, de onde vem o dinheiro, para onde vai. Conceito de lucros, compra e venda.

P 15 - Formas de economizar (água, luz, dinheiro, etc.)

P 17 - Os resultados do consumismo para a vida individual e Consumismo X Ambientalismo.

P 18 - Exercícios práticos, análise de textos, discussão de situações reais vividas pelas crianças.

P 19 - Sempre de acordo com o nível escolar, conceitos de organização financeira, capacidade de recursos, opções ao consumo...

P 20 - EF: é a base do consumidor consciente, este consumidor é o profissional e ser humano de sucesso, pois assim ele aprende a fazer um projeto a longo prazo.

P 21 - Noções de preço, ganho com o trabalho, contas que existem em um lar.

P 22 - Orientação teórica e prática, como foi a Feirinha.

P 23 - Como gastar o seu dinheiro com consciência.

P 24 - Estratégias do comércio (como se defender). O que é consumir com consciência (atitudes práticas).

P 25 - Como se forma um patrimônio. Como fazer poupança e para quê. O que é uma planilha de custos. Como realizar lucro, etc.

P 27 - Relação custo-benefício de poupar.

P 28 - Quanto se tem. O que se precisa. O que é acessível.

P 29 - Várias atividades extras como feirinhas para favorecer na formação do consumo consciente.

P 30 - Capacidade de entender as diferenças impostas pela mídia no momento de consumir.

P 31 - Noções de planejamento financeiro, previdência e marketing.

P 32 - Aulas de EF.

P 33 - Algumas questões econômicas básicas de modo que as crianças fossem tendo contato com a gestão do consumo (dinheiro).

P 35 - Exemplificar situações de gastos necessários, trabalhar sempre com exemplos práticos.

P 36 - Importância da poupança e valor do dinheiro no tempo.

P 37 - Aprender a poupar e usar o dinheiro.

P 38 - Economizar tudo a sua volta e o próprio dinheiro.

P 39 - Ser inteligente e não se deixar levar pelas propagandas ou pensamentos dos outros, comprarem o que é realmente necessário, saber comprar.

P 40 - Consumo consciente, como, quando e por quê?

P 41 - Independência financeira, como poupar? Como gastar?

P 42 - Para que serve o dinheiro, de onde ele vem, sua história e função na sociedade. Por que é importante guardar.

P 43 - Como gastar o próprio dinheiro, o que é mesada, o que é salário.

P 44 - O que é comprar, para que compramos, quando é necessidade e quando não é.

P 45 - O uso do dinheiro através dos tempos, como ser amigo do dinheiro.

Matemática em situações da vida

P 4 - Uma parte da disciplina da Matemática, aumentando a carga horária desta

Outros	P 1 - Não sei dizer.
	P 16 – Sim, importante implementar.
	P 26 - Me falta condição para opinar.
	P 34 - Não tenho opinião formada à respeito.

Dos 45 pais entrevistados, 88% (N=40) consideram que os conhecimentos sobre como aprender a lidar com o dinheiro e consumo consciente deveriam ser implementados no currículo formal das crianças. 2,5% (N=1) consideram que os conceitos trabalhados sobre Educação financeira e Preparo para o consumo devem ser abordados na disciplina matemática. E, 8,8% (N=4) responderam que não sabem ou que acham importante.

Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstram ser proporcionalmente o maior interesse dos professores e pais no que se refere a implementação no currículo formal escolar.

3.2.2. Educação Financeira no ambiente familiar

Trataremos a seguir sobre o tema **Educação Financeira no ambiente familiar** e apresentaremos todos os dados obtidos nos questionários dos professores e pais no que se refere a este tema.

Esta questão foi aplicada apenas aos pais ou responsáveis pelos alunos, uma vez que se refere ao ambiente familiar.

Tabela 26 – Frequência com que realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema Educação Financeira e preparo para o consumo no ambiente familiar

	N	%
Não	5	11,1%
Sim, frequentemente	27	60%
Sim, às vezes	13	28,9%
Total	45	100%

Os pais entrevistados que afirmam realizar alguma atividade prática ou teórica sobre a temática frequentemente em casa são 60% (N=27), 28,9% (N=13) afirmaram realizar às vezes alguma atividade e 11,1% (N=5) responderam que não realizam nenhuma atividade.

Das respostas que obtemos, realizamos uma pergunta no questionário para saber quais seriam estas atividades. Dos 45 questionários aplicados, 39 responderam e destes encontramos as seguintes respostas sobre quais as atividades práticas ou teóricas que são realizadas no

ambiente familiar e categorizamos em quatro aspectos (que também poderiam ser organizados em subcategorias, mas elegemos os principais):

Tabela 27 - Quais as atividades práticas ou teóricas que são realizadas no ambiente familiar

Categorias	Unidades de registro
Mesada	<p>P 9 - Incentivo minhas filhas a calcular valores ao lidar com o dinheiro da mesada.</p> <p>P 11 - As crianças tem semanada de R\$10,00. Elas tem que saber "administrar" tal importância. Não comprar só balas, juntar, etc.</p> <p>P 16 - Tivemos uma experiência no Mercado Livre, ele comprou o brinquedo com a mesada.</p> <p>P 19 - Administrar a mesada, Análise de produtos X Preços, nas compras, Pesquisa de preços.</p> <p>P 24 - Damos mesada e ensino como gastar e investir e economizar para uma compra maior.</p> <p>P 35 - Dou mesada e deixo-os administrar os seus desejos de consumo.</p> <p>P 36 - Pagamos mesada e orientamos como devemos usá-la.</p> <p>P 37 - Ensino aos meus filhos a poupar com cofre e mesada.</p> <p>P 39 - As crianças têm que administrar a mesada.</p> <p>P 41 - Eles administram a mesada e aprendem sobre o valor das coisas.</p>
Situações do dia-a-dia	<p>P 2 - Ao fazer compra no supermercado com as crianças.</p> <p>P 3 - Idas ao supermercado e shoppings.</p> <p>P 4 - Quando chamamos atenção sobre o preço de um determinado brinquedo em relação ao salário de funcionários de uma empresa.</p> <p>P 6 - Permito a participação dos meus filhos na rotina financeira da casa.</p> <p>P 10 - Conversas em família.</p> <p>P 15 - Nas compras domésticas, as contas são conferidas sempre juntas.</p> <p>P 18 - Nas compras de supermercado, aproveito para levar o conceito do: "vale quanto pesa" e o que são produtos cujo valor estão agregados: "marcas" ou "modismos".</p> <p>P 23 - Quando surgem as situações do dia-a-dia.</p> <p>P 31 - Ao escolher presentes estipulo uma quantia e peço que procure na internet, revistas, jornais, etc. algo que esteja dentro do estabelecido.</p> <p>P 32 - Aplicação na rotina: comparação de preços, prioridade em despesas de casa.</p> <p>P 34 - No restaurante, no supermercado, nos pedidos de compra.</p>
Planejamento familiar	<p>P 5 - Em alguns momentos ponderamos os gastos familiares com desejos infantis de ter tudo, aí fazemos as contas, falamos sobre o trabalho da mamãe e do papai p/ ganhar o dinheiro(que nos toma inclusive tempo com eles), e que também a necessidade de juntar para querer algo.</p> <p>P 7 - Antes de comprar observamos e pesquisamos os preços.</p> <p>P 8 - Não reponho o material perdido, sem analisar na maioria das vezes dou um tempo e o mesmo é encontrado. Estimulo a analisar na compra de qualquer objeto, se é necessário, importante ou o dinheiro deve ser poupado, etc.</p> <p>P 12 - Fazemos intercâmbio sobre preço e valor agregado no supermercado, nas lojas de brinquedo, quando assistimos a propaganda na TV, etc.</p> <p>P 13 - Explico o valor das coisas e falo do esforço que precisa para conquistar os objetivos materiais.</p> <p>P 14 - Devemos pensar se realmente precisamos do que vamos consumir, falo do apelo ao consumo das propagandas na televisão, etc.</p>

- P 17 - Procurar orientá-las sobre os "modismos", que levam ao consumo "desnecessário".
- P 21 - Sempre que vamos adquirir algo, fazemos uma análise da real necessidade e do custo/benefício.
- P 22 - Procuo sempre mostrar o valor comparativo dentre outras opções e a real necessidade de se adquirir algo.
- P 25 - Fazer levantamento de preço em lojas para a compra de um produto.
- P 26 - Mostrando, orientando sobre comércio, custo, lucro, déficit, as dificuldades para aquisição do produto.
- P 27 - Aprender a economizar o dinheiro que se ganha.
- P 28 - Pensar no que vai gastar planejar o uso do dinheiro que ganha.
- P 29 - Estimulando a pensar "para que", "como" e porque consumir algo. Estimulando a fazer um uso útil e inteligente da mesada. Recordando como e de onde saiu o dinheiro da mesada e de tudo que consome, etc.
- P 30 - Sobre aplicação financeira-diferença de gasto monetário e real. Orçamento-economia para a formação de reserva.
- P 33 - Conversamos sempre com nossa filha sobre a necessidade de se gastar o que é prioridade.
- P 38 - Poupar. Fazer três orçamentos antes de decidir uma compra.
- P 40 - Ao planejar férias e volta às aulas.
- Outros**
- P 1 - Trabalho pratico ou teórico no ambiente familiar
- P 20 - Esclarecendo o impacto do consumo no meio-ambiente.

Das 41 respostas obtidas, 24,3% (N=10) dos pais realizam um trabalho em casa sobre educação financeira usando como recurso a mesada ou semanada. 26,8% (N=11) dos pais tratam sobre o assunto e criam situações para os filhos resolverem a partir de momentos e situações do dia-a-dia como ir ao supermercado, fazer uma compra, etc. 43,9% (N=18) realizam alguma atividade ao fazer um planejamento familiar com os filhos, abordando situações que eles irão viver e que envolvem o dinheiro, como devem gastar, hierarquizar os gastos, além de abordarem outros conceitos sobre o assunto. E, 4,8% (N=2) responderam que abordam sobre meio ambiente ou não especificaram.

Na pergunta a seguir, questionamos a importância de introduzir na prática os conceitos sobre Educação Financeira.

Tabela 28 – Considera relevante introduzir estes conceitos sobre Educação Financeira e preparo para o consumo na prática (professores e pais)

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Não	0	0%	0	0%
Sim, imediatamente	13	43,3%	34	75,6%
Sim, após pesquisá-los mais profundamente	17	56,7%	10	22,2%
Não responderam	0	0%	1	2,2%
Total	30	100%	45	100%

Nesta pergunta do questionário, identificamos que 43,3% (N=13) dos professores e 75,6% (N=34) consideram relevante introduzir novos conceitos sobre este tema na educação imediatamente. 56,7% (N=17) dos professores e 22,2% (N=10) dos pais, afirmaram que é importante introduzir estes conceitos da educação após pesquisá-los mais profundamente.

3.2.3 Formação em Educação Financeira e preparo para o consumo

Em relação à formação dos pais e professores, quisemos identificar se em sua formação eles receberam algum tipo de orientação sobre Educação Financeira e Preparo para o consumo. Os professores responderam em relação à sua formação acadêmica. Os pais responderam para além da formação acadêmica, a educação recebida pelos seus próprios pais, o que se configurou em mais respostas positivas como podemos identificar na tabela 28.

Tabela 29 - Na formação recebeu alguma orientação ou capacitação no que se refere à Educação Financeira e preparo para o consumo

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Não	29	96,7%	18	40%
Sim	1	3,3%	19	42,2%
Sim, um pouco	0	0%	8	17,8%

Nesta questão observamos que 96,7% (N=29) dos professores entrevistados afirmaram não ter recebido nenhuma orientação ou capacitação em sua formação acadêmica no que se refere à Educação Financeira. Em relação aos pais, 40% (N=18) afirmaram que não

receberam nenhuma capacitação e, 42,2% (N=19) afirmaram terem recebido um pouco de capacitação e orientação informal no ambiente familiar.

Na pergunta seguinte a esta, sobre orientação ou capacitação sobre Educação Financeira e Preparo para o consumo, questionamos onde e de quem o entrevistado obteve esta capacitação. Apenas nos questionários aplicados aos pais obtivemos respostas. Identificamos que dos 27 pais que responderam positivamente (N=17), 82,3(N=14) receberam alguma orientação ou capacitação no ambiente familiar, em casa como explicitamos em algumas respostas: *Questionário 10 - Dos meus pais. Eles abriram uma caderneta de poupança, confeccionaram um lindo cofre e orientaram a mim e aos meus irmãos;* *Questionário 19 - Através do meu pai que além do exemplo, procurava conversar sobre a importância de aprender a consumir somente o necessário;* *Questionário 31 - Através do exemplo de familiares ao desenvolverem suas atividades empresariais e na formação educacional recebida.*

E, 17% (N=3) dos pais responderam que obtiveram alguma formação em uma instituição como podemos conferir em algumas respostas: *Questionário 2 - No curso de engenharia e nos cursos de especialização;* *Questionário 24 - No colégio (1º grau) havia uma disciplina no Colégio polivalente (5ª série até 8ª) chamada técnicas comerciais. Que considero hoje super importante.*

Também foi nosso interesse saber se os professores para além de receber alguma formação, se mesmo com a Educação Financeira ainda não sendo algo formal nos currículos, se eles realizam algum trabalho neste sentido com seus alunos.

Tabela 30 - Como professor realiza algum trabalho prático ou teórico sobre o tema EF e PC na prática pedagógica:

	N	%
Não	15	50%
Sim, frequentemente	4	13,3%
Sim, às vezes	11	36,7%
Total	30	100%

Os professores entrevistados que afirmam realizar alguma atividade prática ou teórica sobre a temática frequentemente em ambiente escolar são 13,3% (N=4), 36,7% (N=11) afirmaram realizar às vezes alguma atividade e 50% (N=15) responderam que não realizam nenhuma atividade.

Das respostas que obtemos, realizamos uma pergunta no questionário para saber quais seriam estas atividades. Dos 30 questionários aplicados, apenas 6 responderam que apresentamos a seguir.

Tabela 31 – Atividades realizadas em ambiente escolar

Categorias	Unidades de registro
Matemática	E 2 - Atividades matemáticas sobre consumo com dinheirinho. Deveres de casa sobre mesada. Consumo consciente de tudo, bens naturais e coisas materiais. E 8 - Exercícios de matemática envolvendo raciocínios sobre consumo.
Deveres de casa	E 3 - Deveres de casa sobre compra e venda, trabalho sobre a mesada.
Situações do dia-a-dia	E 7 - Debates e conversas sobre situações do cotidiano que envolve questões financeiras, problemas matemáticos quando possível são contextualizados. E 19 - Procuramos em revistas e jornais produtos para consumo e calculamos o preço do produto e fazemos conversas sobre o tema. E 27 - Trabalho com supermercado e dinheirinho.

Podemos observar que as atividades que abordam os conceitos são mais presentes em situações do cotidiano e exercícios matemáticos.

Sobre o contato com autores que abordam o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo, em relação aos professores, 30% (N=9) afirmaram que conhecem algum autor e 60% (N=18) responderam que não conhecem. Os autores citados foram Álvaro Modernell, Cássia D'Aquino, Alain de Botton, Gustavo Cerbasi, Kiyosaki, que abordam os temas de forma interessante na linguagem de fácil entendimento e compreensão. Em relação aos pais, dos 45 pais entrevistados, 26,6% (N=12) responderam conhecer algum autor sobre o tema. O restante 73,4% (N=33) não conhecem nenhum autor sobre o tema. Os autores citados pelos pais são Kiyosaki, Mauro Hafeld, Gustavo Cerbasi, Haroldo Mota.

Sobre o que os professores gostariam de aprofundar com seus filhos sobre o tema, está foi uma pergunta aberta, dentro do tema 3 Formação da Educação Financeira que os 30 professores responderam da seguinte forma:

Tabela 32 – O que mais chama atenção no tema e gostaria de aprofundar com o (a) filho (a):

Categorias	Unidades de registro
Lidar com o dinheiro, consumo consciente	E 1 - Como trabalhar de forma efetiva a ajudar meu filho/aluno a ser consciente no momento de administrar o próprio dinheiro e consumir. E 3 - Fico refletindo em como fazer com que os meus alunos sejam consumidores conscientes, dentro de um mundo tão capitalista e voltado para

a valorização do externo, do que se tem e do que se usa.

E 4 - Aprender a diferenciar as necessidades das superficialidades ao fazer as opções de consumo.

E 5 - É urgente que eduquemos futuros cidadãos para que compreendam que a solução de seus próprios problemas, ou para os problemas do país, não depende exclusivamente do governo.

E 6 - Como aprender a não consumir. Isto é, porque temos que consumir o tempo todo?

E 7 - Qual a relação entre o status que o consumo gera e a verdadeira felicidade?

E 8 - Valor do dinheiro, como programar investimentos, planejar.

E 9 - É o trabalho com o consumismo e as suas causas.

E 10 - A curto e longo prazo como e com o que gastar, como economizar, por quê?

E 11 - É importante trabalhar qual o significado real de consumir algo, consumimos porque realmente precisamos.

E 12 - Impactos das situações da atualidade no consumo e na vida individual do meu filho.

E 13 - Consumo consciente, por quê? Como?

E 14 - Aprender a consumir pensando nas consequências desse consumo para o meio ambiente (seja por implicações na produção, seja por consequências do uso).

E 15 - Educação Financeira deve ensinar que a responsabilidade social e a ética precisam estar sempre presentes no ganho e uso do dinheiro. Deve ser ensinado como parcela da responsabilidade social que cabe a cada um de nós.

E 16 - O que eu acho mais importante é trabalhar o conceito de GRATIDÃO. Muitas vezes ficamos insatisfeitos com o que temos e queremos mais por ingratidão. Dessa forma, acho que o trabalho tem que começar com o cultivo de valores. Ao saber para que vivemos, percebemos também o objetivo do consumo.

E 17 - Como não se sentir seduzido pelos apelos do mercado de consumo?

E 19 - Planejamento de como ganhar e gastar.

E 20 - Coisas que fazem parte da vida deles, como custo dos brinquedos, roupas, comidas, viagens, tudo tem valor e esforço.

E 21 - Consumo consciente.

E 22 - Saber administrar o dinheiro para gastar dentro daquilo que recebeu.

E 23 - Educação financeira, independência financeira, valor do dinheiro, sistema monetário.

E 24 - Por que aprender a consumir e usar bem o seu dinheiro?

E 25 - Objetivar alcançar o equilíbrio entre ganhar e gastar.

E 26 - Como criar defesas para saber se realmente precisamos de algo?

E 27 - Por que nos sentimos obrigados a consumir constantemente?

E 28 - Que recursos oferecer para que meu aluno possa aprender a pensar no momento de gerir o próprio dinheiro e de consumir? Como capacitá-lo, sem apenas fazê-lo repetir os conceitos que aprendeu e vivenciá-los?

E 29 - O que é realidade na vida de uma criança no que se refere ao CC?

E 30 - Não sei muito sobre o assunto, mas deduzo que seria diminuir o consumismo desnecessário. Todos ganhariam com a diminuição do lixo, do trabalho mais para ter mais.

Outros	E 2 - Não faz parte da minha área de ensino de forma direta. E 18 - Antes de aprofundar sobre o tema preciso pesquisar mais a respeito.
---------------	--

Das 30 respostas obtidas dos questionários dos professores, eles informaram que o que gostariam de aprofundar com o próprio filho seria sobre como lidar com o dinheiro e trabalhar o consumo consciente, que corresponde a 93% (N=28) das respostas. 7% (N=2) ainda precisam pesquisar mais a respeito ou não faz parte da sua área de ensino.

Ao realizar a mesma pergunta no questionário dos pais, foram aplicados 45 questionários, que responderam da seguinte forma:

Tabela 33 – O que mais chama atenção no tema e gostaria de aprofundar com o (a) filho (a):

Categorias	Unidades de registro
Lidar com o dinheiro,	P 1 - Ganhar, gastar e guardar. Planejamento. P 2 - Gostaria de ensiná-los o valor do dinheiro e como programar investimentos em longo prazo (administrar ganhos com projeções para o futuro). P 3 - Sustentabilidade, economia doméstica. P 4 - Custo dos brinquedos X Montante geral (patrimônio); brinquedos que ele não brinca; brinquedos que ele brinca e gosta. P 5 - Esforço pessoal X necessidade X ganho real; e necessidade X sustentabilidade. P 6 - O consumo consciente.
Consumo consciente	P 7 - Saber administrar o dinheiro para não gastar mais do que ganha; e que comprar à vista é melhor; aprendendo a colocar o dinheiro na poupança para comprar um objeto que deseja. P 8 - Noções de valores, de descontos e juros. P 9 - Consumo consciente. P 10 - É importante o equilíbrio entre ganhar e gastar, haja vista a oferta "exagerada" de produtos. Consumismo incontrolável. Preservação da natureza. P 11 - A ciranda financeira está baseada no consumo-o grande gerador de riquezas- todavia, nossos filhos têm que ter a noção da "necessidade". P 12 - Aprender a se planejar financeiramente para ter uma vida mais organizada e tranquila. P 13 - O planejamento financeiro para que possam organizar sua vida. P 14 - O que venho tentando coloca em prática comigo mesmo: o de que "ter" não é tão relevante em nossas vidas, o principal é "ser." P 15 - Consumo consciente principalmente já que vivemos numa sociedade consumista ao extremo. P 16 - A EF amadurece o conceito de responsabilidade financeira, aprender a gastar conforme o que se tem, ou seja, o consumo consciente. P 17 - A valorização do que se tem e a consciência do que se pode ter. P 18 - Administrar seu dinheiro. P 19 - Orientá-las em relação ao que se ganha e o que se pode gastar. P 20 - Fazer minhas filhas entenderem o real valor de tudo que compramos e

para quê compramos.

P 21 - Consumo consciente e seu impacto no meio ambiente.

P 22 - Conseguir avaliar o consumo e formar senso crítico.

P 23 - A idéia de poupança X necessidade.

P 24 - O fato de um grande apelo para o consumismo.

P 25 - Diferença entre gasto consciente e consumismo.

P 26 - EF: pois acho que se adquirir o conhecimento vão consumir com consciência.

P 27 - Que aprender a gastar o dinheiro com coisas mais necessárias e não os supérfluos.

P 28 - Valorização do dinheiro sem exagero/Como consumir de forma consciente/Estratégias para o consumo consciente.

P 29 - Importância de aprender a suprir as necessidades individuais e a bastar-se a si mesmo na ordem econômica visando também o bem estar coletivo e a sustentação do planeta.

P 30 - Que a "tesoura" tem duas pernas: a do gasto e a dos gastos - e que as reservas e o patrimônio se fazem com a sobra bem diferenciada, aplicada.

P 31 - O equilíbrio entre a reserva financeira e o consumo.

P 32 - Oferta e necessidade de demanda.

P 33 - É um aprendizado para a vida que nunca deixará dúvidas e arrependimentos.

P 34 - Que o consumo deve atender mera necessidade de reposição de objetos e não marcas de objetos.

P 35 - A desvinculação entre a necessidade real e a necessidade imposta pela propaganda.

P 36 - O ter tem importância relativa. Meu filho é ambicioso e preocupado com o dinheiro em demasia.

P 37 - Fazer com que tenha noção dos preços das coisas, e que não podemos gastar todo o dinheiro porque temos contas para pagar.

P 38 - Escolha consciente, poupar antes de consumir, aprender a dar real valor aos bens e serviços.

P 39 - A importância de programar gastos com o dinheiro sem ficar em dívida com as pessoas.

P 40 - Ensinar o valor do dinheiro no tempo e formar uma cultura empreendedora e investimentos.

Dos 45 questionários aplicados, obtivemos 40 respostas dos pais, e destes, 100% (N=40) informaram que o que gostariam de aprofundar com o próprio filho seria sobre como lidar com o dinheiro e trabalhar o consumo consciente. Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstra ser proporcionalmente o maior interesse dos professores e pais no que se refere a trabalhar com os filhos.

O próximo quadro foi uma pergunta aberta, dentro do tema 3 Formação da Educação Financeira que os 30 professores responderam dentro dos aspectos **Alfabetização financeira, consumo consciente, lidar com o dinheiro** como podemos verificar a seguir:

Tabela 34 - O que compreende a respeito dos conceitos Educação Financeira e Preparo para o Consumo

Categoria	Unidade de resposta
Alfabetização Financeira,	<p>E 1 - Ao ser educado financeiramente o ser está sendo preparado para consumir de forma consciente aquilo que realmente necessita.</p> <p>E 2 - Nunca estudei sobre esses temas, mas vejo os dois como semelhantes e relacionados à questão de ensinar os alunos a serem consumidores conscientes, ou seja, pessoas que estão atentas ao que compram, ao que pagam por isso, etc.</p> <p>E 3 - Compreendo que seria uma educação voltada o trabalho com as crianças em: como administrar suas “mesadas”; como colaborar em casa com as finanças das famílias; como se tornarem bons administradores financeiros de seus lares do futuro; como se relacionar com o consumismo exagerado da nossa cultura; como se tornar consciente de seu papel da sociedade em que vive.</p>
Lidar com o dinheiro	<p>E 4 - EF: é a educação do ser social para que exercite, com conhecimento, a administração de seus recursos e gastos. PC: compreendo que é preparar o ser social para conhecer sua realidade financeira.</p> <p>E 5 - “Educação financeira é um conjunto amplo de orientações sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais.” Álvaro Modernell</p>
E Consumo consciente	<p>E 6 - EF: deveria se realizar inicialmente, dentro da família e posteriormente, na escola. PC a consciência sobre o valor do dinheiro podem ser determinantes para evitar crises e oscilações financeiras não só individuais, como da própria sociedade.</p> <p>E 7 - EF: Aprender ganhar, gastar e poupar dinheiro. PC: com o que realmente vale à pena gastar meu dinheiro?</p> <p>E 8 - EF: valor real do dinheiro, uso inteligente. PC: consciência de quais são as necessidades de consumo.</p> <p>E 9 - EF: seria a administração do dinheiro e o PC: seria a preparação individual do uso do dinheiro na vida – sua importância e o seu lugar na vida.</p> <p>E 10 - EF e PC são bases para uma boa educação de recursos que se faz uso toda a vida.</p> <p>E 11 - Compreender a EF e PC é as necessidades do mundo atual para sermos melhores cidadãos.</p> <p>E 12 - EF: possuir conhecimentos para atuar nas diversas situações que envolvem dinheiro, e o consumo consciente seria ser um cidadão inteligente, consumindo o necessário.</p> <p>E 13 - Conceitos interligados, dizem respeito à gestão da vida econômica.</p> <p>E 14 - EF: extrair o máximo de seus esforços ao empregar bem seu dinheiro, aprendendo a economizar, a cortar custos, fazer bons investimentos, a empregar bem seus esforços de trabalho e aumentar seu patamar de conforto. PC: conhecer como funciona o sistema capitalista e as consequências de seu consumo para o meio ambiente e para a sociedade, para então se conduzir diante das necessidades e oportunidades de consumo com sensatez e consciência.</p> <p>E 15 - No passado, a criança não aprendia a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. E as consequências deste fato foram: uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. Hoje existe uma preocupação e programas que estão formando jovens capazes de poupar e de planejar gastos.</p> <p>E 16 - Entendo que educação financeira é ensinar como economizar, como gastar o que é necessário, sem abusar e pensando na economia para um futuro seguro</p>

financeiramente. Em relação ao consumo consciente, acho que é importante trabalhar o para quem compramos. Hoje em dia as compras estão muito ligadas à felicidade, mas isso não é real. Não tem problema comprar, mas esse não pode ser o foco principal da vida. Além disso, como manifestei anteriormente, acho essencial o trabalho com o cultivo da gratidão, pois esse sentimento nos faz valorizar o que temos e nos faz comprar apenas o que é necessário.

E 17 - Sugiro ver o filme Story of Stuff na internet, que tem muita relação com esse assunto de consumo consciente.

E 18 - São conceitos importantes, mas que no Brasil, ainda estão longe de serem reais, é preciso praticar muito e sair da teoria, vivenciar o consumo consciente.

E 19 - Aprender a lidar com o dinheiro e a comprar.

E 20 - Identificar necessidade, consumo, planejamento, valor do dinheiro e equilibrar tudo na própria vida.

E 21 - O objetivo da Educação Financeira é o de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro. Educação Financeira exige uma perspectiva de longo prazo, muito treino e persistência.

E 22 - Aplicar conceitos matemáticos na própria vida a todo instante, administrando economicamente e consumindo de forma preparada.

E 23 - Consumir consciente acontece à medida que se dá valor ao dinheiro e aprende a administrá-lo.

E 24 - Conceitos que ainda não são claros para todos os educadores, mas que abordam independência financeira e consumo inteligente, algo que vivemos e precisamos aprender a lidar.

E 25 - PC: Consumir o que preciso reutilizar e aproveitar. EF: saber com o que e para que vou usar o meu dinheiro.

E 26 - As crianças e adultos devem aprender a lidar com o dinheiro, considerando que este valor é importante para toda a sua vida como cidadão.

E 27 - Compreendo que esses são os pilares de uma sociedade equilibrada economicamente.

E 28 - As preocupações provenientes do estudo e do adestramento das faculdades de seu intelecto poderão ser mantidas, sem prejuízo das ocupações que, necessariamente, deve atender para sua subsistência, ocupações que você não descuidará sob nenhum pretexto, para não se ver envolvido em dificuldades, desgostos ou inquietudes econômicas.” González Pecotche (Livro BTC)

E 29 - EF: autonomia, alfabetização financeira. PC: Inteligência ao consumir o que realmente necessita.

E 30 - Seria ensinar a criança a consumir somente aquilo que ela precisa e necessita? Como disse ainda não pensei muito sobre o assunto.

Das 30 respostas obtidas dos questionários dos professores, 100% (N=30) informaram que os conceitos sobre Educação Financeira e Consumo consciente estão relacionados com o **uso correto do dinheiro, consumo consciente, planejado, pensado, preparo para o futuro.**

Ao realizar a mesma pergunta no questionário dos pais, foram aplicados 45 questionários, que responderam de forma muito semelhante aos professores como podemos ver:

Tabela 35 - O que compreende a respeito dos conceitos Educação Financeira e Preparo para o

Consumo:	
Categoria	Unidade de resposta
Alfabetização Financeira,	P 1 - Ganhar - Gastar e guardar. Planejamento. P 2 - PC: consciência de nossas necessidades "reais", valorização dos bens materiais X gastos. EF: é preparar-se para administrar o dinheiro, tendo consciência do valor deste no
Lidar com o dinheiro	tempo (ideia de poupança, ganhos, investimentos, etc.). P 3 - EF: Conhecimentos básicos para a atuação nas diversas circunstâncias práticas da vida no dia-a-dia, ao ponto de vista econômico e financeiro. PC: cidadania consciente, conceito amplo de sustentabilidade. P 4 - EF: Relação consciente entre consumo X necessidade X limites de gastos X sustentabilidade.
E Consumo consciente	P 5 - Nada consciente. P 7 - EF: é aplicar os conceitos da matemática ao mercado e PC: consiste em capacitar o indivíduo para entender o valor real dos bens de consumo, não se deixando levar pelo consumismo. P 8 - EF: Administrar o dinheiro. PC: Consumo consciente. P 9 - EF: equilíbrio entre gastar e ganhar dinheiro. PC: consumir o necessário, descartar o descartável. Reutilizar e aproveitar. P 10 - EF: é desde cedo ensinar ao meu filho o valor do dinheiro no seu dia-a-dia, como conquistá-lo, como usá-lo, como empregá-lo e o que deve ser gerado por este. Ex: com a mesada, com as viagens e os diferentes valores da moeda. PC: orientá-lo para ter hábitos inteligentes do uso do dinheiro, ensiná-lo a pensar ao consumir, sem ganância, sem desperdício, aprendendo, assim, a lidar com o dinheiro sem comprometer seu futuro. P 11 - Entendo que a EF e PC servem para saber como e quando consumir e como investir o dinheiro. P 12 - EF: se refere a como se organiza financeiramente uma pessoa, como vive, como planeja seus gastos e investimentos. PC: És indicar cómo y cuándo se debe comprar, tener un criterio de consumo. P 13 - Entendo os dois conceitos como gasto consciente. P 15 - Preparar as crianças para o mundo consumista com consciência dos gastos e dos ganhos. Dar valor aos bens adquiridos e saber valorizá-los. P 16 - EF caminha junto com PC. Equilíbrio da vida nesta parte. P 17 - Forma de diminuir o risco de seu filho ser traído pelo gasto fácil ao mesmo tempo em que se valoriza a necessidade de economizar. P 18 - EF: é educar o filho o real valor de tudo que compramos e torná-lo consciente do mecanismo incentivador do consumismo que está por trás de tudo que compramos e uma vez entendido isso, ele está preparado para o consumo. P 19 - EF: é o preparo (ensino para lidar com os próprios recursos - sua administração.) PC: ser consciente das próprias necessidades- da interferência da mídia em nossas escolhas. P 20 - Compreensão mais efetiva do valor do dinheiro e da ânsia pelo consumo a que somos levados. P 21 - De organização financeira e efetivo uso produtivo de recursos segundo sua real necessidade frente a objetivos pré-determinados. P 22 - Compreendo que é saber definir tudo o que é movimento monetário que dará subsídio para escolha de como se deve consumir. P 23 - Não tenho conhecimento para opinar.

-
- P 24 - EF: Saber gastar e poupar o máximo que conseguir. PC: Saber como gastar através de promoções, pesquisarem sempre o preço antes de comprar.
- P 25 - EF: Educar para se ter dinheiro e saber usar. PC: Como gastar o dinheiro com inteligência.
- P 27 - O cultivo e o ensino de determinados conceitos econômicos e a importância de se contar o equilíbrio nesse aspecto para associá-lo e aplicá-lo ao próprio conceito das verdadeiras necessidades básicas nos seus diversos níveis individuais e pessoais.
- P 28 - Aprender para consumir com discernimento.
- P 29 - Estreitamente vinculados: consciência da relação de condições financeiras X prioridades de gastos (bens e serviços).
- P 30 - Educar para saber o valor da moeda, ter controle para consumir, sentir-se bem ao adquirir algo, tendo-se preparado para tal.
- P 31 - Noção de custo, preço de venda, diferença de consumo e conceito pré-estabelecido pela mídia.
- P 32 - EF: é o estudo da gestão do trabalho e da renda. PC: é o estudo de como fazer bom uso desta renda.
- P 33 - Ensinar como se gasta e como se ganha o dinheiro, como equilibrar receita X despesa.
- P 34 - EF: como lidar com as finanças; como ganhar dinheiro, quanto gastar, quanto poupar, por que poupar. PC: com o quê gastar, por que gastar, necessidade X desejo, avaliação de qualidade, custo X benefício; isenção para avaliar necessidade de posse X status social.
- P 35 - PC: é fazer com que se saiba gerir o dinheiro que se dá por dia/semana/mês de modo que não seja mal gasto. EF: é preparar os alunos para a vida financeira, em que eles compreendam algumas coisas, como o que é a crise financeira, etc.
- P 38 - EF: é adquirir os elementos que permitem o aprendizado sobre este assunto e preparar para uma boa aplicação num consumo mais inteligente e equilibrado.
- P 41 - Saber lidar com o dinheiro de maneira adequada.
- P 43 - EF: controle de receitas e das despesas que temos. PC: consumir de forma consciente e responsável. Não consumir demais. Somos, não somos o que consumimos, etc.
- P 45 - Conscientização do impacto do consumo desenfreado nas relações e no planejamento.
-

Das 36 respostas obtidas, 100% (N=36) dos pais compreendem que Educação Financeira e Preparo para o consumo estão relacionados com **a aprendizagem sobre o dinheiro, uso correto do dinheiro, consumo consciente, planejado, pensado, preparo para o futuro**, demonstrando ter algum conhecimento sobre Educação financeira. Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstra serem proporcionalmente os mais citados pelos professores e pais no que se refere a sua compreensão sobre os conceitos.

3.3 Avaliação do projeto “A feirinha do 5º ano”

Consideramos importante verificar os sucessos e insucessos do programa e formular recomendações para a sua revisão através da nossa observação e da análise de dados obtidas sobre a opinião dos alunos, professores e pais sobre as suas vivências. Dessa forma, apresentamos a seguir os principais aspectos que consideramos relevantes nesta observação.

Para realizar uma avaliação no sentido de oferecer contributos ao projeto observado, situamos o modelo de planeamento e organização de projetos formativos de Cafarella (2002). Para além da caracterização do projeto, são feitas as propostas de melhoria dos componentes que até agora estiveram mais ausentes, tratando-se de um contributo pessoal para encetar um ciclo de melhoria do projeto.

Com objetivo de identificar elementos importantes que em outras edições do projeto possam ser melhorados, apresentamos primeiramente uma breve caracterização dos elementos referentes ao planeamento do programa/projeto de acordo com o planeamento de projetos de Cafarella (2002, citado por Pinheiro, 2003, 2009).

- 1. Identificar o contexto:** ter conhecimento das *pessoas*, da **organização** e dos outros importantes **fatores contextuais**; Garantir que as ações que vão ser levadas a cabo estão de acordo com a *ética/cultura*;
- 2. Construir base sólida de apoio:** Garantir o apoio de **grupos-chave** e outras partes interessadas (*stakeholders*); Cultivar continuamente o **apoio da organização responsável** através de um processo estrutural adequado; Obter e manter **apoio da comunidade alargada** através de grupos formais e informais; Estabelecer e manter **parcerias** com outras organizações e grupos;
- 3. Identificar ideias para o programa:** Gerar ideias através de várias *técnicas*; Ter consciência de que as **análises de necessidades** muito estruturadas não são a única forma de **identificar ideias** para os programas de educação/formação; Ter em conta os **fatores/problemas contextuais** que afetam ou podem afetar a forma como as ideias para os programas; Justificar a adequação ou não de uma análise de necessidades muito estruturada e escolher ou desenvolver um **modelo de levantamento de necessidades** que seja apropriado à situação; Ter em conta os **fatores/problemas contextuais** que afetam ou podem afetar a forma como as ideias para os programas podem ser geradas;
- 4. Ordenar e categorizar ideias para o programa:** Saber como definir as **ideias prioritárias** e quais são os tópicos específicos e problemas que necessitam de **programas de educação e de formação** e quais os que necessitam de **outro tipo de intervenções**; Analisar e ordenar as **ideias** para o programa em duas colunas – as apropriadas para atividades educativas e as que requerem intervenções alternativas; Estar bem informado acerca das **abordagens qualitativas e quantitativas** para hierarquizar as ideias/necessidades; Usar **métodos sistemáticos para hierarquizar as ideias/necessidades**;
- 5. Desenvolver objetivos do programa:** Escrever os **objetivos do programa** que refletem o que os participantes aprenderão as mudanças resultantes da aprendizagem e os aspectos operacionais do programa; Confirmar se os **objetivos estão formulados** (por escrito) de forma a serem **compreendidos por todas as partes envolvidas**; Usar os objetivos do programa como uma

questão de **consistência interna do programa** e “**checkpoint**” (posto de controlo); **Negociar**, com as partes envolvidas no processo de planificação, **as mudanças/ajustamentos nos objetivos dos programas**;

6. **Desenhar planos de formação:** Desenvolver de forma clara e compreensiva os **objetivos do programa** para cada sessão de formação e verificar se eles possibilitam alcançar os **objetivos de aprendizagem** propostos; Selecionar e organizar os **conteúdos** baseando-se no que os participantes têm que aprender; Escolher as **técnicas** de formação de acordo com: os resultados da aprendizagem que foram propostos, as **competências do formador**, o **background** e **experiências dos formandos** e ainda, o **contexto da formação**; Selecionar e/ou desenvolver **recursos educativos** que aumentem os esforços de aprendizagem; Escolher uma componente de **avaliação** para cada segmento de aprendizagem; **Usar os dados da avaliação de modo formativo e somático** quer para a formação quer para a avaliação do programa; **Preparar planos de formação** claros, resumidos e sequenciados, como se fossem mapas; Assegurar que os **formadores** são competentes, cuidadosos e estão preparados para as tarefas;
7. **Projetar planos de transferência de aprendizagem:** Conhecer os principais **fatores que influenciam** a transferência da aprendizagem; Decidir o momento de utilização das **estratégias de transferência de aprendizagens: antes, durante e/ou depois** do programa de formação; Identificar os **elementos-chave** que devem integrar o processo de transferência da aprendizagem; Ensinar aos formandos, supervisores e outras partes interessadas sobre os **processos e técnicas** de transferência de aprendizagens; Escolher as **estratégias** de transferência mais **úteis aos participantes de forma a aplicarem o que aprenderam**; **Auxiliar os aprendentes** a optarem pelas técnicas de **transferência de aprendizagem que sejam mais adequadas** ao que aprenderam; **Negociar** as aprendizagens que vão ser transferidas;
8. **Formular planos de avaliação:** Desenvolver, com consentimento, um **conjunto sistemático de procedimentos de avaliação/estratégia avaliativa**; Utilizar as **oportunidades informais e não planeadas** para recolher dados de avaliação; Especificar a(s) **abordagem (ns) e/ou modelos de avaliação** a serem utilizadas; Estabelecer o modo como vai realizar-se a **recolha dos dados**; Pensar no modo **como os dados vão ser analisados**; Pensar o modo **como as críticas ao programa vão ser realizadas**; Garantir um elemento do **staff para a elaboração do relatório**;
9. **Fazer recomendações e comunicar resultados:** Examinar os **sucessos e insucessos** do programa e **formular recomendações** para a sua revisão; Comunicar nos relatórios o **historial do programa**, incluindo a função do programa, objetivos, destinatários, conteúdos, estrutura e formato; Selecionar o **formato do relatório do programa**; Escolher o **momento de divulgação do relatório** para quando os destinatários estiverem mais disponíveis para apreciá-lo;
10. **Selecionar o formato, a calendarização e as necessidades de staff:** Escolher o **formato** mais apropriado para a atividade de aprendizagem; Ter em conta a aspiração de organizar uma **comunidade de aprendizagem**; Estabelecer a **calendarização** do programa; Identificar as **necessidades e exigências do staff**;
11. **Preparar o financiamento e o plano de marketing:** Prever as **despesas do programa**, incluindo custos para o planeamento, desenvolvimento, divulgação e avaliação do programa; Determinar o **financiamento** e prever as **receitas**; **Gerir o financiamento** do programa e manter os **registros de despesas**; Construir e manter a **credibilidade do programa**, o seu sucesso nos **nichos de mercado**; Levar a cabo uma **análise alargada da audiência**; Usar dados já existentes ou gerar **informações oportunas ao plano de marketing**; Selecionar e preparar **materiais promocionais** para o programa; Preparar uma **campanha promocional** apropriada e dinâmica;
12. **Coordenar vantagens, oportunidades e acontecimentos no local (on-site events):** Organização de **equipamentos e materiais** de formação; Garantir que as ofertas de oportunidades vão ao encontro das **necessidades de todos**; **Destacar alguém para**

*supervisionar todos os acontecimentos no local; Planear a criação um clima positivo de aprendizagem desde o primeiro momento; Providenciar sistemas de registro/monitorização dos programas; **Garantir a realização da recolha de dados para a avaliação dos programas/projetos/ações**; Planear o modo de reconhecer e **reforçar o valor dos participantes e agradecer a todo o staff e participantes terem integrado o programa**; Levar a cabo todas as tarefas de **planejamento da administração e gestão de encerramento do programa**.*

Cafarella (2002).

Dessa forma, com base nas componentes de organização e planejamento de Cafarella (2002) construímos o QUADRO I para identificar as componentes principais no projeto Feirinha do 5º ano sendo elas: Contexto; Base de apoio; Principais ideias do projeto; Objetivos; Planos de formação; Transferências de aprendizagem; Planos de avaliação; Recomendações e comunicar resultados; Selecionar formato, calendário e necessidades do staff; Preparar financiamento e plano de marketing; Coordenar oportunidades e acontecimentos no local.

QUADRO I : Caracterização do Projeto “Feirinha do 5º ano”de acordo com as componentes do modelo de planejamento e organização de Cafarella (2002)

COMPONENTES do projeto	Pres.	Aus.	Proposta de melhoria
Contexto Projeto desenvolvido em contexto escolar, destinado a alunos que frequentam o 5º ano de escolaridade , no âmbito da disciplina matemática .	x		
Base de apoio Conjunto de alunos, pais, professores, palestrantes convidados e toda a comunidade escolar composta por funcionários, docentes da Escola, alunos das demais turmas e pessoas relacionadas no ambiente escolar.	x		Envolver os alunos de toda a Escola com antecedência, possibilitando um tempo real para que os outros professores de outras turmas possam prepará-los, trabalhar alguns conceitos sobre Educação Financeira. Divulgar e promover os conceitos sobre Educação Financeira e Preparo para o Consumo nos ambientes comuns da Escola. Promover atividades criada pelos alunos e professores responsáveis pelo projeto que sejam lúdicas e transmitam para os demais alunos os principais objetivos da Feirinha e de se consumir conscientemente (exemplo: teatros, brincadeiras, leituras em conjunto).
Principais ideias do projeto Desenvolver a capacidade de usar a	x		A temática Educação Financeira e Preparo para o Consumo pode ser vinculada à disciplina matemática e outros temas

matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar. Usar a **matemática, em combinação com outros saberes, na compreensão de situações da realidade.**

Conteúdos previstos

Objetivos

Planejamento e vivência do projeto nos aspectos da disciplina matemática e o processo empreendedor vivenciado pelos alunos e equipe de educadores, bem como comunidade escolar.

Adotar atitude positiva em relação à matemática. Observar

sistematicamente a presença da matemática no dia-a-dia. Pensar logicamente, relacionando ideias.

Interagir com os colegas cooperativamente.

Planos de formação

transversais. O projeto realizado com o nome: “Feirinha do 5º ano” pode favorecer a aprendizagem de conceitos reais em Educação Financeira e preparo para o consumo e possibilitar o uso de situações do cotidiano escolar e pessoal para estudo a aplicação de problemas financeiros. Como conteúdos podemos citar: Integrar os vários eixos temáticos da matemática (números, operações, geometria, grandezas e medidas, raciocínio combinatório, estatística e probabilidade) entre si com outras áreas de conhecimento; Comunicar-se do modo matemático, argumentando, escrevendo e representando as várias maneiras (com números, tabelas, gráficos, diagramas, etc.) as idéias matemáticas; Formular e resolver situações-problema, ser capaz de elaborar planos e estratégias para solução, desenvolver várias formas de raciocínio (estimativa, analogia, indução, busca de padrão e regularidade, pequenas inferências, lógicas, etc.) executando planos e estratégias com procedimentos adequados.

- x Reformular os objetivos propostos e integra-los no plano de formação de maneira coerente.
Formular objetivos gerais e específicos dirigidos às diferentes actividades.

- x Delinear as sessões e ações do programa associando-as aos objetivos gerais e específicos da ação educativa, de modo a transformá-los em objetivos de aprendizagem.
Definir recursos, estratégias, conteúdos e actividades dos formandos.
Estimar tempos de aplicação das acções/sessões

Transferência de aprendizagens	x	<p>Categorizar os objetivos de transferência das aprendizagens</p> <p>Fazer uma avaliação da transferência de aprendizagem dos alunos.</p>
Planos de avaliação	x	<p>Implementar o modelo de avaliação de Donald Kilpatrick (1998), ajustando o programa aos quatro níveis de avaliação: reacções, aprendizagens, resultados comportamentais e impacto para a organização.</p> <p>Incluir planos de avaliação do processo e produtos da aprendizagem.</p>
Recomendações e comunicar resultados	x	<p>O ensino de matemática na atualidade está em congruência com temas transversais lecionados em sala de aula. Esta prática deve ocorrer com maior frequência. Na intenção de oferecer a formação integral do aluno, visando o alcance da cidadania, uma alternativa é o desenvolvimento de projetos que proporcionam contextos que geram a necessidade e a possibilidade de organizar os conteúdos com significado. É importante identificar que tipos de projetos exploram problemas cuja abordagem pressupõe a intervenção da Matemática, e em que medida ela oferece subsídios para a compreensão dos temas envolvidos. Os projetos a serem desenvolvidos podem envolver outras questões consideradas de relevância para a comunidade.</p> <p>A educação do consumidor, por exemplo, proporciona contextos privilegiados para o desenvolvimento de conteúdos relativos a medida, porcentagem, sistema monetário, e, desse modo, podem merecer especial atenção no planejamento de Matemática. Seria relevante que o projeto desenvolvesse nos alunos estratégias para a aquisição de estilos de vida economicamente saudáveis e atitudes mais humanas entre os seres, contribuindo assim, para todos viverem em um ambiente melhor.</p> <p>Ao final, deve-se comunicar nos relatórios o historial do programa, incluindo a função do programa, objetivos, destinatários, conteúdos, estrutura e formato.</p>
Selecionar formato, calendário e necessidades do staff	x	
Preparar financiamento e plano de marketing	x	<p>Alargar o apoio ao projecto procurando parcerias e patrocinadores.</p>
Coordenar oportunidades e	x	<p>Reconhecer e reforçar o valor dos participantes e agradecer a</p>

acontecimentos no local

todo staff e participantes terem integrado o programa.

Promover um momento de encerramento do projecto com um debate com a participação de todos os intervenientes.

Os elementos que constituem o contexto foram caracterizados e sistematizados, a fim de situar a organização a qual se desenvolveu o projeto. O programa está associado ao tema de carácter transversal, legitimado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Matemática e os Temas transversais - (PCN, 1998, p.26) e foram identificadas ideias que associadas às atividades previstas plano de formação, favorecem tanto as construções conceituais quanto o aprendizado da participação social. Além disso, constituem situações didáticas em que o desenvolvimento de atitudes pode ser trabalhado por meio da vivência concreta e da reflexão sobre ela.

De acordo com os objetivos do programa e após uma análise de necessidades, foram categorizadas e hierarquizadas as ideias, de modo a facilitar intervenções quando necessárias.

Para executar o programa foi importante definir e planejar um financiamento de modo a que todas as atividades propostas, fossem cumpridas. Conforme os modelos de formação, a partir da problematização (falta de recurso financeiro para execução dos objetivos) algumas ações foram planejadas e definidas para buscar a solução e a realização do pretendido.

Foram discriminadas as principais despesas que seriam necessárias bem como o custo com cada material produzido por cada dupla. Dessa forma, cada equipe realizou um quadro de planejamento para **definir os custos com o programa que consistem em:** desenvolvimento, divulgação e avaliação. Para cada “empreendimento” (barraca), cada dupla deveria investir um Capital inicial de R\$50,00. Também estava incluído nas despesas com o projeto o valor dos cartazes para divulgação da feirinha.

QUADRO II - Gerir o financiamento do projeto e manter os registros de despesas

Despesas	Valor
Barraca	R\$50,00
Troco extra	R\$20,00
Compras produtos	individual
Venda produtos	individual

Cada “empresa” deveria investir R\$50,00 e acrescentar R\$20,00 de troco extra para compra dos produtos, confecção, material de divulgação e o dia da Feirinha.

A partir da confirmação da colaboração dos pais no projeto, o grupo de alunos ficou responsável por definir os custos com compras de materiais e produzir o que iriam vender.

Gerir o financiamento: para gerir o financiamento foi necessário realizar o planejamento proposto e os pagamentos das despesas de acordo com o recurso financeiro levantado. Foi colocado em prática o plano de Marketing, foi elaborado cartazes para que todas as pessoas da comunidade escolar soubessem do evento, foi enviada uma carta aos pais e responsáveis, com a finalidade de convidá-los a participar da “Feirinha” no preparo, desenvolvimento e no dia agendado previamente.

Relativamente à contabilidade final, observa-se que foi positivo e todos os alunos obtiveram lucro após realizar a contabilidade com suas duplas.

A avaliação educativa é um processo sistemático de obter informação objetiva e útil para apoiar o juízo de valor sobre a planificação, desenvolvimento e os resultados da formação, com o fim de servir de base à tomada de decisões pertinentes e de promover o conhecimento e compreensão dos êxitos e fracasso da formação (Cabrera, 2003).

Observaram-se algumas lacunas no programa, entre essas, o Plano de Avaliação. Nesse sentido, se fez necessário um estudo dos modelos a fim de encontrar aquele que melhor adaptasse ao programa. Nessa perspectiva, o Modelo hierárquico de Donald Kirkpatrick (1998) seria o mais adequado, uma vez que este visa medir a qualidade de uma intervenção formativa a partir de quatro níveis de avaliação.

Os alunos no que se refere aos seguintes critérios: a forma como participaram na ação; o desempenho nas atividades propostas; a forma como utilizaram os recursos disponibilizados e por fim a capacidade de interação com o grupo de formação identificou que se cumpriu com o proposto de forma positiva e estimulada por parte dos envolvidos no projeto: alunos, pais e professores. Houve envolvimento, presença e colaboração provinda de todos os participantes, com muito entusiasmo e alegria. Buscamos também verificar se os alunos adquiriram as aprendizagens pretendidas, para tal foram propostos no plano de formação os seguintes métodos: resposta de questionários, atividades realizadas em sala, atividade prática utilizando a matemática; observação direta; elaboração de portfólios, entre outros. Identificamos através dos documentos preenchidos pelos alunos avaliando o projeto que houve algumas lacunas no que se refere a transferência de aprendizagem para alguns, mas que todas as crianças avançaram significativamente no que se refere a ampliar sua compreensão sobre conceitos financeiros, formaram uma ideia maior de onde vem o dinheiro, para onde ele vai, como

poupá-lo, e principalmente ensaiaram na prática como gerir o próprio dinheiro em seu próprio empreendimento. Podemos verificar essas informações observando o quadro que se encontra na apresentação dos resultados, que foi construído através das respostas encontradas nos questionários que foram selecionados para avaliar o projeto.

Ao analisar o comportamento dos participantes, buscamos analisar em que medida os alunos transferem para o cotidiano as aprendizagens (conhecimentos, competências e comportamentos). Nesse sentido, foi constatada uma atenção nos momentos de compra nas cantinas, na aquisição de materiais, cuidado maior com o que possuem e com a Escola, em anotações sistemáticas da acadêmica.

Apesar de não terem sido estabelecidos a partida para a avaliação dos resultados de formação, foram delineados possíveis indicadores concretos dos resultados da formação, do impacto dos resultados da formação, previamente estabelecidos que resultaram da análise de necessidades, logo foram detectados alguns indicadores, tais como: maior interesse pelo custo do que consomem, cuidado com as próprias coisas, atenção em como cuidar do próprio dinheiro, nesse aspecto pode-se ressaltar ainda a transferência de aprendizagem ocorrida neste âmbito em conversa informal realizada pela professora responsável a relatos de experiências feitos pelos alunos oralmente, em que a academia registrou sistematicamente.

A seguir apresentamos questões do questionário aplicado aos alunos sobre o que consideram de aprendizado vivenciado no projeto. No quadro a seguir questionamos aos alunos (N=33) a relação do trabalho da Feirinha com o desenvolvimento do consumo consciente, se este projeto favorece o aprendizado sobre o consumo.

Tabela 36 - O trabalho da feirinha favorece o desenvolvimento para um Consumo Consciente

	N	%
Não	1	3%
Sim	28	84,8%
Depende da forma trabalhada	4	12,1%
Total	33	100%

Os alunos consideram que o trabalho da Feirinha do 5º ano favorece o desenvolvimento para um Consumo Consciente sendo que 84,8% (N=28) afirmaram que sim e 12,1% (N=4) afirmaram que favorece dependendo da forma trabalhada com os alunos.

Em seguida questionamos se os alunos consideram importante o projeto vivenciado.

Tabela 37 - Considera importante este projeto “Feirinha do 5º ano”

	N	%
Não	1	3%
Sim	32	97%
Total	33	100%

Os alunos entrevistados consideraram importante o projeto Feirinha do 5º ano sendo que 97% (N=32) responderam que sim.

Na última pergunta aberta o que o participante aprendeu com o Projeto Feirinha do 5º ano, do questionário dos alunos que muito se assemelha a uma das perguntas que era sobre o aluno ter gostado de viver a experiência e porque, respondida nos registros feitos em sala de aula, categorizamos as respostas em cinco aspectos que consideramos os principais e que os alunos demonstram terem assimilado após o projeto. Observamos que dos 33 questionários, todos dos 33 alunos responderam a esta questão. As respostas estão enumeradas de 1 a 33, que representa os/as trinta e três respondentes e com um A na frente simbolizando os/as Alunos/as.

Tabela 38 - O que aprendeu com o projeto Feirinha do 5º ano:

Categoria	Unidades de resposta
Comércio	<p>A 1 - Eu aprendi que o vendedor tem que fazer promoções, descontos, etc.</p> <p>A 2 - Eu aprendi a negociar.</p> <p>A 8 - Eu aprendi a trabalhar com negócios na Feirinha 2010 do 5º ano.</p> <p>A 9 - Eu aprendi como é ser comerciante.</p> <p>A 12 - Eu aprendi que é bom fabricar para ganhar bem, etc.</p> <p>A 20 - Eu compreendi que o comércio é complicado, e que dá lucro grande, dependendo do que você vende.</p> <p>A 21 - Eu aprendi a ser um bom vendedor.</p> <p>A 22 - Eu aprendi a ser um pouco comerciante.</p> <p>A 24 - Eu aprendi como ser uma comerciante com uma parceira que fala que você roubou e depois nem pede desculpa. E como ser uma melhor comerciante.</p> <p>A 27 - Eu aprendi a vida no comércio, como se lucra, os seus prejuízos, o custo, etc.</p>
Lidar com o dinheiro	<p>A 4 - Eu aprendi como é difícil trabalhar para conseguir o dinheiro e ser grato ao que podemos ter.</p> <p>A 5 - Aprendi a comandar o dinheiro.</p> <p>A 6 - Eu aprendi que é muito difícil ganhar dinheiro e já que é difícil devemos economizar.</p> <p>A 10 - Aprendi a trabalhar com dinheiro e dividir o lucro.</p> <p>A 15 - Eu aprendi que as pessoas trabalham muito para ganhar um dinheiro e deve usar bem isso.</p> <p>A 18 - Aprendi a administrar o dinheiro.</p> <p>A 25 - Aprendi como é difícil ganhar dinheiro e por isso nunca desperdiçá-lo com coisas que não são necessárias.</p>

	A 30 - Aprendi a dar troco, fazer pesquisas de preço, a calcular o lucro "mexer com dinheiro", etc.
	A 31 - Eu aprendi a mexer com o dinheiro.
	A 33 - Aprendi a mexer com o dinheiro e comercializar.
Consumo consciente	A 14 - Eu aprendi que devemos ver se vale à pena comprar algo, antes de comprar.
	A 16 - Eu aprendi várias coisas: a pesquisar preços, fazer propagandas, etc.
	A 26 - Eu aprendi que é bom pesquisar para comprar um produto barato.
	A 32 - Aprendi que devemos pesquisar os preços antes de gastar e ver se o produto vale esse preço.
	A 17 - Aprendi que temos que pesquisar tudo antes de comprar alguma coisa.
Matemática em situações da vida	A 3 - Eu aprendi a calcular lucro, escolher produtos vendíveis que dão muito lucro.
	A 7 - Eu aprendi a ter mais atenção, paciência, matemática.
	A 11 - Eu aprendi um conceito grande com o comércio e muito aprendi com a matemática, achei difícil realizar a Feirinha.
	A 19 - Eu aprendi a calcular os preços e dividir o preço.
	A 23 - Eu aprendi a fazer a margem de lucro dos produtos e aprendi a fazer ofertas a eles.
	A 29 - Eu aprendi a calcular o lucro, a "me dar" com o comércio.
Outros	A 13 - Praticamente apenas com quem fazer ou não fazer.
	A 28 - Não sei.

Das 33 respostas obtidas, os alunos afirmam que aprenderem sobre os seguintes conceitos: Comércio são 30% (N=10), Lidar com o dinheiro 30% (N=10), Consumo consciente 15,1% (N=5), Matemática em situações da vida 12,1% (N=6) e outros aspectos foram 6% (N=2).

Desta forma, identificamos que grande parte dos alunos assimilou algum conceito que consideramos dentro da temática aprendendo de uma forma prática e real.

Relativamente à avaliação da feirinha foi realizada essencialmente com a opinião dos alunos e um apontamento retirado do questionário que integra esta avaliação da feirinha.

Tabela 39 - Trabalho da Feirinha do 5º ano favorece o Consumo consciente - Avaliação do projeto em relação ao consumo consciente

	Prof.		Pais	
	N	%	N	%
Não	0	0%	1	2,2%
Sim	6	20%	22	48,9%
Sim, depende da forma trabalhada	24	80%	22	48,9%
Total	30	100%	45	100%

Dos 30 questionários aplicados aos professores, 20% (N=6) dos professores afirmaram que sim o projeto favorece o consumo consciente e dos 45 questionários aplicados aos pais,

48,9% (N=22) também afirmaram que sim, o projeto favorece o consumo consciente. 80% (N=24) afirmaram que o trabalho da Feirinha favorece o Consumo consciente dependendo da forma como é trabalhado e 48,9% (N=22) dos pais também afirmaram que depende como é trabalhado o projeto.

Ao analisar as aulas lecionadas como instrumento de orientação da educação financeira e promoção da educação consciente voltada para o consumo pudemos verificar que as aulas ministradas foram muito importantes para preparar o ambiente e os alunos no que se refere à familiarização dos conceitos com os quais eles passariam a trabalhar e estudar. As palestras realizadas por profissionais possibilitaram aos alunos tomar contato com esses novos conceitos de forma lúdica e estimulante estimulando-os a busca na aquisição de novos conhecimentos. Em alguns alunos mais que outros identificamos o espírito empreendedor.

Na primeira palestra da empresária Mariana Monteiro, selecionamos algumas respostas que ilustram no todo, o estímulo e entusiasmo das crianças.

Quadro III - Conceitos mencionados na palestra e citados em respostas dos alunos nos registros

Categorias	Unidades de resposta
<ul style="list-style-type: none"> • Público alvo, clientes 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar o que os clientes gostariam de comprar, definir o público-alvo. O vendedor deve ser organizado com o que investe inicialmente, o que vende, o que foi custo, o que foi lucro Definir quem é o seu público-alvo, seus clientes.
<ul style="list-style-type: none"> • Operações matemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> • Como calcular lucro, negociar preço, estipular quanto vai investir, quanto vai lucrar, margem de lucro, porcentagem, calcular matéria prima, produtos manufaturados (produzir o produto pode ser mais lucrativo do que comprar pronto), produtos maquinofaturados, o que é ser empreendedor, Revenda de produtos, saber como e em que investir o capital inicial,
<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma sociedade, importância de aprender a trabalhar em sociedade, realizar um bom planejamento.
<ul style="list-style-type: none"> • Marketing 	<ul style="list-style-type: none"> • Definir o marketing do próprio negócio, atendimento é essencial, marketing, propaganda, clientes, pesquisa de mercado.
<ul style="list-style-type: none"> • Consumidor e comerciante 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender que no comércio existe o consumidor e o comerciante que oferece ao cliente o produto que deve ter boa qualidade, bom preço, juntamente com bom atendimento, deve vender produtos que sejam do interesse do consumidor.

Após ler todas as respostas dos registros, categorizamos por sub-temas, calculamos a porcentagem das respostas e selecionamos dez para exemplificar os registros de duas perguntas que consideramos serem as principais. Dessa forma, de todos os registros as

respostas a seguir exemplificam o total e intencionamos relacionar o projeto, os conceitos de educação financeira e preparo para o consumo e relacionar com o espírito empreendedor trabalhado na turma:

Quadro IV - Gostou de viver a experiência? Porquê?

Categorias de resposta	Unidades de resposta
Aprender a lidar com o comércio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sim, gostei de viver essa experiência por que aprendi como é ser um comerciante, aprendi a trabalhar em sociedade e lucrei bastante! 2. Sim, porque nos ajuda a saber pesquisar preços mais baratos e nos faz aprender a ter responsabilidade. 3. Sim, porque aprendi a negociar produtos. 4. Sim, porque aprendi a lidar com o comércio e vi as dificuldades e facilidades disso.
Aprender a mexer com o dinheiro	<ol style="list-style-type: none"> 5. Sim, eu gostei de viver essa experiência por nos preparar para o futuro, nos ajudando a lidar com o dinheiro. 6. Gostei porque aprendemos a mexer com o dinheiro, vender e comprar, ser comerciante. 7. Sim, eu gostei porque aprendi a mexer com o dinheiro, vi que comércio cansa e porque eu ganhei dinheiro. 8. Sim, gostei de viver essa experiência porque com ela pude aprender a fazer muitas contas diferentes de um jeito divertido usando meu dinheiro e ganhando mais.
Poder usar a matemática em situações reais da vida	<ol style="list-style-type: none"> 9. Eu gostei de viver a experiência porque me ajudou em matemática e foi divertido mexer com dinheiro de verdade e ganhar. 10. Gostei de viver essa experiência porque foi uma grande oportunidade de usarmos a matemática em prática e também de trabalhar em um pequeno comércio mexendo com dinheiro de verdade.

Observamos por todas as respostas analisadas que os aspectos que levaram os alunos a gostar mais da experiência foram: 40% **aprender a lidar com o comércio** (respostas nº 1 a 4), 40% **aprender a mexer com o dinheiro** (respostas nº5 a nº8) , 20% **poder usar a matemática em situações reais da vida** (respostas nº9 e nº10).

Quadro V - Conheceu sobre si mesmo com a experiência

Categorias de respostas	Unidades de resposta
Aprender a ter habilidade com comércio e ser um bom comerciante	1. Eu conheci sobre mim mesmo que sou um ótimo comerciante. 2. Conheci que posso ser uma comerciante se eu quiser. 3. Eu conheci que eu tenho habilidade para vendas. 4. Conheci sobre mim que posso ser um bom comerciante.
Aprender como usar o dinheiro	5. Descobri que eu gosto de aprender a mexer com dinheiro. 6. Conheci que tenho talento para vendas e aprendi a usar meu dinheiro. 7. Conheci sobre mim mesmo que eu sou capaz de ganhar dinheiro com o comércio.
Conhecer valores ou necessidades que possui	8. Conheci que eu canso fácil quando o ritmo é grande e que preciso ter mais atenção e saber fazer contas mais rápido. 9. Eu conheci de mim mesmo que posso me esforçar ao máximo para fazer melhor. 10. Descobri sobre mim mesma que posso ser muito capaz.

Sobre a pergunta: o que o aluno pôde conhecer mais sobre si mesmo, de todas as respostas escolhemos dez para exemplificar que abordam os seguintes aspectos: 40% **aprender a ter habilidade com comércio e ser um bom comerciante** (respostas nº1 a nº4), 30% **aprender como usar o dinheiro** (repostas nº5 a nº7), 30% **conhecer valores ou necessidades que possui** (respostas nº8 a nº10).

Identificamos que o projeto que já existe nesse campo no Colégio Logosófico-Unidade Funcionários é muito positivo, mas ainda apresenta algumas lacunas apresentadas pelos próprios alunos e outras que identificamos que trataremos a seguir.

Quadro VI - O que dificultou a realização do projeto

Categorias de respostas	Unidades de resposta
Dificuldade com o sócio	1. Meu colega não queria vender os produtos dele.
Dificuldade dos clientes em lidar com dinheiro	2. Os nossos clientes não sabiam quanto receber de troco e não sabiam mexer com dinheiro. 3. Na hora da venda foi um pouco difícil mexer com dinheiro com os pequenos. 4. Muitos clientes queriam comprar mais coisas do que tinham de dinheiro e pediram para a gente dar, mas não demos, eles eram pequenos, alguns não entendiam.

Muitos alunos não responderam a essa pergunta por não considerarem ter vivenciado muitas dificuldades. Conscientes de que não podemos ignorar os casos em que foram

encontradas dificuldades, exemplificamos em quatro respostas que corresponderam a 51% do total de registros das crianças(n=17/33) sendo os aspectos: 25% **dificuldade com o sócio**(reposta nº1), 75% **dificuldade dos clientes em lidar com dinheiro** (respostas nº2 a nº4).

4. Discussão dos resultados

Para discussão dos resultados obtidos no âmbito deste trabalho, fizemos uma releitura dos autores principais, recordamos os motivos desta investigação e a partir das leituras intencionamos procurar encontrar algumas respostas às questões colocadas no início da investigação. No sentido de simplificação, em termos de confronto e sistematização, optamos por organizar a nossa discussão em relação às perguntas elaboradas no início da investigação e que se enquadram em quatro grandes temas, correspondendo, cada um, aos domínios encontrados, colaborando com nossa compreensão em relação a problemática que construímos.

Em relação às questões que surgiram no início da investigação, recorreremos ao agrupamento e tratamento dos dados dentro dos temas indicadores apresentados no quadro a seguir.

Quadro VII – Questões de investigação

Temas	Perguntas da investigação
1. Contato e promoção da Educação Financeira no ambiente escolar	- Como se processa a integração das temáticas de Educação Financeira e Preparo para o Consumo na disciplina de matemática? - Que opiniões possuem os alunos, pais e professores acerca da importância da Educação Financeira e preparo para o Consumo?
2. Educação Financeira no ambiente familiar	- Sentir-se-ão preparados os educadores, pais e professores, para trabalharem esta temática em sala de aula e em casa, respectivamente?
3. Formação dentro da temática	- Que formação possuem os educadores, nas temáticas de Educação Financeira e Preparo para o Consumo? - A globalização, o consumismo, o despreparo para o consumo e por fim o analfabetismo financeiro possuem alguma relação?
4. Projeto Feirinha do 5º ano.	- Possibilitará o projeto realizado com o nome: “Feirinha do 5º ano” aprendizagem relevantes de Educação Financeira e Preparo para o Consumo?

Estas são algumas das questões que nos levaram a esta investigação e após todo o processo intencionamos responder o que está ao nosso alcance e fazer novas questões sobre a temática, geradas com o estudo. Com este procedimento procuraremos evidenciar as afinidades e relações de uns itens com os outros na intenção de tornar mais explícita a compreensão do todo.

Assim, os dados serão, pela sua especificidade, interpretados e integrados conjuntamente na subdivisão estabelecida dentro de cada eixo problemático, constituindo elementos de um todo que dará corpo ao eixo que se inserem. Sem pretendermos generalizar os dados obtidos, limitamos nossa análise aos alunos, pais e professores que responderam ao questionário e aos envolvidos na experiência descrita.

Considerando a importância da temática Educação Financeira e Preparo para o Consumo, percebe-se que é dever da escola oferecer meios efetivos para cada aluno compreender os fatores naturais e humanos referentes a essa temática. Além de possibilitar o desenvolvimento nos alunos de suas potencialidades para que eles possam adotar posturas pessoais e comportamentos sociais que lhes permitam viver numa relação construtiva consigo mesmo e com seu meio, colaborando para que a sociedade seja ambientalmente sustentável e socialmente justa, protegendo e preservando todas as manifestações de vida no planeta e garantindo as condições para que ele prospere em toda a sua força, abundância e diversidade.

Referente às questões levantadas no início do estudo ficou definido como principal objetivo para a turma, em relação à alteração dos seus comportamentos frente ao tema o seguinte: **Proporcionar estratégias para a aquisição de estilos de vida economicamente saudáveis e atitudes mais humanas entre os seres, contribuindo assim, para todos viverem em um ambiente melhor.**

Dentro dos conceitos que devem ser abordados e trabalhados na área de conhecimento matemática vinculada a outros temas transversais, como citado no Capítulo I e indicado pelos PCNs (1998) é de suma importância possibilitar o contato do aluno com conceitos que propiciem o desenvolvimento de capacidades no que se refere a gerir a vida financeira e tomar decisões de consumo pautadas em conhecimento. Dessa forma, Saito (2010) afirma que a Escola deve propiciar programas que favoreçam o desenvolvimento de capacidades e habilidades nesse sentido. Na vivência observada, identificou-se se que o programa com o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo deve buscar contribuir para que o aluno, ao final do ensino fundamental, seja capaz de: observar fatos e situações do ponto de vista

econômico, reconhecendo a necessidade e oportunidades de atuação para um ambiente saudável e com uma boa qualidade de vida; usar a matemática, em combinação com outros saberes, na compreensão de situações da realidade, bem como o sentido crítico relativamente à utilização de procedimentos e resultados matemáticos; identificar como parte integrante da sociedade, percebendo os comportamentos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação a sua independência e liberdade financeira; compreender os problemas econômicos atuais que interferem na qualidade de vida das pessoas, tanto local quanto globalmente; valorizar a diversidade natural, sócio e cultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural; adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, e justas e por fim interiorizar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia a dia (Enef, 2010). Para tanto é necessário que a vivência e prática neste âmbito sejam frequente e natural, havendo capacitação por parte de todos os envolvidos antes, durante e depois. Um planejamento e promoção de conceitos reais que fosse levado ao conhecimento de todos: Contato e promoção dos conceitos sobre o tema, proporcionando que o saber circule no ambiente escolar e familiar e possibilitando um preparo e planejamento de todos os envolvidos na experiência de forma contextualizada.

Saito (2010) pontua que a implementação da educação financeira como obrigatória no ensino fundamental evidencia-se como uma política pública premente, essencial às necessidades atuais da sociedade, demandando investimentos em sua concretização e nos requisitos técnico-científicos fundamentais à sua efetivação. Em nossos questionários aplicados, no questionário dos alunos, em relação à introdução deste tema Educação Financeira, 81,8% (N=27) dos alunos consideram importante a introdução destes conceitos na Educação, e 15,2% (N=5) afirmaram já conhecerem alguns conceitos sobre a temática. Nos questionários dos pais e professores, a importância da introdução de novos conceitos dentro da temática na educação, foi reconhecida por 100% todos (n=33) dos professores e por 95,6% (n=43) dos pais ao afirmarem que consideram muito importantes.

Identificamos que a capacitação do professor para estimular a formação de hábitos saudáveis em relação à Educação Financeira e Preparo para o Consumo é o primeiro passo para a promoção da educação financeira da população no ambiente escolar, a curto, médio e longo prazos (Fermiano, 2010). Especialistas da área são unânimes quanto à propriedade de

ser o professor o elemento principal no processo de formação de bons hábitos ao lidar com dinheiro, salientando que o mestre se encontra em posição estratégica para desempenhar essa tarefa, devido ao seu contato diário e prolongado com os estudantes (Savoia, Saito & Santana, 2007). Entretanto, para que o professor se transforme em agente promotor de bons hábitos é essencial que possua além do conhecimento preceitos teóricos de educação financeira e preparo o consumo, uma postura consciente de seu papel na formação dos bons hábitos da criança, do adolescente e do jovem. Dos 30 professores entrevistados, 66% (N=20) consideram que os conhecimentos sobre como **aprender a lidar com o dinheiro e consumo consciente** deveriam ser implementados no currículo formal das crianças. São 10% (N=3) os que consideram que os conceitos trabalhados sobre Educação financeira e Preparo para o consumo devem ser abordados dentro da disciplina matemática. Dos 45 pais entrevistados, 88% (N=40) consideram que os conhecimentos sobre **como aprender a lidar com o dinheiro e consumo consciente** deveriam ser implementados no currículo formal das crianças. 2,5% (N=1) consideram que os conceitos trabalhados sobre Educação financeira e Preparo para o consumo devem ser abordados na disciplina matemática. Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstram ser proporcionalmente o maior interesse dos professores e pais no que se refere à implementação no currículo formal escolar.

Dentro das questões levantadas sobre o primeiro tema Contato e promoção da Educação Financeira e preparo para o consumo, identificamos que tanto os educandos como educadores, consideram muito importante o contato e promoção da Educação Financeira no ambiente Escolar que irá trabalhar e permitir que os indivíduos compreendam melhor os produtos e os conceitos financeiros e desenvolvam as competências necessárias para aprofundarem a sua cultura financeira. A educação financeira e econômica é de suma importância neste ambiente escolar que prima por ações de desenvolvimento e melhoria de seus alunos e necessita de apoio do Governo e da comunidade em geral. Navarro (2009) afirma que o ser humano precisa aprender a lidar com o dinheiro, principalmente no que se refere ao seu uso com consciência e responsabilidade.

A boa compreensão da educação financeira permite aos seres estar cientes das oportunidades e dos riscos financeiros e tomar decisões com conhecimento de causa no momento da escolha de serviços financeiros. Analisamos que é um processo que dura a vida toda e pode ser vinculado à mais de uma área de conhecimento na educação escolar. A

educação financeira vem complementar as ações que objetivam informar e defender os direitos do consumidor, contribuindo para que os consumidores possam tomar decisões dentro do seu orçamento financeiro.

Sobre o as questões do segundo tema que abordam o que ocorre no ambiente familiar, consideramos importante investigar o que há em um ambiente essencial na formação das crianças.

Observamos que na realidade brasileira, entre os jovens e as crianças identificamos um alto nível de consumismo o que se deve buscar identificar quais são os fatores que contribuem para aumentar esse índice. Bem como as questões psicológicas identificadas em pesquisas na área, a falta de conhecimento relativo ao universo financeiro também contribui para o endividamento e as famosas compras supérfluas e a família, bem como os agentes responsáveis pela educação cumprem um papel muito importante neste momento (Vilhena, 2010).

No questionário aplicado aos alunos, em relação a Educação Financeira ser abordado no ambiente familiar, 48,5% (N=16) dos alunos afirmou que isso ocorre frequentemente e o mesmo valor 48,5% (N=16) responderam que tratam deste tema às vezes no ambiente familiar. Sobre ser realizado algum trabalho prático ou teórico sobre o tema, 24,2% (N=8) dos alunos afirmaram que isso ocorre frequentemente, 51,5% (N=17) responderem que isso ocorre às vezes e 21,2% (N=7) disseram que não acontecem trabalhos dentro desta temática no ambiente familiar.

No questionário aplicado aos pais, as questões que tratam deste tema os pais entrevistados que afirmam realizar alguma atividade prática ou teórica sobre a temática frequentemente em casa são 60% (N=27). Dos pais entrevistados 28,9% (N=13) afirmaram realizar às vezes alguma atividade e 11,1% (N=5) responderam que não realizam nenhuma atividade. Das respostas que obtemos, realizamos uma pergunta no questionário para saber quais seriam estas atividades. Dos 45 questionários aplicados, obtivemos 41 respostas em que 24,3% (N=10) dos pais realizam um trabalho em casa sobre educação financeira usando como recurso a mesada ou semanada. 26,8% (N=11) dos pais tratam sobre o assunto e criam situações para os filhos resolverem a partir de momentos e situações do dia-a-dia como ir ao supermercado, fazer uma compra, etc. E, 43,9% (N=18) realizam alguma atividade ao fazer um planejamento familiar com os filhos, abordando situações que eles irão viver e que envolvem o dinheiro, como devem gastar, hierarquizar os gastos, além de abordarem outros

conceitos sobre o assunto. E, 4,8% (N=2) responderam que abordam sobre meio ambiente ou não especificaram.

Sobre introduzir novos conceitos sobre a Educação Financeira no ambiente familiar, no questionário dos professores e pais, identificamos que 43,3% (N=13) dos professores e 75,6% (N=34) dos pais consideram relevante introduzir novos conceitos sobre este tema na educação dos filhos imediatamente. 56,7% (N=17) dos professores e 22,2% (N=10) dos pais, afirmaram que é importante introduzir estes conceitos da educação dos filhos após pesquisá-los mais profundamente.

Verificamos através das respostas obtidas nos questionários da compreensão, dúvidas questionamentos dos pais e responsáveis pelos alunos sobre o tema, ficou claro o interesse por parte deles de expandir e consolidar os conceitos trabalhados sobre educação financeira, no ambiente familiar, que compõe a comunidade escolar. Em outra perspectiva, o comportamento no momento de tomadas de decisões financeiras, no momento do consumo e de gerir a vida financeira, teria suas bases fixadas na infância, transmitidas pela família e sustentadas por tradições. Dessa forma, a frequência com que os pais demonstram hábitos conscientes sobre a vida financeira pode estar associada à ação dos filhos e ter implicações de longo prazo sobre o desenvolvimento do comportamento dos filhos. Neste sentido, a escola seria o ambiente propício para a aplicação de programas de educação em educação financeira, pois está inserida em todas as dimensões do aprendizado: ensino, relações lar-escola-comunidade, ambiente físico e emocional.

O conhecimento dos pais sobre educação financeira e preparo para o consumo, suas influências sobre a escolha do que vão adquirir padrões de consumo em casa, seu contato com a mídia, como assistir televisão, são também determinantes no desenvolvimento dos hábitos das crianças. Bernhoeft (2003) pontua que tem sido possível observar que um dos grandes desafios na esfera familiar sobre educação financeira é o descuido no preparo dos filhos/herdeiros para uma boa relação com o dinheiro e seus significados. A temática recebe ainda maior importância em um país como o Brasil, onde as fortunas trocaram de mãos de forma muito veloz nas duas últimas décadas. As situações e lições que estão sendo experimentadas pela nossa burguesia decadente não têm causado mudanças no comportamento dos chamados "novos ricos". A forma como as crianças tem sendo educadas na sua relação com o dinheiro, consumo, poder, status não tem apresentado uma afinidade que se identifique com os objetivos da educação financeira. Muitos jovens empresários que em

sua maioria tem sido responsáveis pela construção de um Brasil empresarial, acabam por se tornarem pais ausentes que desejam evitar que seus filhos enfrentem as dificuldades e desafios que ele viveu, gerando dessa forma, jovens alheios à realidade do esforço e conquistas próprias. No que se refere ao consumo, cheio de aspectos atrativos e manipuladores, a realidade enfrentada pela juventude é ainda maior. Com a forte abordagem do consumo que primam por valorizar mais o TER e PARECER do que o SER, os jovens enfrentam o conflito da busca constante pelo ter, com aquisições e ostentações de grifes e modismos.

Para que, o trabalho de capacitação seja, de fato, educativo, é necessário que se estabeleça uma relação de diálogo entre o saber popular e o saber técnico, rompendo com o tradicional modelo tecnicista de intervenção, aquele que tem por objetivo a mudança de comportamento da clientela atendida por meio da transmissão de normas Referenciais. É necessário que esse diálogo ajude a deslindar os processos de determinação da problemática a ser enfrentada, de forma a se chegar, se possível, às causas básicas do processo e ainda possibilite o desenvolvimento das aptidões pessoais, contribuindo para a conquista de melhores condições de vida e trabalho. Pensamos através deste estudo que nesse novo desafio educadores, escola, mentores, tutores, consultores em gestão de finanças pessoais ou quaisquer outros profissionais, devem estar aliados em exercer um papel complementar à formação que a família proporcionou aos seus filhos, em especial às novas e futuras gerações.

Observa-se a importância de dedicar tempo e atenção aos filhos para que conheçam os valores e a história familiar, convidando-os a participar da rotina familiar e oferecendo responsabilidade desde cedo. Oferecer também o conhecimento real do valor de tudo que é adquirido e o esforço que a família realizou para esta aquisição.

Em uma sociedade que valoriza mais a cada dia a meritocracia é muito importante para as futuras gerações ter uma noção de como o recurso foi gerado. E, principalmente, como fazer para agregar valor ao patrimônio. O que é vivenciado em família é algo que fica para toda a vida (Bernhoeft, 2003).

No que se refere ao terceiro tema de formação em Educação Financeira e Preparo para o Consumo, concordamos com a autora Fermiano (2010) quando ela afirma que um grande desafio encontrado na atualidade é como lidar com esta questão nos ambientes escolares se estes ambientes não estão alfabetizados economicamente para orientar as crianças e jovens. Antigamente, educar economicamente não era tema de disciplina, já que o contexto que se vivia não solicitava constantes tomadas de decisões econômicas tão cedo. Hoje, ao contrário,

o contexto de globalização solicita novas alfabetizações: a digital, a política e a econômica. Esta necessidade está apoiada na atualidade e precisa envolver a família, já que ela é a responsável por dar dinheiro para a criança e precisa envolver também outros agentes de socialização.

Nos questionários aplicados aos alunos, professores e pais, observamos que 96,7% (N=29) dos professores entrevistados afirmaram não ter recebido nenhuma orientação ou capacitação em sua formação acadêmica no que se refere à Educação Financeira. Em relação aos pais, 40% (N=18) afirmaram que não receberam nenhuma capacitação e, 42,2% (N=19) afirmaram terem recebido um pouco de capacitação e orientação informal provida dos pais no ambiente familiar que identificamos de acordo com os dados obtidos na pergunta seguinte a esta sobre orientação ou capacitação sobre Educação Financeira e Preparo para o consumo, questionamos onde e de quem o entrevistado obteve esta capacitação. Apenas nos questionários aplicados aos pais obtivemos respostas. Identificamos que dos 27 pais que responderam positivamente (N=17), 82,3% (N=14) receberam alguma orientação ou capacitação no ambiente familiar, em casa como explicitamos em algumas respostas no presente trabalho. E, 17% (N=3) dos pais responderam que obtiveram alguma formação em uma instituição.

Em relação a atividades sobre o tema no ambiente escolar, no questionário dos professores, os respondentes que afirmam realizar alguma atividade prática ou teórica sobre a temática frequentemente em ambiente escolar são 13,3% (N=4), 36,7% (N=11) afirmaram realizar às vezes alguma atividade e 50% (N=15) responderam que não realizam nenhuma atividade. Das respostas que obtemos, realizamos uma pergunta no questionário para saber quais seriam estas atividades. Dos 30 questionários aplicados, apenas 6 responderam e pudemos observar que as atividades que abordam os conceitos são mais presentes em situações do cotidiano e exercícios matemáticos.

Sobre conhecer algum autor que aborda o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo. Em relação aos professores, 30% (N=9) afirmaram que conhecem algum autor. 60% (N=18) responderam que não conhecem. Em relação aos pais, dos 45 pais entrevistados, 26,6% (N=12) responderam conhecer algum autor sobre o tema. O restante 73,4% (N=33) não conhecem nenhum autor sobre o tema. Os resultados obtidos nos chamou atenção para a falta de contato ou conhecimento sobre o tema por parte dos responsáveis pela educação das crianças.

Em outro momento da investigação questionamos o que mais chama atenção dentro tema para o respondente e o que ele(a) gostaria de aprofundar com o (a) filho (a). Das 30 respostas obtidas dos questionários dos professores, eles informaram que o que gostariam de aprofundar com o próprio filho seria sobre **como lidar com o dinheiro e trabalhar o consumo consciente**, que corresponde a 93% (N=28) das respostas. E 7% (N=2) ainda precisam pesquisar mais a respeito ou não faz parte da sua área de ensino. Ao realizar a mesma pergunta no questionário dos pais, dos 45 questionários aplicados, obtivemos 40 respostas dos pais e, destes, 100% (N=40) informaram que o que gostariam de aprofundar com o próprio filho seria sobre como **lidar com o dinheiro e trabalhar o consumo consciente**. Desta forma, os temas **Lidar com o dinheiro** e **Consumo consciente** demonstram ser proporcionalmente o maior interesse dos professores e pais no que se refere a trabalhar com os filhos. Sobre a compreensão a respeito dos conceitos Educação Financeira e Preparo para o Consumo, os 30 professores responderam dentro das categorias: Alfabetização financeira, consumo consciente e lidar com o dinheiro. Das respostas obtidas, 100% (N=30) informaram que os conceitos sobre Educação Financeira e Consumo consciente estão relacionados com o **uso correto do dinheiro, consumo consciente, planejado, pensado, preparo para o futuro**. Ao realizar a mesma pergunta no questionário dos pais, foram aplicados 45 questionários, que responderam de forma muito semelhante aos professores, das 36 respostas obtidas, os 100% dos pais (N=36) compreendem que Educação Financeira e Preparo para o consumo está relacionado com a aprendizagem sobre o dinheiro, demonstrando ter algum conhecimento sobre Educação financeira. Desta forma, os temas Lidar com o dinheiro e Consumo consciente demonstra ser proporcionalmente o maior interesse dos professores e pais no que se refere a trabalhar com os filhos e como tema de conhecimento e interesse.

Saito (2010) salienta a necessidade da inserção da educação financeira desde a infância, com difusão destes conhecimentos através da capacitação de profissionais aptos e formados para tanto. Neste sentido, cabe ainda lembrar que o educador, ao sugerir qualquer intervenção, deve ponderar os aspectos não só econômicos, mas também os culturais envolvidos, principalmente, quando a proposta de intervenção envolver processos educativos. Além do mais, a implementação da Educação Financeira como obrigatória no Ensino Fundamental evidencia-se como uma política pública premente, essencial às necessidades econômicas e de desenvolvimento do país, demandando investimentos em sua concretização e nos requisitos técnico-científicos fundamentais a sua efetivação.

Estudos sugerem que o programa Educação Financeira pode tornar-se um espaço de aprendizagem e produção de conhecimento de acordo com o mesmo autor (Saito, 2010). Concordamos com a autora Fermiano (2010) que acredita que docentes que assumem como atribuição estimular o trabalho de conceitos verdadeiros e aquisição de conhecimento em relação ao tema entre os alunos estejam mais capacitados a realizar ações de promoção da Educação Financeira. Uma consequência do programa educativo foi a maior conscientização do professor, pais, alunos e comunidade escolar sobre essa atribuição. Desta forma, mais uma vez evidencia-se a importância da capacitação de professores, para o seu bom desempenho na transmissão de conhecimentos sobre Educação Financeira no ambiente escolar (Domingos, 2010). O Projeto Feirinha do 5º ano se revela, dessa forma, como uma ação propícia para desenvolver atividades de promoção dos conceitos, produção de conhecimentos e de aprendizagem na escola. Foi possível verificar uma maior conscientização do grupo quanto à função do professor, da escola e da família na promoção dos verdadeiros conceitos, de forma a perceber que o conhecimento do assunto favoreceu a tomada de consciência de atitudes no sentido de trabalhar o tema no ambiente escolar.

Também é preocupação do governo compreender qual é o impacto da Educação Financeira do estudante na vida da sua família. Ensinar crianças e jovens a tomar decisões de consumo e investimento e a planejar o futuro é um dos objetivos desta ação que não será ensinada em uma disciplina específica de Educação Financeira, mas o tema permeará os conteúdos de diferentes áreas, como português e matemática. Os docentes devem receber uma capacitação antes de iniciarem as aulas e serem acompanhados por tutores especializados para esclarecer dúvidas financeiras ou pedagógicas (Godoy, 2010).

Percebemos em nosso estudo que uma forma de desenvolver os recursos sociais e pessoais necessários para alcançar o estado de bem-estar é por meio da criação de um ambiente favorável à aprendizagem, enquanto um processo social e permanente, para que todos aqueles que exercem suas atividades no cenário escolar possam conduzir suas tomadas de decisões e ações em busca de uma vida mais equilibrada financeiramente, cientes dos condicionantes de suas práticas de consumidores.

Dentro desta perspectiva, observamos que a opinião dos envolvidos no projeto desenvolvido, Feirinha do 5º ano, está de acordo com os aspectos apresentados até o momento no presente estudo. No questionário aplicado aos alunos, eles consideram que o trabalho da Feirinha do 5º ano favorece o desenvolvimento para um Consumo Consciente sendo que

84,8% (N=28) afirmaram que sim e 12,1% (N=4) afirmaram que favorece dependendo da forma trabalhada com os alunos. E nos questionários aplicados aos pais e professores dos 30 questionários aplicados aos professores, 20% (N=6) dos professores afirmaram que sim o projeto favorece o consumo consciente e dos 45 questionários aplicados aos pais, 48,9% (N=22) também afirmaram que sim, o projeto favorece o consumo consciente. Sobre o trabalho da Feirinha favorecer o Consumo Consciente 80% (N=24) dos professores afirmaram que favorece sim, dependendo da forma como é trabalhado e 48,9% (N=22) dos pais também afirmaram que favorece dependendo de como é trabalhado o projeto.

Na última pergunta aberta do questionário dos alunos que muito se assemelha a uma das perguntas que era sobre o aluno ter gostado de viver a experiência e porque, respondida nos registros feitos em sala de aula, categorizamos as respostas em cinco aspectos que os alunos demonstram terem assimilado após o projeto. Observamos que dos 33 questionários, todos dos 33 alunos responderam a esta questão. Das 33 respostas obtidas, os alunos afirmam que aprenderam sobre os seguintes conceitos: Comércio 30% (N=10), Lidar com o dinheiro 30% (N=10), Consumo consciente 15,1% (N=5), Matemática em situações da vida 12,1% (N=6) e outros aspectos foram 6% (N=2). Desta forma, identificamos que grande parte dos alunos se apropriou de algum conceito que consideramos dentro da temática aprendendo de uma forma prática e real.

Os alunos consideraram importante o projeto Feirinha do 5º ano sendo que 97% (N=32) responderam sim a esta questão.

Bernheim e Garret (2003) pontuam que grande parte dos norte-americanos apresenta déficits em sua formação no que se refere à administração de suas vidas financeiras, o que pode ser observado no momento de tomadas de decisões em termos de aposentadoria são reflexos dessa deficiência. Clark e colaboradores (2006) reforçam tal argumento, lembrando que os indivíduos serão cada vez mais responsáveis pela sua renda na aposentadoria e, para que isso ocorra adequadamente, é necessário certo nível de conhecimento financeiro, de forma a dimensionar os impactos das decisões tomadas.

Ainda segundo Clark e colaboradores (2006), a falta de conhecimento financeiro pode provocar: o adiamento da formação da poupança previdenciária; a incapacidade de tomar decisões corretas de investimento, consumo e poupança; e o aumento da insegurança em relação ao risco e ao retorno dos produtos de investimento. Com base nos autores pesquisados concordamos com os aspectos apresentados sobre a importância dos pilares da educação:

família, escola e agentes interessados falarem uma mesma linguagem nos momentos de transferências de aprendizagem.

Através da análise das anotações obtidas por meio da observação direta na instituição escolhida, o Colégio Logosófico, verificou-se que os educadores se empenham em superar a forma de transmitir o conhecimento aos seus alunos, sendo esta prática na verdade uma troca e não simplesmente uma transmissão. Os educadores do Sistema Logosófico de Educação baseiam-se na Pedagogia Logosófica que propõe a formação integral de crianças e adolescentes, com estímulo ao cultivo de conceitos fundamentais para uma vida consciente e feliz. São adotadas estratégias de ensino e aprendizagem dos conteúdos curriculares sempre apoiadas no vínculo sensível entre alunos e professores, motivado pelo cultivo do afeto. Para que o ambiente escolar seja propício ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, são estimuladas qualidades morais e éticas como respeito, alegria, disciplina, tolerância, colaboração, vontade de ser melhor e prática constante do bem.

A Pedagogia Logosófica também valoriza a ação integrada entre família e escola e, para tanto, realiza constantemente atividades com os pais como reuniões, cursos e entrevistas individuais.

Observamos que existe hoje a necessidade de educar para a vida e formar o educando com conhecimentos básicos para que o próprio possa se constituir em um ser autônomo e ativo na sociedade, sendo este um dos desafios da contemporaneidade. Analisando a forma com que a educação foi vivenciada no Brasil no sentido dos alunos serem receptores do conhecimento e vivenciar estudos descontextualizados e fazendo uma relação com o projeto observado que ocorre nos últimos anos na instituição, identificamos a tentativa de mudar a prática e fazer do educando um agente participativo na aprendizagem, utilizando todos os meios e recursos possíveis e facilitadores presentes na atualidade e provenientes também da globalização. Compreendemos que através da observação direta verificou-se a transferência de aprendizagem possibilitando o conjunto avançar nesse sentido. É importante ressaltar que, individualmente, os níveis de aquisição de conhecimento são diferentes, uma vez que, cada dupla viveu seu empreendimento como experiência singular, com suas dificuldades e conquistas o que proporciona aprendizagens subjetivas.

Através da análise dos dados dos registros dos alunos realizados no decorrer do programa, uma lacuna detectada no programa, foi a falta de congruência nos objetivos

propostos, sendo necessário reformular de maneira coerente, tendo em conta os problemas e necessidades prioritizadas.

Observamos que, outros encontros internacionais e experiências em diversos países vêm sendo realizados visando a implantação deste tipo de educação e no Brasil os primeiros passos começam a ser dados nesse sentido, mas são grandes os desafios a enfrentar quando se procura direcionar as ações para a melhoria das condições de vida no planeta. Um destes desafios está relacionado a mudança de atitudes na interação e relação com a gestão financeira da própria vida.

Consideração Finais

Os resultados obtidos foram já, no decorrer da sua apresentação, analisados à luz das considerações teóricas que estiveram na origem do presente estudo. Em algumas das problemáticas foram retiradas as interpretações possíveis e estabelecidas ligações entre as diversas questões. Procuramos dar-lhes forma, de modo a que se constituíssem em relações visíveis. Não intencionamos encontrar todas as respostas para as interrogações surgidas no início do estudo, ou para outras emergentes no decurso do mesmo, pois temos consciência que é delicado almejar uma única resposta conclusiva para o estudo realizado. Alcançamos um patamar de compreensão e, mesmo esse, a exigir interpretações cautelosas, porque ainda frequentemente incompletas e fragmentadas. Dessa forma, as considerações apresentadas assumem o ponto de partida possível para, eventualmente, em um novo estudo se chegar ainda mais longe.

A relevância e o significado dos dados obtidos através do estudo não terão a ver com a representatividade deste, face a um dado universo, mas descrevem as realidades concretas vividas pela amostra e comunidade escolar. Pelo exposto, as considerações que elaboramos pretendem ser uma síntese dos aspectos que considermos mais importantes neste estudo, tendo estabelecido um confronto com a matriz teórica que abordamos, procuramos localizar pontos críticos, levantar problemas e esboçar alternativas. Observa-se que, a grande maioria dos participantes em análise, interpreta a temática em congruência com a importância dada pelos autores estudados.

A sociedade atual prima a qualidade e eficácia buscando uma escola que possa oferecer a seus filhos uma verdadeira formação, mas acaba caindo em contradição quando vê o conhecimento como uma mercadoria.

Diante a realidade atual de tanta informação e imagens, de troca de conhecimentos constante, de tantas mudanças a Escola conseguiu manter-se estabilizada por muito tempo, no que foi mencionado ser a “forma escolar”, mas precisa estar renovando-se sempre para formar homens globalizados, instruídos, responsáveis e criativos e caminhar junto com a sociedade na aquisição pelo saber.

Consideramos que os principais fatores que influenciaram a transferência de aprendizagem foram as atividades realizadas que promoveram mudanças reais na rotina dos alunos nas dependências da escola. Todos estes fatores vão de encontro ao modelo de Kirkpatrick que visam a aquisição, aumento ou melhoria das competências e atitudes dos

formandos além de apresentarem congruência com os modelos em questão: humanista e progressista que visam promover o desenvolvimento pessoal, a auto-atualização e a aprendizagem deve partir da problematização dos conhecimentos prévios do aluno sendo real e significativa.

O programa realizado contemplou a recolha de dados antes, durante e após a formação e objetivou não somente o aprofundamento de conhecimentos, mas também a demonstração prática de aptidões e competências apreendidas. A cada etapa concluída do programa os participantes realizaram um processo avaliativo em forma de registro identificando seus avanços nas atividades desenvolvidas e valorizando suas conquistas individuais.

Ao final do programa considerou-se muito importante algumas verificações de resultados alcançados e recomendações necessárias. Este processo foi verificado por meio de algumas técnicas já citadas que buscam avaliar o impacto da formação em termos de resultados na atividade da organização e também avaliar a variação de indicadores concretos previamente estabelecidos que resultaram da análise de necessidades.

Observou-se no decorrer do programa que para um futuro programa fez-se necessário a realização de mais reuniões de trabalho em equipe entre professores, melhoria nas práticas pedagógicas e de avaliação. Os resultados obtidos com este programa visam a interiorização do conhecimento adquirido na própria vida, melhoria de suas atitudes e bem-estar, contribuindo também para o sucesso escolar dos alunos que se encontraram ao final do programa apresentando maior satisfação frente ao realizado e melhorias em seu desempenho. A instituição constatou mudanças positivas que impactaram diretamente na melhor convivência entre alunos, docentes e comunidade escolar.

Nesta experiência as ações e os conhecimentos necessários para compreensão foram discutidos e planejados entre professoras e alunos. Todos tiveram tarefas e responsabilidades. Foi decidido o que fazer e o trabalho foi dividido. Por se tratar de uma faixa etária sem condições de autonomia, a intervenção e o auxílio dos adultos foram necessários para que houvesse constante realimentação no processo. Foram vividas inúmeras oportunidades de aprendizagem. Oferecer às crianças a oportunidade de aprender a pensar, de elaborar perguntas, de interagir, de realizar um pequeno exercício mental estimulado por conceitos verdadeiros, de fato, uma nova prática pedagógica da atualidade pautada no pelo que o Ministério da Educação prima como essencial na vida escolar, a aprendizagem significativa. Como afirma Vygostsky (1988) o educador deve mudar sua ação educativa de transmissor de

conhecimentos para facilitador de aprendizagens. Esses pequenos seres podem fazer diferença na sociedade quando auxiliados por conceitos, por conhecimentos que os levem à verdade e ao conhecimento de si mesmo. Depende dos educadores, pais, professores, familiares, amigos, orientar e proteger a infância e a juventude para que eles possam se formar verdadeiros seres humanos, pessoas de bem, ativas e participativas.

No que se refere aos questionários, foi notória a visibilidade que para os educadores e responsáveis pela educação, sendo esses familiares ou não, a Educação Financeira e preparo para o consumo é uma realidade que vai de encontro com a necessidade atual de capacitar o cidadão na vida econômica possibilitando que ele se forme um agente participativo e proporcionando melhorias efetivas em nossa sociedade. Concordamos com Vilhena (2010) que a família tem um papel muito importante no desenvolvimento e formação global das crianças, sendo também responsabilidade dos pais e/ou agentes responsáveis pela educação a introdução de hábitos saudáveis de consumo e o desenvolvimento das habilidades financeiras de suas crianças, de forma lúdica e contextualizada.

Sobre o estudo realizado, outras aceções e modalidade de generalização são possíveis, na medida em que não se descure a análise dos contextos mais globais e com eles se relacione o contexto específico e concreto estudado e, ainda, na medida em que se confira ao leitor a capacidade de ajuizar até que ponto o estudo realizado é semelhante, ou não, pode ser aplicado, ou não, a outros casos que são do seu conhecimento.

Ao final da pesquisa podemos fortalecer e evidenciar a necessidade da consciência crítica dos profissionais professores nos conhecimentos pertinentes à Educação Financeira e Preparo para o Consumo por constituírem-se estes formadores de opinião e elementos importantes no processo educacional e na formação de hábitos conscientes. E fortalecemos a importância de divulgar as boas práticas de consumo no intuito de favorecer a formação de cidadãos conscientes, consequentemente gerando o cuidado com o meio ambiente e a promoção da qualidade de vida. **É importante ter consciência que ainda há muito por fazer, aliando Escola, Família, Comunidade Escolar e Entidades Sociais num ideal de conscientização e formação real, contextualizada, útil que leve as crianças a aprender a pensar sobre todas as situações da própria vida, devendo a aprendizagem ocorrer o tempo todo e por todos: professores, alunos, pais e envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem.**

“Todos los seres nacen ignorantes por ser la inteligencia en ellos sólo una facultad latente e invisible. A medida que crecen, ésta se va desarrollando y la mayoría recurre al estudio para ayudar a esa facultad a conquistar altas posiciones en la mentalidad y por lo tanto, a adquirir todo el esplendor que fuera menester para lograr el éxito en el rumbo que sigue. La preparación escolar y universitaria tiene por objeto ilustrar y cultivar la inteligencia dentro de una línea de conducta que permite al estudiante conocer todo aquello que le es estrictamente indispensable para su formación científica y social, pero luego de egresar de las aulas, salvo raros casos, la mayoría se limita a lo que aprendió, desinteresándose por los demás asuntos que podrían servirle de luz para lograr conocimientos mayores” (Pecotche, 1951)

Referências Bibliográficas

- Alcoforado, L. M. (2008). Competências, cidadania e profissionalidade: limites e desafios para a construção de um modelo português de educação e formação de adultos. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação. Universidade de Coimbra. Coimbra: [s.n.]. 459p.
- Alcoforado, L. M. (2009). Slides Modelos e Práticas da Formação. Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Coimbra.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 110p.
- Barreira, C. (2009). Slides de Planejamento e avaliação educacional. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Coimbra.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*, Edições 70, Lisboa.
- Bernheim, D. (1998). Financial illiteracy, education, and retirement savings. In: Mitchel, O; Schieber, S. Living with defined contribution plans. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. P. 38-68. Consultado em 10 de abril, 2011 em <http://www.nber.org/papers/w17078>.
- Bernheim, D. & Garrett, D. M. The effects of financial education in the workplace: evidence from a survey of households. *Journal of Public Economics*, v. 87, p. 1487-1519, 2003. Consultado em 29 de maio, 2011, http://www.wealthatwork.co.uk/web_assets/corporate/news/Evidence-from-a-Survey-of-Households.pdf.
- Bernheim, D. & Garrett, D. M. & Maki, D. M. Education and saving: the long term effects of high school financial curriculum mandates. National Bureau of Economic Research, n. 6.085, July 1997. Consultado em 14 de maio, 2010,

<http://www.nber.org/papers/W6085>.

Bernhoeft, R. (2003). *Governança na empresa familiar*. São Paulo: Campus. 176 p.

Bogdan, R. & Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. 12ª Edição. Porto: Porto Editora.

Brasil. (1996). Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Lei nº 9.394/1996, 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. – Lei de Art.35. Brasília, DF.

Brasil. Ministério da Educação. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: matemática*. Brasília: MEC/SEF. 142 p.

Brasil. Ministério da Educação. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF.

Brasil. Ministério da Educação. (1999). Secretaria de Educação Média e Tecnológica *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC.

Brasil. Ministério da Educação. (2002). *Parâmetros Curriculares Nacionais+ (PCN+)* – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC.

Brasil. (2000). *PCN ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais, ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. NEFE (National Endowment for Financial Education). Consultado em: www.nefe.org/pages/contents.html, em 23 de maio 2010.

Cabrera, A. F. (2003). *Evaluación de la formación*. Madrid: Ed. Síntesis

- Caffarella, R.(2002). *Planning Programs for Adult Learners: A Comprehensive Guide* (2ª Ed.). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Castell, M. (1997): *La era de la información*. Vol. 1. La sociedad red. Madrid, Alianza.
- Corragio, J. L. (1996). Propostas do Banco Mundial para a educação: sentido oculto ou problemas de concepção? In: Tommasi, L. De; Warde, J. M.; Haddad, S. (Orgs.) *O banco mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez/Ação Educativa/ PUC-SP. p. 75-124.
- Charlot, B. (2007). Educação e Globalização: Uma tentativa de colocar ordem no debate. Texto da conferência proferida na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. 14.06.2007. *Revista de Ciências da Educação*, 04, PP.129-136.
- Clark, R. L. (2006). et al. Retirement plans and saving decisions: the role of information and education. *Journal of Pension Economics and Finance*, v. 5, n. 1, Março.
- Cunha, M. V. (2001). John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. *Revista Brasileira de Educação*. n. 17. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago.
- Demo, P. (1996). *Pesquisa e construção de conhecimento : metodologia científica no caminho de Habermas*. 2 ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro. 125 p.
- Dewey, J. (1979). *Experiência e educação*. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- Domingos, R. (2010). *Livre-se das dívidas: Como equilibrar as contas e sair da inadimplência*. São Paulo: Gente.
- Domingos, R. (2008). *Terapia Financeira*. São Paulo: Gente. 144 p.

- Domingos, R. (2010). In: DSOP Educação Financeira: Respeitando o Dinheiro e Realizando Sonhos. Consultado em 12 de dezembro, 2010 www.dsop.com.br.
- Dolvin, S. D.; Templeton, W. K. (2006). Financial education and asset allocation. *Financial Services Review*, v. 15, n. 3, p. 133.
- Febraban. (2010). Federação Brasileira de Bancos. Consulta em www.febraban.org.br/www.febraban.org.br/Arquivo/Servicos/Eventoscursos/educacaofinanceira/02.asp, em 25 de abril de 2011.
- Fermiano, M. A. B. (2000). Nível cognitivo de alunos do curso de magistério. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – São Paulo. 146p.
- Fermiano, M. A. B. (2010). Pré-adolescentes (“tweens”) – desde a perspectiva da teoria piagetiana à da psicologia econômica. (Tese de doutorado). Campinas – São Paulo: [s.n.]. 386 p.
- Ferreira, A. G. (2005). A difusão da escola e a afirmação da sociedade burguesa. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, nº9 (junho), Ed: Autores Associados.
- Ferreira, Declev. (2002). *Revista ambiente e educação*. Rio Grande- RS
- Freire, P. (1987b). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1995). *Política e Educação*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Fox, J.; Bartholomae, S.; Lee, J. (2005). Building the case for financial education. *The Journal of Consumer Affairs*, v. 39, n. 1, p. 195.

- Fox, L.; Hoffmann, J.; Welch, C. (2004). Federal reserve personal financial education initiatives. Federal Reserve Bulletin. Consultado em 30 de junho, 2010, www.federalreserve.gov/pubs/bulletin.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São paulo: Ed. Atlas. 175p.
- Godfrey, S. N. (1994). *Dinheiro não dá em árvores*. São Paulo: Jardim dos livros. 1ª Ed. 175 p.
- Haddad, S.; Pierro, M. C. (2000). “Escolarização de Jovens e Adultos”. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº14 (Mai/Jun/Jul/Ago), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo. Brasil. pp. 108 – 130.
- KirkPatrick, D.L. (1998-A) – *Evaluating Training Programs: the four levels*, 2nd ed. San Francisco: Berrett-Koehle.
- Kramer, S. (2010). As crianças de 0 a 6 anos nas políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental. Consultado em 30 de abril, 2011 <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v27n96/a09v2796.pdf>.
- Lopéz, P. E. (1996). La Pedagogía Familiar propuesta por El Dr.Quintana. In *Por uma pedagogia humanista: homenagem ao Prof. Dr. José María Quintana Cabanas en su 65º aniversario*. . Madrid: Editorial Dykinson, SL. E Narcea, S.A. de Ediciones. 287 p.
- Luna, S. V. de. (2002). *Planejamento de Pesquisa Uma introdução Elementos para um análise metodologica*. São Paulo: Educ. 108p. (Série Trilhas).
- Mandell, L. (2005). *Financial literacy: Does it matter?* New York: University at Buffalo.
- Matemática- (1999). Orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 118 p.

- Matos, A.; & Vieira C. (2009). *Slides de Metodologia da Investigação e Análise Educacional*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Minayo, M. C.S. (1993). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2 ed. São Paulo : Hucitec; Rio de Janeiro : Abrasco.
- Navarro, C. (2009). *Vamos falar de dinheiro?* 1 ed. São Paulo: Novatec. 240 p.
- OCDE. (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico). (2004). OECD's Financial Education Project. (2004). Assessoria de Comunicação Social. Consultado em www.oecd.org, em 23 de março de 2010.
- OCDE. (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico). (2005). Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness. Consultado em 28 de março, 2010, www.oecd.org.
- Oliveira, S. L. (2000). Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2.ed. São Paulo: Pioneira.
- Saito, A. (2010). Educação Financeira Engatinha no Brasil. Consultado em 30 de janeiro, 2011, www.conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2010/1/28/educacao-financeira-engatinha-no-brasil.
- Santos, B. S. (2003). Por uma concepção multicultural de direitos humanos. In: B:S:Santos. *Reconhecer para Libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. (PP.427-461). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- Sacristán, J. G. (2003). *Educar e Conviver na cultura global*. Porto: Ed. ASA Editores, S.A. 270p.

- Sciaretta, T. (2010). Educação financeira entra no currículo de escolas públicas a partir de 2012. In: Folha de São Paulo, publicado em 27 de dezembro. Consultado 23 de janeiro, 2011, www1.folha.uol.com.br/mercado/851199-educacao-financeira-entra-no-curriculo-de-escolas-publicas-a-partir-de-2012.shtml.
- Serasa. (2010). Consultado em 24 de maio, 2010, <http://www.serasaexperian.com.br/guia/conteudo.htm>.
- Pacheco, J. (2010). José Pacheco e a Escola da Ponte. In: Revista Nova Escola. Consultado em 11 de julho, 2010, <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/jose-pacheco-escola-ponte-479055.shtml>.
- Pecotche, C. B. G. (1951). Introdução ao Conhecimento Logosófico. São Paulo: Editora Logosófica. 491 p.
- Pecotche, C. B. G. (1959). O Senhor de Sándara. São Paulo: Editora Logosófica. 509 p.
- Pereira, R.; Navarro, C.; Biscaia, B.; Vilhena, B.; Prates, M. (2009). *Dinheirama – Livro do blog*. São Paulo: Blogbooks - Singular. 228 p.
- Perrenoud, P. (1999). *Dez novas competências para ensinar. Convite à viagem*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 192p. ESF éditeur, Paris.
- Pinheiro, M. (2003). Lista de Verificação para a Planificação de Programas: uma tradução da Checklist for Planning Programs de Caffarella (2002). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (documento não publicado).
- Pinheiro, M. (2009). Slides de Planeamento e avaliação educacional. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Coimbra, 2009.

- Polato, A. (2008). Assim a turma aprende mesmo. In: *Revista Nova Escola*, Edição 216, OUTUBRO. Consultado em 29 de novembro, 2009, <http://revistaescola.abril.com.br/matematica/fundamentos/assim-turma-aprende-mesmo-panoramas-perspectivas-427209.shtml?page=5>.
- Prado, I. G. A. (2000). *O MEC e a reorganização curricular*. São Paulo Perspec.[online]. Vol.14, n.1, pp. 94-97. ISSN 0102-8839. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000100011>. Consultado em 24 de julho, 2010, http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000100011&script=sci_arttext&tlng=es.
- Quivy, R.; & Campenhoudt, L.(1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 282 p.
- Reboul, O. (1980). *Qu'est-ce qu'apprendre* (Pour une philosophie de l'enseignement). (Planchard, E. Trad.). France: Presses Universitaires de France. 203 p.
- Rogers, C. R. (1985). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes.
- Rogers, C. (1969). *Freedom to Learn*, Columbus: Ed. Charles Merrill.
- Savoia, J. R. F.; Saito, A. T. & Santana, F. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Rev. Adm. Pública*. vol.41, n.6, pp. 1121-1141.
- Skovsmose, O. (2007). *Educação crítica: incerteza, matemática, responsabilidade*. Trad. Maria Aparecida V. Bicudo. São. Paulo: Cortez. 304 p.
- Skovsmose, O. (2008). *Desafios da Reflexão em Educação Matemática Crítica*. Campinas: Papirus. 144 p.
- Smith, B. (2005). OECD's Financial Education Project: improving financial literacy and capability. In: *Canadians and their money: A National Symposium on Financial*

Capability. Proceedings. Ottawa. Consultado em 14 de fevereiro, 2011, www.policyresearch.gc.ca/doclib/FCAC/Session%205%20Barbara%20Smith.pdf.

Stuart, S. (2009) *Ensine seu filho a cuidar do dinheiro*. São Paulo: Gente. 168 p.

Todd, R. M. (2002). Financial literacy education: a potencial tool for reducing predatory lending? Federal Reserve Bank of Minneapolis — The Region, v. 16, p. 6-13, Dezembro.

Veja. (1995). O planeta teen. *Revista Veja*. São Paulo. Consultado em 17 de agosto, 2010, www.veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_19041995.shtml.

Vieira, C. M. C. (1999). A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: Questões relativas à sua fidelidade e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIII, nº2, 199, 89-116.

Vygotsky, L. L.. A. N. (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. De Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Icone/Editora da Universidade de São Paulo.

Volpe, R.; Chen, H.; Liu, S. (2006). An analysis of the importance of personal finance topics and the level of knowledge possessed by working adults. *Financial Services Review*, v. 15, p. 81- 98.

Worthington, A. C. (2006). Predicting financial literacy in Australia. *Financial Services Review*, v. 15, n. 1, p. 59-79.

ANEXOS

ANEXO 1 – Atividade 1 sobre palestra recebida pela administradora Mariana Monteiro.

**COLÉGIO
LOGOSÓFICO**
GONZÁLEZ PECOTCHE
UNIDADE FUNCIONÁRIOS

ÁREA DE CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

ATIVIDADE Nº _____

DATA: / /.....

5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

Feirinha: Palestra

Registre aqui os aspectos que você considerou mais importantes na palestra da empresária Mariana Monteiro:

ANEXO 2 – Atividade 1 sobre palestra recebida pela empresário Renato Ribeiro.

COLÉGIO
LOGOSÓFICO
GONZÁLEZ PECOTCHE

UNIDADE FUNCIONÁRIOS

ÁREA DE CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

ATIVIDADE Nº _____

DATA: / /.....

5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

Feirinha: Palestra

Registre aqui os aspectos que você considerou mais importantes na palestra do empresário Renato Ribeiro:

ANEXO 3 – Atividade avaliativa 1.



ÁREA DE CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

ATIVIDADE Nº 1 - valor 1 ponto

DATA: / /.....

5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

Agora que já tivemos uma palestra especial com a Mariana, que nos contou tantas coisas sobre o comércio, sobre a compra e venda dos produtos, podemos começar a fazer nossa pesquisa de preço para a Feirinha.

Vamos pesquisar a melhor forma de ganhar dinheiro durante esta atividade?

1º passo: Para pensar no produto que vai vender, você deve conhecer o consumidor: quem vai comprá-lo? O que o seu público-alvo gostaria de comprar? Quanto será que ele pode gastar? (Lembre-se que nossos consumidores são alunos e professores da Escola)

2º passo: Faça uma lista com as opções de produtos que o seu público-alvo possa se interessar em comprar!

3º passo: Comece a fazer a pesquisa de preço, recorde-se: onde consigo comprar os meus produtos por um preço bom? Que quantidade de produtos para a revenda posso comprar? Quanto de matéria prima necessitarei para fazer o meu produto? Conseguirei vendê-los por um preço razoável, obtendo algum lucro?

4º passo: **Escolha o(s) produto(s)** que tenha(m) um preço bom, porque assim, você pode vendê-lo(s) com um lucro de, no mínimo, 100%.

Se você optou por revender produtos preencha a tabela abaixo com as informações solicitadas:

Revenda de Produtos

Produto a ser vendido	Quantidade unitária ou pacote	Preço de compra (custo) unidade ou pacote

Se você optou por confeccionar seus próprios produtos preencha a tabela da próxima folha com as informações solicitadas:

Produtos Manunfaturados

Produto a ser vendido	Quantidade unitária ou pacote	Lista Matéria prima necessária <u>com a quantidade</u>	Custo itens matéria prima

Como é bom pesquisar e descobrir tantas coisas que não sabia!

Abraços afetuosos!

ANEXO 4 – Atividade avaliativa 2.

COLÉGIO
LOGOSÓFICO
GONZÁLEZ PECOTCHE

UNIDADE FUNCIONÁRIOS

ÁREA DE CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

ATIVIDADE Nº 2 - valor 1 ponto DATA: / /.....

5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL



Querido(a) aluno(a),

Agora que você já escolheu qual produto vai vender na Feirinha, vamos calcular junto o preço de venda mais adequado para este produto?

Antes de iniciarmos, você deverá pensar se o venderá de forma unitária ou em maior quantidade.

Anote na folha anexa:

1– o nome do produto;

2 –o preço de custo do produto;

3 – por qual preço gostaria de vender o produto? (Veja se é um preço razoável, se haverá clientes para comprá-lo. Verifique se é possível ganhar 100% de lucro com seu produto.);

4 – caso não seja possível calcular 100% de lucro, vamos verificar qual porcentagem de lucro vai ser mais adequada para o seu produto;

5 – é possível fazer algum pacote promocional? Se sim, você poderia dar um desconto de qual valor?

Em casa, elabore as etiquetas de venda e os cartazes anunciando as promoções e os descontos! Faça



também uma tabela de preços e descontos para você usar no dia, facilitando o seu Bom trabalho!

Produto	Valor Custo (pacote/unidade/ dúzia/cento)	Lucro (em porcentagem)	Preço final	Pacote Promocional
Produto	Valor Custo (pacote/unidade/ dúzia/cento)	Lucro (em porcentagem)	Preço final	Pacote Promocional

ANEXO 5 - Atividade avaliativa 3 – Análise do vivido



ÁREA DE CONHECIMENTO: MATEMÁTICA

ATIVIDADE Nº 3 - valor 1,5 ponto DATA: / /.....

5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

A Feirinha!!!

Querido(a) aluno(a),

Vivemos um momento muito especial ontem!

Finalmente chegou o dia da Feirinha, e pudemos vivenciar uma experiência muito rica!

Agora, vamos analisá-la?

1. Avaliação geral:

Qual(is) produto(s) havia na minha barrquinha?

Foi fácil vender meus produtos?

Se sim, o que percebo que me ajudou? _____

Se não, o que me dificultou?

O que mais gostei de fazer durante o preparo?

Gostei de viver essa experiência? Por quê?

O que você conheceu sobre si mesmo com essa experiência?

2. Controle de Estoque:

a) Quantos produtos vendi? _____

b) Qual produto mais vendi? Em qual quantidade?

c) Qual produto menos vendi? Em qual quantidade?

d) Análise do porquê vendi um produto mais do que o outro: _____

e) Quantos produtos ficaram ainda em meu estoque? _____

f) Qual o lucro total obtido (*lucro bruto*)? _____

g) Qual o lucro dividido entre os sócios (*lucro bruto – custo = lucro líquido*)?

3. Complete o quadro

Valor total do caixa ao final da feirinha	+	
Investimento inicial (custo)	-	
Troco inicial acrescentado no caixa	-	
Lucro total	=	
Lucro individual	:	

Cálculos:

ANEXO 6 – Check- list das Profes

O QUÊ	PROVIDÊNCIAS	RESPONSÁVEL	QUANDO	SITUAÇÃO
ESCOLHER DATA FEIRINHA	AGENDAR NA ESCOLA	PROFESSORA/COORDENADORA	04-10	
CONVERSA COM ALUNOS SOBRE OBJETIVOS DA FEIRINHA	Conversa inicial sobre a feirinha e avisar da Palestra no dia seguinte	PROFESSORA	26-10	
CARTA PARA OS PAIS	Confeccionar CARTA com OBJETIVOS da Feirinha E AUXILIO DOS PAIS	PROFESSORA	27-10	
PALESTRA COM UM COMERCIANTE	Fazer o convite para um comerciante. Sugestão: Mariana	PROFESSORA	27-10	
PALESTRA SOBRE MARKETING	Fazer o convite para um publicitário. Sugestão: Renato Ribeiro, Clarice Laender	PROFESSORA	05-11	
ATIVIDADE Avaliativa 1: PESQUISA DE PREÇO E ESCOLHA DO PRODUTO CONTROLE DE ESTOQUE	Elaborar atividade sobre pesquisa de preço (a ser feito com auxílio dos pais) e escolha do produto. O aluno deverá trazer um controle de estoque com a quantidade de produtos a serem vendidos e o custo dos mesmos	PROFESSORA/PAIS	Entregar no dia 25-10 p/ dia 10-11	
CARTA-CONVITE PARA OS OUTROS ALUNOS PARTICIPAREM	Elaborar uma carta/bilhete para os alunos comunicando o dia da Feirinha. Dar indicações Fundamental I e Infantil sobre dinheiro que devem trazer.	ALUNOS/PROFESSORES	P/ dia 23-11	
ATIVIDADE Avaliativa 2: CALCULANDO O PREÇO DE VENDA (lucro e promoções)	Elaborar atividade para os meninos calcularem por quanto devem vender o produtor e eventuais pacotes promocionais	PROFESSORAS	12 a 20-11	
CARTAZES DE DIVULGAÇÃO	Elaborar cartazes para divulgar seu produto (dias antes, na escola)	ALUNOS/PAIS	19 a 25-11	
DECORAÇÃO DAS BARRAQUINHAS	Decorar as barraquinhas	ALUNOS/PAIS	19 a 25-11	
ETIQUETAS COM PREÇO DOS PRODUTOS E PACOTES PROMOCIONAIS	Colar etiqueta nos produtos e cartazes com pacotes promocionais	ALUNOS/PAIS	20 a 25-11	
NO DIA DA FEIRINHA				
BALDE, PANOS, RODO, PÁ DE LIXO Uma pessoa da limpeza disponível	Limpeza do local e eventuais necessidades	PROFESSORES SOLICITAR LIMPEZA	23-11	
EXTENSÃO e T para tomada	Extensão para eventuais eletrônicos	PROFESSORES	23-11	
TROCO	20 reais trocados em moedas para cada menino / PROFESSORES ELABORAR RECADO PARA AGENDA	PAIS E ALUNOS	19 a 25-11 PROFESSORAS: RECADO PARA 19-11	
MONTAGEM BARRAQUINHA	Tesoura, fita crepe, canetinhas	ALUNOS/PAIS/PROFESSORES	26-11	
FICAR ATENTA A CONDOTA DOS ADOLESCENTES	Observar a conduta dos adolescentes com os meninos, principalmente na hora do pagamento	PROFESSORES	26-11	
AUXILIAR OS ALUNOS	Durante a atividade auxiliar os que estão	PROFESSORES	26-11	

AVALIAÇÃO DA FEIRINHA Total 4 pontos:

REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE 1	1 ponto
REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE 2	1 pontos
REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE 2	1,5 ponto
Participação no dia	0,5 ponto

ANEXO 7 – Carta de informações e autorização para os Pais

Oba, a Feirinha! Está chegando a hora...

Queridos pais,

No mês de novembro, vamos realizar a atividade da Feirinha com o 5º Ano, momento muito esperado por todos os alunos!

Nessa atividade, as professoras e os alunos precisarão contar com o apoio e auxílio dos pais, para que a experiência seja um acontecimento feliz para nossas crianças.

Esclarecemos que alguns dos objetivos da atividade são:

- Colocar em prática os conhecimentos sobre os números decimais e porcentagem, familiarizando os alunos com o uso do dinheiro;
- Trabalhar as operações com os números decimais: a escolha do produto a ser vendido por um dado preço; o cálculo do preço “certo” para revendê-lo (considerando que se deve ter algum lucro, mas que este seja adequado, para que o cliente compre);
- Ver a aplicabilidade do cálculo da porcentagem, na margem de lucro, ao estabelecer o preço de venda dos produtos;
- Conhecer as estratégias de venda (nome chamativo, promoções e descontos);
- Pesquisar: fazer pesquisa de produtos e de fornecedores;
- Usar a calculadora;
- Aprender coisas novas: imaginar-se como se fosse um comerciante e um consumidor;
- Aprender o “valor” do dinheiro (conhecer o trabalho que está “por detrás” do dinheiro);
- Trabalhar com os próprios valores morais: cultivar a honestidade, a alegria e a amizade.

A seguir a esta carta, está o planejamento com as atividades a serem realizadas na Feirinha. **Aproveitamos para dizer que os alunos ainda não conhecem este material.** O modo como a Feirinha será realizada é, ainda, uma surpresa para eles! Portanto, contamos com a discrição e com o apoio de vocês, que é tão importante, para que esta atividade seja um sucesso!

Já para iniciar este trabalho, a colaboração dos pais é essencial! É com o auxílio de vocês que os alunos vão pesquisar o custo do produto a ser vendido, seja ele uma revenda, seja uma manufatura. Os alunos precisam trazer para a escola esta informação, para que possamos dar prosseguimento ao nosso projeto.

Observação importante:

Os alunos **deverão devolver** aos pais o dinheiro investido na compra dos produtos. Combinaremos o valor **máximo** de R\$50,00 por pessoa. É importante que os pais recebam este dinheiro de volta, pois assim o aluno vivenciará, efetivamente, o que é pagar as próprias despesas, tendo de forma mais real a percepção do dinheiro que realmente conseguiram “ganhar” com o seu trabalho.

Agradecemos o apoio de vocês!

As professoras

Feirinha

Planejamento:

Sugestão data 19 de novembro (a confirmar)

1. Palestra com empresária: apresentação das atividades do comércio (escolha de fornecedores, ideias para produtos, cálculo do preço de venda, porcentagem de lucro, pacotes promocionais).
2. Escolha das duplas.
3. Escolha do produto (artesanal ou revenda).
4. <u>Atividade pontuada</u> : após pesquisar em casa, com o auxílio dos pais, informar a professora o valor do produto a ser vendido (cálculo do custo unitário). Em sala, serão realizados: cálculo do preço de venda - considerando a margem de lucro; os pacotes promocionais como estratégia de marketing.
5. Elaboração de cartazes para divulgar sua “loja” na escola.
6. Montar seu “estoque”, organizar a informação do número de produtos que serão vendidos.
7. Providenciar o troco para o dia da Feirinha (20 reais em moedas e notas baixas).
8. No dia: enfeitar a barraca, trazer os produtos a serem vendidos e os cartazes divulgando os pacotes promocionais.
9. <u>Atividade pontuada</u> : Calcular o valor arrecadado com a venda dos produtos (produtos vendidos x preço venda). Quantos produtos não vendidos: qual valor ficou “parado no estoque” Lucro obtido (considerando retirar o valor do custo de compra ou confecção do produto). Divisão dos lucros.

*OBS.: o aluno que não cumprir com a primeira atividade pontuada não poderá participar da Feirinha como comerciante.

ANEXO 8 – CARTA da Escola para os alunos

COLÉGIO
LOGOSÓFICO
GONZÁLEZ PECOTCHE

UNIDADE FUNCIONÁRIOS

Convite especial!

Queridos pais e alunos:

A feirinha realizada pelo 5º Ano será nesta semana! A feirinha é uma oportunidade dos alunos colocarem em prática o que aprenderam sobre números decimais e porcentagem vendendo seus produtos!

Nossas barraquinhas serão montadas na próxima sexta feira, 26 de novembro. Não percam a oportunidade de trazer seu dinheiro e se divertir com a gente!

Informações importantes:

Dia: 26 de novembro

Horários:

manhã: 8h às 11h

Agradecemos sua participação,

5º Ano

ANEXO 9 – Carta aos alunos envolvidos no projeto com combinados e lembretes

Olá! Está chegando a hora...

Querido aluno,

O dia da Feirinha se aproxima! Vamos recordar os combinados para que possamos viver um momento muito especial!

No dia da Feirinha, antes de sair de casa, faça seu *check list* e veja se está com tudo pronto:

- () Pegar os produtos que irá vender;
- () Pegar os cartazes de divulgação dos preços e promoções;
- () Pegar a calculadora;
- () Pegar o dinheiro do troco;
- () Pegar os enfeites da barraca;
- () Pegar um recipiente com nome para ser o caixa da sua barraca (pode ser uma caixa de sapato)

Está tudo com você? Agora, pode se preparar para vir para a Escola! Não esqueça de recordar aos seus pais ou responsável que eles poderão lhe auxiliar com a montagem da barraca das 13h até as 13h30. Depois deste horário, você e sua dupla é quem serão responsáveis pela venda dos seus produtos!

Veja o que você deve fazer ao chegar na Escola:

- 1) Ir para a sala e buscar a sua mesa e sua cadeira.

Importante: Meninos: colaborar com as meninas para levar a mesa para o pátio da cantina.

Meninas: agradecerem os meninos pela gentileza e oferecer ajuda também, no que eles precisarem.

- 2) Monte sua barraca, traga tesoura e fita crepe e o que mais for precisar para enfeitá-la.

- 3) Durante a atividade lembre-se de:

- manter a organização, a disciplina, a limpeza e a atenção;
- manter a alegria e a honestidade!

- 4) Quando a feirinha terminar, leve os produtos que sobraram para a sala ou separe o material que você utilizou e deixe em um canto do pátio da cantina (caso não seja oportuno levar para a sala).

Enquanto um componente da dupla cuida deste material, o outro leva as mesas e cadeiras de volta para a sala.

Importante: Meninos: colaborar com as meninas para levar a mesa para a sala.

Meninas: agradecerem os meninos pela gentileza e oferecer ajuda também, no que eles precisarem.

Um abraço de suas professoras!

ANEXO 10 – Questionário aplicado aos alunos envolvidos no projeto

MESTRADO EM GESTÃO DA FORMAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
EDUCACIONAL



Queridos Alunos:

Estou cursando o mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional na Universidade de Coimbra e gostaria de contar com a colaboração de vocês, respondendo ao questionário abaixo.

Ele faz parte de uma pesquisa que estou realizando sobre o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo com o objetivo de identificar os conhecimentos, habilidades e atitudes que já existem nessa linha. Essa pesquisa poderá contribuir com a formação de docentes nessa área da educação.

Agradeço, antecipadamente, a colaboração.

Atenciosamente,
Lívia Maciel Sena

Idade: _____ Sexo: F () M ()

1. Dentro da disciplina Matemática, você já ouviu sobre o tema Educação Financeira e preparo para o Consumo?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
a) Se a resposta for afirmativa com que frequência?
() semanal () mensal () trimestral
2. Você já havia tido contato com a expressão Educação Financeira?
() sim () não
3. Você conversa com seus pais ou professores sobre educação financeira e preparo para o consumo?
a) () não () sim, frequentemente () sim, às vezes
4. Na sua formação, você tem recebido alguma orientação no que se refere à educação financeira?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
a) Se a resposta for afirmativa, de quem ou onde?
5. Você sente que o trabalho da Feirinha do 5º ano favorece o seu desenvolvimento para um consumo consciente?
() não () sim () sim, depende da forma trabalhada

6. Você realiza algum trabalho prático ou teórico sobre esse tema no ambiente familiar?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes

a) Exemplifique:

7. Você já leu algum livro dentro desse tema? Qual?

8. Qual a importância de divulgar o conceito de consumo consciente no ambiente escolar, especialmente para os alunos?

() muito importante () importante () pouco importante

Por quê?

9. Você considera que é importante a introdução de novos conceitos sobre este tema na Educação?

() não () sim () sim, já conheço alguns conceitos

10. Como aluno, você considera importante aprender novos conceitos sobre educação financeira e preparo para o consumo consciente na prática?

() não () sim, imediatamente () sim, através de projetos

11. Como você define a relação entre: **Educação Financeira X Consumo Consciente**?

() muito importante () de importância relativa () pouco importante

12. O que mais lhe chama atenção dentro desse tema e que você gostaria de aprofundar, mais, particularmente, na sua vida?

13. Explique o que você compreende a respeito destes conceitos: Educação Financeira e Preparo para o Consumo.

14. Escreva o que você aprendeu com o Projeto Feirinha do 5º ano.

15. Você considera importante esse projeto?

sim não

16. Você gostaria que a Escola tivesse outros projetos como esse?

sim não

ANEXO 11 – Questionário aplicado ao grupo de pais envolvidos no projeto

MESTRADO EM GESTÃO DA FORMAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL



Prezados Pais:

Estou cursando o mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional na Universidade de Coimbra e gostaria de contar com a colaboração de vocês, respondendo ao questionário abaixo.

Ele faz parte de uma pesquisa que estou realizando sobre o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo com o objetivo de identificar os conhecimentos, habilidades e atitudes que já existem nessa linha. Essa pesquisa poderá contribuir com a formação de docentes nessa área da educação.

Agradeço, antecipadamente, a colaboração.

Atenciosamente,

Lívia Maciel Sena

Sexo: F () M ()

1. Dentro da disciplina Matemática você considera relevante abordar temas sobre educação financeira e preparo para o consumo?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
 - a) Se a resposta for afirmativa com que frequência?
() semanal () mensal () trimestral

2. Você conversa com seu(sua) filho(a) sobre educação financeira e preparo para o consumo?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes

3. Na sua formação, você recebeu alguma orientação no que se refere à educação financeira?
() não () sim () sim, um pouco
 - a) Se a resposta for afirmativa de quem ou onde?

4. Você sente que o trabalho da Ferinha do 5º ano favorece o desenvolvimento do aluno para um consumo consciente?
() não () sim () sim, depende da forma trabalhada

5. Você realiza algum trabalho prático ou teórico dentro desse tema no ambiente familiar?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
 - a) Exemplifique:

6. Você conhece algum autor que aborda esse tema? Qual?

7. Qual a importância de divulgar o conceito de consumo consciente no ambiente escolar, especialmente para professores?

muito importante de importância relativa pouco importante

Por quê?

8. Você já havia tido contato com a expressão Educação Financeira?

sim não

9. Você considera que é relevante a introdução de novos conceitos sobre este tema na Educação?

não sim sim, já conheço alguns

10. Como pai, você considera relevante introduzir novos conceitos sobre educação financeira e preparo para o consumo consciente na prática?

não sim, imediatamente sim, após pesquisá-los mais profundamente

11. Como você define a relação entre: **Educação Financeira X Consumo Consciente**?

muito importante de importância relativa pouco importante

12. O que mais lhe chama atenção dentro desse tema e que você gostaria de aprofundar, particularmente, com seu(sua) filho(a)?

13. O que você acha que deveria ser implementado como parte do currículo formal em relação à educação financeira e preparo para o consumo consciente no ambiente escolar?

14. Explique o que você compreende a respeito destes conceitos: Educação Financeira e Preparo para o Consumo.

ANEXO 12 – Questionário aplicado aos professores envolvidos no projecto

MESTRADO EM GESTÃO DA FORMAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

Prezados Professores:



Estou cursando o mestrado em Gestão da Formação e Administração Educacional na Universidade de Coimbra e gostaria de contar com a colaboração de vocês, respondendo ao questionário abaixo. Ele faz parte de uma pesquisa que estou realizando sobre o tema Educação Financeira e Preparo para o Consumo com o objetivo de identificar os conhecimentos, habilidades e atitudes que já existem nessa linha. Essa pesquisa poderá contribuir com a formação de docentes nessa área da educação.

Agradeço, antecipadamente, a colaboração.
Atenciosamente,
Lívia Maciel Sena

Sexo: F () M ()

1. Dentro da disciplina Matemática você considera relevante abordar temas sobre educação financeira e preparo para o consumo?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
a) Se a resposta for afirmativa com que frequência?
() semanal () mensal () trimestral

2. Você trabalha com seus alunos os conceitos de educação financeira e preparo para o consumo?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes

3. Na sua formação acadêmica para ser professor do ensino fundamental você recebeu alguma capacitação no que se refere à educação financeira?
() não () sim () sim, um pouco
a) Se a resposta for afirmativa de quem ou onde?
-
-

4. Você sente que o trabalho da Ferinha do 5º ano favorece o desenvolvimento do aluno para um consumo consciente?
() não () sim () sim, depende da forma trabalhada

5. Você realiza algum trabalho prático ou teórico dentro desse tema?
() não () sim, frequentemente () sim, às vezes
a) Exemplifique:
-
-

6. Você conhece algum autor que aborda esse tema? Qual?

7. Qual a importância de divulgar o conceito de consumo consciente no ambiente escolar, especialmente para professores?

muito importante de importância relativa pouco importante

Por quê?

8. Você já havia tido contato com a expressão Educação Financeira?

sim não

9. Você considera que é relevante a introdução de novos conceitos sobre este tema na Educação?

não sim sim, já conheço alguns

10. Como pai, você considera relevante introduzir novos conceitos sobre educação financeira e preparo para o consumo consciente na prática?

não sim, imediatamente sim, após pesquisá-los mais profundamente

11. Como você define a relação entre: **Educação Financeira X Consumo Consciente**?

muito importante de importância relativa pouco importante

12. O que mais lhe chama atenção dentro deste tema e você gostaria de aprofundar mais individualmente e com seu(sua) aluno(a)?

13. O que você acha que deveria ser implementado como parte do currículo formal em relação à educação financeira e preparo para o consumo consciente no ambiente escolar?

14. Explique o que você compreende a respeito destes conceitos: Educação Financeira e Preparo para o Consumo.
